

Em média, cada pensionista da Segurança Social recebe 335 euros por mês

Valor médio das pensões no Baixo Alentejo é dos mais baixos do País

“Por detrás destes números estão histórias de vida desenhadas com trabalho de sol a sol”

| 6/7

Semanário
Regionalista
Independente

Diário do Alentejo

Sexta-feira
29 OUTUBRO 2021
Diretor: Luís Godinho
Ano XC, N.º 2062 (II Série)
Preço: € 1,00

CRISE Aumento do preço dos combustíveis e da eletricidade está a “esmagar” agricultores | 5

ALCÁCER DO SAL. Rendimento Básico Incondicional vai ser testado no Litoral Alentejano | 4

REPORTAGEM. Brancos ‘premium’ do Alentejo. Da Antão Vaz à Terrum e à Trincadeira-das-Pratas, uma viagem pelos 5.000 hectares de vinhas de uvas brancas plantadas no Alentejo | 15/20

castas



OFERTA FORMATIVA
2021/2022

17 CTESP / 16 LICENCIATURAS
15 MESTRADOS / 4 PÓS-GRADUAÇÕES



IPBeja
INSTITUTO POLITÉCNICO
DE BEJA

ESCOLA SUPERIOR **AGRÁRIA**
ESCOLA SUPERIOR DE **EDUCAÇÃO**
ESCOLA SUPERIOR DE **SAÚDE**
ESCOLA SUPERIOR DE **TECNOLOGIA E GESTÃO**

IPBEJA, O TEU SONHO, O TEU FUTURO! WWW.IPBEJA.PT

EDITORIAL

Orçamento

“Não nos será possível, nem enquanto país, nem enquanto região, ultrapassar os constrangimentos e dificuldades que enfrentamos, sem um acordo tão amplo quanto possível relativamente à natureza dos problemas e à forma de os resolver”.

Há dois momentos que ajudam a explicar os motivos da crise política em torno do Orçamento do Estado, não apenas deste, a qual dificilmente se resolverá com a antecipação das eleições. O primeiro remonta a outubro de 2019 quando o PS, poucos dias depois de ter vencido as eleições legislativas, recusou um acordo com o Bloco de Esquerda para a legislatura, um acordo escrito, optando por negociar orçamento a orçamento, medida a medida. O PCP rejeitou esse acordo escrito. E o PS decidiu que, sendo assim, iria tratar por igual os dois “parceiros” de esquerda. “As coisas não serão como dantes”, advertiu António Costa na Comissão Política do partido, querendo com isso sinalizar o maior risco de instabilidade política e o “regresso” da rua, pondo em causa a “paz social”. Os motivos que o levaram a não assinar um acordo de legislatura com o Bloco permanecem inexplicáveis, exceto o facto de António Costa sempre ter considerado o PCP mais confiável. O segundo momento remonta a agosto de 2020 quando, numa entrevista ao “Expresso”, o primeiro-ministro foi taxativo: “No dia em que a subsistência deste Governo depender de um acordo com o PSD, nesse dia este Governo acabou”. Por essa altura já se adivinhava o voto contra do Bloco de Esquerda ao Orçamento do Estado para 2021, o que se veio a verificar, deixando o Governo isolado, dependente da abstenção do PCP na votação parlamentar. Estas duas decisões demarcam o território em que se joga a go-

vernabilidade do País: nem acordos de legislatura à esquerda; nem pontes à direita [recorde-se, a propósito, que enquanto presidente do PSD, entre março de 1996 e maio de 1999, Marcelo Rebelo de Sousa viabilizou os três orçamentos apresentados pelo governo socialista de António Guterres]. Tratando-se de uma opção do Governo, não de uma inevitabilidade, há duas circunstâncias que a ajudam a enquadrar. A primeira prende-se com as enormes diferenças na visão que PS, PCP e Bloco têm da sociedade e do mundo. Não é por acaso que só 41 anos depois do 25 de Abril é que “ruiu” o muro que impedia acordos à esquerda, tendo isso sucedido apenas pela motivação comum de pôr fim ao Governo de Pedro Passos Coelho. A segunda será, porventura, ainda mais complexa e prende-se com um fenómeno acerca do qual já aqui escrevi por diversas vezes: o radicalismo que tomou de assalto o discurso político. O permanente extremar de posições. O fim da moderação, ainda que, como bem lembrou esta semana o Presidente da República, a “verdadeira democracia” esteja “na moderação, nos moderados” e não, “por definição, na radicalização”. Marcelo Rebelo de Sousa apelou à existência de “menos emoção, mais razão” e à necessidade de “mais convergências”, com “mais visão de médio/longo prazo e menos de curto prazo”. Partilho esta posição. Não nos será possível, nem enquanto país, nem enquanto região, ultrapassar os constrangimentos e dificuldades que enfrentamos, nem aproveitar de forma eficaz o novo ciclo de fundos comunitários, sem um acordo tão amplo quanto possível relativamente à natureza dos problemas e à forma de os resolver. **LUÍS GODINHO**

EM DESTAQUE

“Num contexto de ausência de regulamentação específica e de ação pública proativa, as transformações da paisagem agrícola são exclusivamente orientadas por interesses privados”.

Teresa Pinto Correia, professora catedrática
Páginas 12 e 13



5.000

hectares. Em 1989 a área de uvas brancas superava ligeiramente os 500 hectares e as castas tintas não chegavam aos 1.200 hectares, embora muitas vinhas não estivessem inscritas legalmente. Atualmente existem 5.000 hectares de uvas brancas e 18.000 de uvas tintas registadas na área vinica do Alentejo.

Páginas 15 a 20



“DICIONÁRIO DE LINGUAGEM POPULAR DO ALENTEJO”

Página 32

3 PERGUNTAS A...



MÁRIO TOMÉ
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA

Que balanço faz da XII edição da Feira da Caça de Mértola, que decorreu no passado fim de semana?

A Feira da Caça é fundamental para Mértola e representa uma importante fileira económica, neste concelho. O número de expositores interessados em participar no certame e os visitantes que marcam presença no evento – que passem, comem e dormem um pouco por todo o concelho – contribuem, claramente, para a dinâmica do território. A atividade económica precisa deste tipo de eventos para se recuperar dos constrangimentos criado pela pandemia, as pessoas precisam de sair de casa e de sentirem que podem, progressivamente, voltar à sua vida normal. A nossa função é criar condições para que isto aconteça, de forma segura e responsável. Foi isso que fizemos no fim de semana da Feira da Caça.

Constitui-se este certame como uma

oportunidade para “pensar”, o concelho de Mértola?

Este certame representa uma oportunidade para refletir sobre Mértola, analisando o seu enquadramento histórico e identificando quais as apostas que queremos para este território. A atividade cinegética é fulcral para o concelho de Mértola, ao longo do ano. Para além de pertencer à sua matriz cultural, desde o tempo em que esta vila foi habitada por antigos povos, a atividade cinegética gera, atualmente, um conjunto de mais-valias económicas a que ninguém pode ficar indiferente. Para além da componente económica, a atividade cinegética entronca numa estratégia municipal de promoção do território, dando-o a conhecer e possibilitando a descoberta de outros produtos turísticos aqui existentes, para além de tantas outras valências que poderíamos referir, como o seu contributo para a preservação de ecossistemas ou a capacitação de agentes na preservação da sanidade animal das espécies cinegéticas.

Em julho passado, o PAN apresentou na Assembleia da República uma proposta de

revogação da atual lei da caça, que prevê, entre outras medidas, a proibição de caçar várias espécies cinegéticas e que os cães utilizados para esta atividade tenham de se manter presos por trela ou usar açaime. Que comentário faz a esta iniciativa legislativa?

Num mundo onde a “urbe” apela, cada mais vez, à preservação da paisagem, da biodiversidade, da regeneração de ecossistemas, a práticas sustentáveis em todas as vertentes (particularmente na alimentação) existe uma atividade que já o faz, que sempre o fez e que sempre o continuará a fazer: a atividade cinegética! É necessário que consigamos comunicar as boas práticas que fazemos em prol da sobrevivência do mundo natural, valorizando os serviços prestados por associações, empresas cinegéticas e por todos os caçadores. Por outro lado, é necessário criar pontes e mostrar que os caçadores não são pessoas sem escrúpulos ou que não respeitam o meio ambiente e o bem-estar animal – os caçadores são, sim, a vanguarda na preservação do património natural e é essa a mensagem que teremos de saber comunicar.

JOSÉ SERRANO

IPSIS VERBIS



“A economia ainda está nos cuidados intensivos e já queremos ir correr a maratona? Ainda nem começamos a recuperar o que se perdeu de músculo financeiro, e já estamos empenhados em paralisar economicamente o País”.

João Paulo Ramôa, in Radio Pax

Semanada

SEGUNDA-FEIRA, 25

PSP DE BEJA SENSIBILIZOU ALUNOS PARA O 'BULLYING'

O Programa Escola Segura da PSP realizou 12 Ações de Sensibilização, subordinadas à temática do 'bullying' e com a designação "Bullying é para fracos", dirigidas a crianças/adolescentes dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos escolares, assistidas por cerca de 180 alunos. A revelação consta do relatório semanal da atividade operacional realizada pela PSP. De acordo com a mesma fonte, o Núcleo de Armas e Explosivos do Comando Distrital de Beja, nas suas instalações, procedeu à recolha de 17 armas de fogo, perdidas a favor do Estado.

TERÇA-FEIRA, 26

ICNF REFORÇA FISCALIZAÇÃO NOS OLIVAIS

O Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) anunciou que vai intensificar a fiscalização nos olivais do Alentejo na campanha olivícola 2021-2022, para evitar apanha mecânica noturna de azeitona, que provoca morte de aves. Em comunicado, o ICNF informa que irá "intensificar as ações de fiscalização ao longo da campanha", no sentido de "assegurar que não ocorre qualquer prática que possa promover a mortalidade de aves, designadamente a apanha noturna de azeitona", ou seja, "no intervalo de tempo entre o ocaso e o nascer do sol".



FOTO DA SEMANA

As populações de sete localidades do concelho de Odemira dispõem de aulas de viola campaniça este ano letivo, através de um novo ciclo de ensino promovido pelo Centro de Valorização da Viola Campaniça e do Cante de Improviso, com sede na aldeia de S. Martinho das Amoreiras. As aulas decorrem nos dias úteis, em horário pós-laboral, nas aldeias de Bicos, Colos, Luzianes-Gare, Sabóia, Santa Clara-a-Velha e S. Martinho das Amoreiras e na vila de S. Teotónio, precisa o município, referindo que os interessados podem ainda inscrever-se nas juntas de freguesia ou no centro. Em S. Martinho das Amoreiras também são dinamizadas aulas de iniciação à teoria musical, às quartas-feiras, em horário pós-laboral, e de iniciação e aperfeiçoamento de construção de violas campaniças, aos sábados de manhã.

CARTAS AO DIRETOR

MARIANA ALCOFORADO

JOAQUIM COSTA, BEJA

A vinte e dois de abril de mil seiscientos e quarenta, num dia de águas mil, ao mundo se apresenta uma menina formosa da família Alcoforado, gente rica e famosa deste heroico ducado. Não era a única herdeira da família Alcoforado e o destino de ser freira foi-lhe cedo então traçado. Com onze anos de idade e pela mão de seu pai, cumprindo a sua vontade,

pró Convento Mariana vai.

Cinco anos volvidos de vida no Convento, os votos são recebidos com humilde sentimento. Aos vinte anos provou do feitiço arrebatador de um olhar que vislumbrou pela janela do corredor, desse convento clausura. Num instante se enamorou por essa nobre criatura que seu coração conquistou. De tanto amor e paixão esta jovem padeceu, no Convento da Conceição, e por isso ela escreveu cinco cartas do amor frustrado,

que para França enviou, destinadas ao seu amado que nunca mais regressou. Não voltou nem respondeu aos apelos de sua amada. Na última carta que escreveu confessou-se resignada. Amou sem ser amada sofrendo de grande paixão, que a tornou mal julgada por falta de compreensão. Como freira continuou no Convento da Conceição e para a História ficou a sua grande paixão.

Em clausura viveste tua sina atormentada e, no local onde sofreste, também foste sepultada. Mariana Alcoforado mulher de Beja, bendita, Teu nome é recordado pela tua obra escrita.

SEM-ABRIGO

AUGUSTO SOUSA, RECEBIDA POR EMAIL

Publicou o nosso "DA" a notícia de que Alvitto e Beja estão entre os concelhos do País com maior percentagem de pessoas sem-abrigo. O que muita gente talvez desconheça é que sem-abrigo não é apenas aquela pessoa que vive na rua. São também as pessoas que vivem em abrigos de emergência, em habitações desadequadas (como caravanas ou tendas), em casa de familiares por não terem dinheiro para pagar uma renda, etc. É um conceito muito mais vasto, que nos faz pensar nas desigualdades existentes na nossa sociedade.

As "Cartas ao diretor" devem indicar nome e contactos do autor. Não devem exceder os 1 500 caracteres e podem ser remetidas por email ou correio postal. O "Diário do Alentejo" reserva-se o direito de selecionar as cartas por razões de atualidade ou espaço e, sempre que ultrapassem o tamanho estabelecido, de as condensar.

ATUAL

Um grupo de habitantes de Alcácer do Sal irá receber durante dois anos 500 euros mensais, sem contrapartidas e independentemente da sua condição social. Trata-se de uma experiência piloto para testar o impacto do Rendimento Básico Incondicional (RBI) no emprego e no bem-estar da comunidade abrangida. O trabalho de campo decorreu entre maio e junho deste ano e foi coordenado por Catarina Neves, uma investigadora da Universidade do Minho que neste momento está a trabalhar no seu doutoramento com uma tese sobre a justificação filosófica para o RBI. O grupo que beneficiará deste programa ainda não está escolhido mas incluirá diferentes extratos da população quer ao nível etário, quer de género. A ideia partiu de um natural da terra que, depois de ter trabalhado vários anos no estrangeiro, regressou a casa para fazer “algo diferente” pelas pessoas do seu concelho.



Rui Ribeiro é um dos dois gestores do projeto que pretende testar a introdução do RBI em Alcácer do Sal, terra de onde é originário e onde estudou Artes e Ofícios na escola secundária. Posteriormente licenciou-se em Design Multimédia na Universidade da Beira Interior.

Qual a razão do seu interesse pelo Rendimento Básico Incondicional (RBI) e que percurso fez até aqui?

Fiz carreira numa agência de publicidade digital em Lisboa e mais tarde imigrei para a Holanda para trabalhar na organização não-governamental (ONG) RNW media como coordenador de ‘design’ onde ajudei a executar, desde a sua conceção, projetos com impacto social e humanitário em países como o Iémen, China, Burundi e Índia. Após alguns anos fui contactado para me juntar à equipa de ‘design’ e ajudar no processo de ‘rebranding’ e ‘spin-off’ da Philips Lighting e para liderar a comunicação da Phone lips Hue. Entretanto, retornei a Portugal para viver em Alcácer do Sal, onde trabalho como consultor criativo e de ‘design’. O meu interesse pelo RBI começou ao perceber duas coisas: que a meritocracia é uma falácia e que o RBI é uma ferramenta económica mais justa se usada como

complemento a políticas sociais. Este ‘insight’ veio após várias conversas com a minha parceira, que é especialista em políticas sociais e economia social. Devo confessar que principalmente dois livros foram muito inspiradores, o “Give People Money”, de Annie Lowrey e o “Tyranny of Merit”, de Michael Sandel. Em termos de motivação vi Alcácer do Sal - ao longo dos anos que vivi aqui, mas que trabalhei em Lisboa, e principalmente após sete anos emigrado - a degradar-se socialmente, e acho que é tempo de fazermos algo de diferente principalmente para dar esperança às pessoas. Não vejo o RBI como uma bala de prata mas como uma ferramenta que promove justiça social.

Para além de ser a sua terra de origem, existe mais algum fator que torne Alcácer do Sal ideal para fazer este tipo de experiência?

Sim, essa foi uma discussão que tivemos com especialistas no tema e achamos que é um fator inovador por ser feito num concelho vasto mas com pouca densidade populacional, o que nos fez pensar que para um piloto de RBI reúne condições muito interessantes para medir um impacto na economia local mantendo uma amostra de entre 75 a 200

O QUE É O RBI?

O Rendimento Básico Incondicional é uma proposta política que visa dar uma prestação monetária, a todos os cidadãos, de forma incondicional, ou seja, livre de obrigações. Apesar de ser uma proposta pouco conhecida, pensadores como Thomas More (no século XVI), ou Thomas Paine (no século XIX) já a tinham sugerido. São conhecidas várias experiências como, por exemplo, nos anos 50 e 60, nos EUA e Canadá. E outras, mais recentes, na Finlândia, Países Baixos, Barcelona e Alemanha. Foram ainda desenvolvidos projetos-piloto na Namíbia, Quênia e Índia. Atualmente, nos EUA, decorre a iniciativa “Mayors for Guaranteed Income”, que conta já com dezenas de experiências de rendimento básico. A primeira delas ocorreu em Stockton, Califórnia – “The Seed Project” - cujos resultados foram publicados no verão de 2021. A pandemia de covid-19 e as desigualdades que ficaram à vista vieram recolocar o tema na agenda internacional.

personas residentes no concelho. E o facto de ser um concelho pobre também ajuda a que o impacto seja refletido na vida das pessoas.

Como é que é selecionado o grupo?

Ainda não chegamos a uma conclusão definitiva sobre o desenho do piloto. O nosso desejo seria testar também a universalidade do RBI. Por exemplo, dar o mesmo valor por indivíduo independentemente de ser solteiro, casado, com dependentes ou não, pertencente à classe média ou alta. Percebendo o panorama atual de financiamento dado pelo Estado ou pela Comunidade Europeia, os objetivos são muito claros de criar pilotos ou experiências social que apenas impacte os “miseráveis”. E digo de propósito “miseráveis” pois os valores que falamos ou as intervenções feitas permitem tirar pessoas da miséria para o estado social de pobres ou muito pobres. É uma crítica que deixo, e penso que muitos a partilham. O nosso objetivo seria selecionar um bairro ou uma aldeia para o projeto-piloto ou selecionar um grupo de pessoas muito pobres.

O financiamento já está garantido. O que nos pode dizer em relação a isso e qual o papel da Câmara de Alcácer do Sal e de outras instituições regionais e do Governo?

Não e está longe de o conseguir pois neste momento não temos ferramentas ao nosso dispor, mas em princípio, no próximo ano, temos novos modelos de financiamento que podemos explorar. Tenho andado em diálogo com uma consultora para o garantir. O município e a associação de municípios já foram contactados em vários momentos. Pretendemos que a autarquia assine um manifesto de apoio ao projeto, como primeiro passo afirmativo que esse é o desejo político da câmara de Alcácer do Sal. Ainda espero por uma resposta sobre o tema.

Em notícias de casos semelhantes, por exemplo na Finlândia, dá a ideia que a experiência não atingiu os resultados esperados...

Posso dizer muita coisa, sobre isso, até começando por perceber que a experiência da Finlândia foi desenhada de uma forma a libertar os desempregados do ‘stress’ de procurar emprego e os objetivos foram “medir” se essas pessoas conseguiram entrar no mercado de trabalho de uma forma mais rápida. Ora, as pessoas desempregadas não têm impacto direto nas oportunidades de emprego, mas se olharmos para os objetivos sociais, o nível de ‘stress’ reduziu. Recomendava que analisassem os resultados feitos na Coreia do Sul, Namíbia, Quênia ou mesmo na Catalunha; ou nos Países Baixos.

Rui Ribeiro quer testar em Alcácer do Sal a aplicação do Rendimento Básico Incondicional

rbí

TEXTO ANÍBAL FERNANDES



A Confederação Nacional de Agricultura (CNA) manifestou “grande preocupação com alguns problemas que têm afetado negativamente os rendimentos dos agricultores”, em particular o grande aumento dos custos dos fatores de produção, de transformação e comercialização. Segundo a CNA, a “subida brutal do preço dos combustíveis, da eletricidade e também dos fertilizantes e da alimentação animal, afeta diretamente a competitividade do setor o que resulta num impacto desastroso no rendimento dos agricultores”.

Aumento do preço dos combustíveis está a “esmagar” agricultores

Num ano o gasóleo agrícola subiu 44 por cento. Rações e adubos também estão mais caros

O setor agrícola encontra-se sobre forte pressão com o aumento do preço dos combustíveis que provocam a subida de outros fatores de produção como, por exemplo, os fertilizantes e a alimentação animal. O aumento de preços para o consumidor é a consequência inevitável.

TEXTO ANÍBAL FERNANDES

“O aumento dos preços dos combustíveis está a provocar ondas de choque nos preços de fatores de produção para a agricultura que podem conduzir à disrupção da sustentabilidade económica das explorações agrícolas e pecuárias em todo o país”. É desta forma que a Federação das Associações de Agricultores do Baixo Alentejo (Faaba) descreve o momento atual.

Para os agricultores alentejanos já se está perante “uma escassez generalizada na oferta de produtos e matérias-primas” e uma “escalada generalizada de aumentos de preços sem um fim à vista”. É pois de esperar problemas tanto na produção, como para os consumidores.

A nível nacional as organizações de agricultores denunciaram nos últimos dias “a subida brutal do preço dos combustíveis”, que contribui negativamente para a perda de competitividade do setor e tem impactos “desastrosos” no rendimento dos empresários. Fonte da Confederação Nacional de Agricultura (CNA) alertou para o facto de esta conjuntura vir a ter consequências nos preços ao consumidor e que estes “podem não vir a compensar” os produtores.

A CNA recorda que por cada 100 euros pagos pelos consumidores, metade fica na distribuição, 30 euros são da transformação e “apenas 20 por cento” chegam ao agricultor que, com esse valor, tem de fazer face aos custos de produção que atingem os 75 por cento daquilo que recebe.

Por outro lado, o presidente da Confederação dos Agricultores Portugueses (CAP), Eduardo de Oliveira e Sousa, defende que “o



AGRICULTORES PODEM VIR A PRODUZIR 40 POR CENTO DA ENERGIA QUE CONSOMEM

A EDP e a Confederação dos Agricultores Portugueses têm uma parceria que visa a eficiência energética no setor agrícola e que poderá, através de painéis solares, produzir cerca de um terço da energia necessária. O estudo feito pela elétrica nacional incidiu sobre 2100 empresas agropecuárias e concluiu que este universo de empresas podia produzir 114 gigawatts/hora (GWh) por ano em eletricidade limpa ocupando 21 hectares em todo o País de terrenos, mas também de coberturas de edifícios ou parques de estacionamento. A poupança prevista poderá atingir 40 por cento da quantia gasta neste fator de produção e o investimento paga-se ao fim de, em média, seis anos. Segundo a EDP a opção por esta fonte de energia permitiria ainda evitar a emissão de 28 toneladas de carbono por ano no setor da agricultura.

setor dos combustíveis é muito importante para o setor agrícola” e que o primeiro-ministro se tinha comprometido a reforçar “as medidas de contenção desta escalada de preços, principalmente, tentando minimizar efeito do aumento do custo na origem”.

A Faaba apelou ao Governo para que sejam tomadas medidas que “mitiguem os efeitos do aumento dos custos de produção e da eventual perturbação da oferta”. Também a CNA exige aos

decisores políticos “o aumento do desconto nos impostos em vigor para o gasóleo agrícola”.

Segundo a Faaba, o gasóleo agrícola sofreu um agravamento de 44 por cento entre outubro de 2020 (0,66 euro/litro) e outubro de 2021 (0,95 euros). “Relativamente à última campanha, os adubos utilizados nas sementeiras tiveram aumentos absolutamente proibitivos e asfixiantes situando-se entre 82 por cento e 126 por cento” e a ureia

os preços dos combustíveis e rações praticados em Espanha onde se observa “uma diferença muito significativa”.

AUMENTO EXPONENCIAL Nuno Faustino, produtor agropecuário e presidente da Associação de Criadores do Porco Alentejano, teme que a pressão do aumento de preço dos combustíveis sobre o setor leve alguns produtores “a equacionar suspender ou redimensionar as suas explorações”.

O agricultor lembra que nesta atividade “quase tudo depende dos combustíveis”. Não só os tratores e outras maquinarias utilizadas nos campos, mas também todos os outros produtos que têm de adquirir e que chegam através de transportadoras: adubos, rações, cereais, ferro, etc. Aliás, o preço destes fatores de produção já mostra aumentos significativos atingindo, em alguns casos, os 40 por cento. “Estamos a ser esmagados num curto espaço de tempo, com aumentos exponenciais”.

“O gasóleo agrícola está a um euro, quando há poucos meses atrás estava na casa dos 60 centimos”, regista. E no caso da sua exploração, carne de porco de montanha, o aumento previsto “não será suficiente” para atingir os preços que se praticavam antes da pandemia da covid-19. “Estamos a ser esmagados num curto espaço de tempo” e “não tenho ideia de que o Governo tenha feito alguma coisa para minorar a situação”, lamenta Nuno Faustino.

CEREAIS No setor dos cereais a situação não é melhor. A partir de janeiro “ficamos totalmente expostos ao que os outros países nos quiserem vender” para nos alimentarmos em termos de cereais. “Se houver um bloqueio ou apenas se um navio não puder atracar ou não conseguir chegar a tempo aos portos portugueses, só teremos cereais para pouco mais de 15 dias”, disse ao semanário “Expresso” o presidente da Associação Nacional dos Produtores de Milho e Sorgo (Ampromis), Jorge Neves. Recorde-se que Portugal importa 75 por cento do milho que precisa e mais de 90 por cento do trigo utilizado no fabrico de pão e de massas.

– um adubo muito utilizado – “sofreu um aumento de 153 por cento”, denunciam os agricultores baixo-alentejanos.

Na cultura do trigo o impacto do aumento dos preços dos combustíveis é revelador da atual situação. “Enquanto na campanha do ano passado os encargos com a cultura rondavam os 540 euros por hectare, este ano as contas apontam para um valor na ordem dos 815 euros”, o que, segundo a Faaba, “inviabiliza esta cultura, especialmente em sequeiro”.

Já no caso do olival “ocorreu um aumento de aproximadamente 300 euros por hectare nos custos de produção, o que corresponde a um incremento de 13 por cento” e a tendência é para os custos aumentarem.

Também na pecuária a situação é “preocupante”. As rações para animais em apenas um ano subiram entre 10 e 25 por cento e “a tendência é para aumentar ainda mais tendo em consideração o elevado preço dos cereais na presente campanha”, alerta a Faaba que compara com



O presidente da Câmara de Grândola, António Figueira Mendes, reuniu com a empresa Discover Land Company – nova proprietária do Parque de Campismo da Galé. Segundo o autarca, o parque, “embora privado”, cumpre “há vários anos funções importantes de serviço público e é uma fonte de criação de emprego e gerador de receitas para a economia do concelho”. Por isso, Figueira Mendes diz ser “de grande importância” garantir que se irá manter em funcionamento.

Valor médio das pensões no Baixo Alentejo é dos mais baixos do País

Aljustrel regista o montante mais elevado; Barrancos o mais baixo

O valor médio das pensões da Segurança Social pagas no Baixo Alentejo aumentou 21,2 por cento em 10 anos. O montante é, no entanto, inferior à média nacional, sendo, ainda, o mais baixo da região Alentejo. Comparativamente a 2011, os aumentos mais significativos observam-se nos concelhos de Castro Verde e Aljustrel e os mais baixos em Barrancos e Cuba.

TEXTO NÉLIA PEDROSA

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), atualizados no início deste mês, o valor médio das pensões – invalidez, velhice e sobrevivência – pagas pela Segurança Social no Baixo Alentejo (NUTS III) é de 4690 euros anuais, mais 21,2 por cento do que em 2011 (3870 euros/ano).

Este montante é, no entanto, inferior à média nacional (5811 euros/ano), correspondendo a 80,7 por cento desse valor, sendo, ainda, o mais baixo da região Alentejo – Alentejo Litoral (5443 euros/ano), Alentejo Central (5174) e Alto Alentejo (4825). Mensalmente, os pensionistas no Baixo Alentejo recebem, em média, 335 euros.

Em termos nacionais, o valor médio anual mais elevado regista-se na Área Metropolitana de Lisboa (7462 euros/ano) e o mais baixo no Alto Tâmega (3827).

Os dados disponibilizados pelo INE mostram igualmente que o valor médio anual das pensões é muito assimétrico no Baixo Alentejo, com os montantes mais elevados a serem registados nos concelhos de Aljustrel (5752 euros/ano) e Castro Verde (5486) e os mais baixos em Moura (4300) e Barrancos (3983).

Comparativamente a 2011, os aumentos mais significativos observam-se nos concelhos de Castro Verde (39,6 por cento), Aljustrel (30,4 por cento) e Almodôvar (27 por cento) e os mais baixos em Alvito (14,5 por cento), Barrancos (13,9 por cento) e Cuba (11,8 por cento).

Este valor médio das pensões pagas no Baixo Alentejo está abaixo do limiar de risco



JOSE FERROLHO

de pobreza (6480 euros/ano), ou seja, o limite do rendimento abaixo do qual se considera que uma família se encontra em risco de pobreza. Este valor foi convencionalizado pela Comissão Europeia como sendo o correspondente a 60 por cento da mediana do rendimento por adulto equivalente de cada país.

O presidente da União Distrital de Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) de Beja frisa,

em declarações ao “Diário do Alentejo”, que os valores médios das pensões referentes ao Baixo Alentejo “incluem, certamente, ainda uma população que exerceu a sua atividade profissional antes do 25 de Abril e só obteve pensão de reforma graças ao regime instaurado no país democrático”. “Muitos deles eram trabalhadores agrícolas, ou donas de casa, que, infelizmente, nunca puderam beneficiar de um sistema de segurança social

como o que hoje existe, pelo que nunca lhes foi conferida a possibilidade de fazerem os respetivos descontos para garantir uma pensão mais digna”, especifica Vítor Igreja.

Para além disso, situando-se o Baixo Alentejo no interior do País e sendo “constituído por uma população de baixas qualificações e onde a oferta de trabalho existente é, preferencialmente, para atividades indiferenciadas e mal remuneradas, será perfeitamente

expectável que as pensões pagas pela Segurança Social sejam das mais baixas do País”, acrescenta.

A “quase inexistência de atividade industrial ou de empresas que requeiram pessoal especializado”, refere ainda o dirigente, “fomenta o afastamento da população mais qualificada e mais jovem, diminuindo a população e agravando o seu envelhecimento”.

MINAS JUSTIFICAM VALORES MAIS ELEVADOS EM ALJUSTREL E CASTRO VERDE

O presidente da mesa do conselho geral do Núcleo Distrital de Beja da EAPN/Rede Europeia Anti-Pobreza sublinha, por sua vez, que “importa re- curar até pelo menos 40 anos (período de início de descontos)” para “se compreender a realidade da região” de então. “A atividade principal era a agricultura, fundamentalmente de culturas de sequeiro, o trabalho era escasso e sazonal, o que levou muitos alentejanos a emigrar ou a procurarem oportunidades no litoral ou na Área Metropolitana de Lisboa”, diz João Martins.

Há quatro décadas, prossegue, “também não existia o rigor fiscal atual, o que levava muitas vezes, quer por interesse da entidade patronal e/ou do trabalhador, a não se declararem trabalhos pontuais, o que acarretou como consequência valores de pensões mais baixas na atualidade”.

O responsável salienta, ainda, que “os trabalhos melhor remunerados dos mineiros justificam que em Aljustrel e Castro Verde os valores das pensões sejam superiores” e que o aumento do valor médio das pensões verificado nos últimos 10 anos poderá justificar-se “com oportunidades crescentes e melhores remunerações decorrentes do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva e de as novas atividades económicas, como o turismo, a restauração, entre outras, ganharem mais expressão e proporcionarem melhor remuneração, a par de um melhor controlo fiscal”.

O valor médio das pensões no Baixo Alentejo, “abaixo do limiar de risco de pobreza, é um facto que só surpreende quem não lida



SUSANA MONTEIRO

diariamente com a dura realidade dos nossos idosos”, afirma o presidente do Secretariado Regional de Beja da União das Misericórdias Portuguesas. E lembra que “há mais de cinco séculos que as Misericórdias se entregam a cuidar dos idosos, dos desfavorecidos da sociedade, ancoradas nos seus valores e raízes, tendo como princípio o que magistralmente em tempos recentes o papa Francisco afirmou, ‘uma comunidade, um Povo, um Estado que não cuida dos seus idosos é um povo sem futuro, porque quem não cuida das suas memórias não tem futuro’”.

Francisco Ganhão sublinha que “por detrás destes números estão pessoas, histórias de vida, a sua grande maioria desenhadas com trabalho de sol a sol, empenho, dedicação e carinho para com os seus descendentes, com o propósito de lhes proporcionar ‘ferramentas’, as quais permitiram a ascensão social e melhores condições de vida. São seres humanos que merecem um tratamento digno, qualidade de vida e cidadania”.

“REPERCUSSÕES PESADAS NA QUALIDADE DE VIDA” Para o presidente da União Distrital de IPSS de Beja, “é claro e inequívoco que os baixos rendimentos dos idosos têm repercussões pesadas na qualidade da sua vida, quer permaneçam no seio da família, quer já se encontrem numa residência para idosos, ou, ainda bem pior, se viverem isolados”. Normalmente “estes idosos são oriundos de agregados familiares com rendimentos reduzidos, passando a constituir um acréscimo nas dificuldades que as famílias já atravessam, sobretudo, se o idoso necessitar de medicamentos, apresentar dificuldades na mobilidade, ou, ainda, se sofrer algum tipo de doença limitativa da sua capacidade intelectual”.

Vítor Igreja assegura que nas estruturas residenciais para idosos é feito, neste momento, “um elevado esforço para que os idosos possam ter o melhor apoio possível, em função dos recursos disponíveis”. No entanto, as dificuldades de financiamento que afetam estas instituições “estão a atirá-las para a falência ou a obrigá-las a sobreviver no limite das suas capacidades”, alerta.

“O modelo de financiamento vigente incorpora uma componente estatal e uma componente familiar, sendo que esta última é proporcional ao valor da pensão do utente. Se o conjunto dos utentes tiver pensões de baixo valor, como acontece no Baixo Alentejo, a fonte de receita das instituições

COMBATER A POBREZA NA TERCEIRA IDADE

Tendo em conta o valor médio atual das pensões no Baixo Alentejo, o presidente do Secretariado Regional de Beja da União das Misericórdias defende a implementação de “limites mínimos e máximos”: “O mínimo seria equivalente ao salário mínimo nacional, sendo assim possível combater a pobreza na terceira idade. O máximo deveria ser o Estado a propor, sendo que o beneficiário poderia compor a sua pensão acumulando com um seguro poupança reforma. Desta maneira teríamos uma realidade equilibrada e humanista no que diz respeito às reformas atribuídas

pelo Estado”. Já o presidente da mesa do conselho geral do Núcleo Distrital de Beja da EAPN considera que o Baixo Alentejo “de hoje e do futuro afigura-se como uma das regiões do País com maior potencial de crescimento económico, potenciador de geração de emprego permanente, muito do qual qualificado, fator que permite e permitirá a oferta de melhores salários”. O aumento previsto do salário mínimo, por outro lado, é um fator que “gradualmente permitirá, num futuro próximo, que os pensionistas venham a usufruir de melhores ‘reformas’”, conclui.

será sempre insuficiente para poder dar cumprimento à sua função social de acolhimento de idosos e dar lugar à prestação de um serviço com qualidade a que todos deveriam ter direito”.

De acordo ainda com o dirigente, “o número cada vez maior de idosos com algum tipo de demência, ou em situação de

privação de mobilidade, que os hospitais recusam manter por períodos prolongados, e as famílias não conseguem apoiar, só obtém acolhimento nas estruturas residenciais do setor social”. Contudo, “é apenas sobre estas que recai o acréscimo nos custos com recursos humanos e materiais”.

Defende, por isso, “o fomento da qualidade de vida das populações, melhorando a sua alimentação, a prática de exercício físico e a atividade intelectual”. Só deste modo “podemos garantir uma vida mais prolongada, com mais autonomia, reduzindo as doenças e limitações próprias da idade, e investindo num apoio

domiciliário integrado, que mantenha os idosos no seu domicílio durante mais anos de vida, evitando assim o seu declínio precoce, e tornando-os menos dependentes dos serviços de apoio”.

COMPLEMENTO SOLIDÁRIO PARA IDOSOS “É FUNDAMENTAL” O presidente da mesa do conselho geral do Núcleo Distrital de Beja da EAPN/Rede Europeia Anti-Pobreza sublinha que o povo alentejano “é extremamente resiliente e possui orgulho próprio”, pelo que, “não obstante as baixas pensões, e por se estar numa região rural, a grande maioria das pessoas possui ou tem um familiar que tem uma pequena horta, o que apoia e compensa, de algum modo, a vida diária”. De igual forma, é um povo “solidário e nas situações mais extremas, ao nível familiar, encontra-se quase sempre um suporte e auxílio”. João Martins realça, ainda, “uma outra característica do povo alentejano, que é a de se acomodar à sua situação”.

Por outro lado, Portugal “é possuidor de um ‘Estado Social’, em que mesmo com baixas pensões ninguém é excluído de entrar num lar ou casa de repouso, sendo que a grande maioria possui acordos com a Segurança Social”. As situações mais críticas, diz, “são sinalizadas e existem mecanismos e entidades de apoio no terreno”. Em seu entender, os complementos solidários para idosos e “outras medidas análogas são fundamentais para os casos de reformas mais baixas”.

Sem “a existência das Misericórdias localmente”, garante o presidente do Secretariado Regional de Beja da União das Misericórdias Portuguesas, “a realidade seria cruel para estes pensionistas do distrito de Beja”. Francisco Ganhão frisa que a “experiência adquirida pelo amor ao próximo ao longo de mais cinco séculos [de atividade das Misericórdias]” permite “atenuar os efeitos destas parcas reformas, quer seja através do apoio alimentar que é dado diariamente pelas Misericórdias e IPSS no distrito de Beja, quer da integração destes idosos em vagas de serviço de apoio domiciliário, centro de dia ou lar, assegurando, assim, um tratamento digno, higiene habitacional e pessoal, companhia, socialização (dado que alguns idosos não apresentam ter suporte familiar), animação e atividades socioculturais, para que estejam ativos e assim se retarde o seu envelhecimento abrupto”.



O Europe Direct Baixo Alentejo tem em curso um inquérito à população da região para saber “qual a sua perceção geral relativamente à União Europeia e às suas políticas”. As principais conclusões da análise das respostas ao inquérito serão posteriormente divulgadas no ‘site’ do Centro e enviadas para a Representação da Comissão Europeia.

Fátima Carvalho quer um IPBeja “mais relevante no contexto regional”

Conselho Geral elegeu nova presidente do Instituto Politécnico de Beja. Intensificar as relações com as empresas e instituições públicas e privadas da região é uma das prioridades

O “reduzido número” de candidaturas e matrículas em alguns cursos, o “nível insatisfatório” da produção científica e uma “escassa disseminação” das atividades de investigação e desenvolvimento são algumas das “principais fraquezas” que “persistem” no Instituto Politécnico de Beja (IPBeja), diz a nova presidente da instituição, Fátima Carvalho, eleita na passada segunda-feira, dia 25.

TEXTO LUÍS GODINHO

Estes problemas – de resto, identificados no último plano estratégico elaborado para o IPBeja, somam-se ainda a “reduzida prestação de serviços de elevado valor” à comunidade e a “divulgação reduzida das atividades nucleares” desenvolvidas no Politécnico.

“A capacidade de atração de estudantes do IPBeja e de outras instituições de ensino superior do interior, é afetada por diversos fatores sendo os mais importantes a baixa densidade demográfica da região e o envelhecimento da população”, refere Fátima Carvalho no plano de ação para os próximos quatro anos. A nova presidente acrescenta que essa capacidade de atração é ainda condicionada pelo envelhecimento da população, pela proximidade das universidades de Évora e do Algarve e pelo abandono escolar nos vários graus de ensino.

No entanto, prossegue, “nos últimos anos, a área de influência geográfica do IPBeja tem vindo, cada vez mais, a estar no centro das decisões de investimento, fruto do esforço dos empresários e das instituições públicas e privadas da região”, em investimentos como o desenvolvimento do perímetro de rega do Alqueva, o porto de Sines ou o turismo.

“Os investimentos efetuados, direta ou indiretamente devidos a estes vetores, necessitam de pessoas com as qualificações que o IPBeja pode conferir, como instituição de proximidade. Estes aspetos fazem com que a atividade do IPBeja se torne mais relevante no contexto económico e social da região em que se insere”, sublinha a



IPBEJA QUE “INTENSIFICAR” RELAÇÕES COM A COMUNIDADE

A nova presidente do IPBeja diz ser “imperativo” intensificar a relação da instituição com a comunidade (empresas e entidades públicas e privadas), estimulando a realização de iniciativas conjuntas de interesse mútuo. “O sucesso desta relação passa por uma maior consciencialização interna da importância da transposição do conhecimento produzido para a economia e de uma sensibilização das empresas e outras entidades para uma maior aposta no investigação e desenvolvimento como forma de darem o salto para um ecossistema de inovação”, sublinha Fátima Carvalho. Entre as propostas para esta área inclui a “análise e concretização de eventuais parcerias para acesso aos diversos programas e fundos europeus, nomeadamente no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência, visando uma aposta na inovação que permita alavancar as transições digital e verde”.

nova presidente, segundo a qual o Politécnico “assume especial relevância no contributo para a fixação de jovens diplomados e no abrandamento da desertificação demográfica, bem como no apoio à economia regional e na qualificação das organizações”.

Neste prato da balança, e além do contributo para o desenvolvimento regional, Fátima Carvalho

diz serem “indiscutíveis algumas forças” da instituição, designadamente a sua “relevância institucional e identitária” a nível local e regional, a visibilidade de alguns cursos, a existência de um número “considerável” de estudantes estrangeiros, além da proximidade entre docentes e alunos.

No plano de ação para os próximos quatro anos, a nova

presidente - doutorada em Ciências Químicas e professora coordenadora principal do IPBeja – propõe-se “incrementar a notoriedade e o reconhecimento público” da instituição, “com base na qualidade da formação, no desenvolvimento de projetos de investigação e desenvolvimento e na prestação de serviços” à comunidade.

Valorizar o papel da investigação aplicada, inovar “nas vertentes pedagógica, científica, tecnológica, artística, cultural, social e de serviços” e apostar na cooperação com outras instituições de ensino superior e na internacionalização, são outras das “orientações estratégicas” de Fátima Carvalho, que se propõe ainda “intensificar a cooperação com os protagonistas do setor privado e público da região”, apostar na “divulgação ao exterior de iniciativas integradas, coesas e coerentes com a missão institucional” e criar condições para uma oferta de formação contínua para professores dos ensinos básico e secundário”.

ÁREAS DE INTERVENÇÃO Para alcançar estas “opções estratégicas”, a nova presidente do IPBeja propõe um conjunto de 13 “áreas de intervenção” nos mais diversos domínios, a começar pela “principal missão” de qualquer instituição educativa: o ensino e a formação. “Desejo que o Politécnico seja reconhecido por oferecer uma formação moderna e atual, que acompanhe o desenvolvimento técnico-científico e os desafios sociais”.

Para isso defende a promoção de “novas formações ajustadas às necessidades regionais e nacionais”, a reestruturação dos planos curriculares dos cursos, “respondendo de uma forma eficiente às exigências sociais e aos desafios do futuro em estreita colaboração com o mundo empresarial e outras organizações”, a reorientação da oferta formativa e a criação de condições para a oferta de formação contínua direcionada aos professores dos ensinos básico e secundário, “tentando dinamizar os recursos existentes na instituição, antecipando necessidades do sistema educativo e em resposta às necessidades sociais de formação ao longo da vida”.

Fátima Carvalho sublinha igualmente “a necessidade de uma maior interligação entre o que se ensina e o que se investiga nas diferentes áreas disciplinares”, bem como a importância de o IPBeja “continuar a investir na promoção de uma cultura empreendedora que estimule a criatividade, a inovação, espírito de iniciativa e releve a transferência para a sociedade do conhecimento gerado” na instituição.

Para isso propõe um conjunto de medidas, da integração dos estudantes nas atividades de investigação científica à reestruturação da política de apoio à divulgação científica, “nomeadamente através da valorização da investigação de maior qualidade e com impacto regional”, do reforço do apoio à gestão de candidaturas a projetos nacionais e internacionais à promoção dos resultados da investigação científica e tecnológica e ao incentivo à sua publicação em acesso aberto, “de forma a aumentar a visibilidade e a notoriedade” do IPBeja nos ‘rankings’ internacionais.

“Queremos mais fundos comunitários e executá-los na região”

António Bota eleito presidente da Cimbal

O presidente da Câmara de Almodôvar, António Bota, foi eleito presidente da Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo (Cimbal), que reúne todos os municípios do distrito de Beja, à exceção de Odemira.

António Bota foi eleito na passada terça-feira, dia 26, na primeira reunião do novo conselho intermunicipal, o órgão executivo da Cimbal, composto pelos presidentes das 13 câmaras municipais que integram a instituição e que foram eleitos nas autárquicas do passado dia 26 de setembro. A lista única com António Bota como presidente, e Paulo Arsénio e Rui Raposo como vice-presidentes, foi aprovada por unanimidade.

Segundo António Bota, as prioridades para os próximos quatro anos “são diversas, mas a maior delas é manter unidos os eleitos da Comunidade em prol de um objetivo comum: angariar mais fundos comunitários e executá-los na região”.

“A união é a palavra-chave e a Cimbal tem um papel fundamental de unir esforços para gerar consensos”, frisou o novo presidente da instituição, defendendo que os autarcas têm “de unir esforços para conseguir mais e melhor” para a região.

Outra “prioridade” será apostar numa “visão coerente e de proximidade com os fundos comunitários para o ciclo da água, as eficiências energética e hídrica e o acolhimento empresarial para estimular a economia”.

“Naturalmente”, frisou, a Cimbal vai estar de “porta aberta” para



receber “as verbas destinadas aos mais variados projetos” e que “possam vir do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e do Programa Operacional do Alentejo”.

De acordo com António Bota, os autarcas serão “os primeiros a bater à porta do Governo para ir buscar” verbas do PRR para o Baixo Alentejo. “Não vai ser simples, vamos ter que trabalhar muito, não há nenhuma prioridade que seja maior do que outras, todas são importantes”, disse, admitindo que o ciclo urbano da água, a mitigação das alterações climáticas e as novas competências das comunidades intermunicipais são “as principais preocupações” da Cimbal.

No caso do ciclo urbano da água, ou seja, o abastecimento público de água em baixa, que é competência dos municípios, trata-se de “um problema” em vários concelhos, onde há redes de distribuição no subsolo com condutas antigas e que estão “completamente degradadas”, lamentou o autarca. Por isso, acrescentou, “tudo faremos para conseguir fundos comunitários para que possamos

ir renovando estas condutas, dando prioridade à eliminação, cada vez maior, das roturas e das perdas de água”, frisou.

RESIALENTEJO REDUZ DÍVIDA

A dívida da empresa intermunicipal Resialentejo, responsável pelo tratamento e valorização de resíduos sólidos urbanos de oito concelhos do distrito de Beja, diminuiu mais de cinco milhões de euros entre 2017 e 2021. Em declarações à agência Lusa, o presidente cessante do conselho de administração da empresa, António Bota, anunciou que a dívida da Resialentejo passou de 6,9 milhões de euros em 2017 para 1,8 milhões este ano. O autarca justificou estes números com a “utilização racional, consciente e sustentável” dos fundos disponibilizados pelo Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso dos Recursos.



CÂMARA DE OURIQUE REQUALIFICA PAVILHÃO DA ESCOLA

A Câmara de Ourique iniciou a obra de requalificação do pavilhão ginodesportivo da escola dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e Secundária da vila, num investimento de 35 mil euros. Segundo o município, o piso do pavilhão estava degradado e, com obra, vai ser aplicado um novo pavimento em polipropileno, o que irá permitir repor “a segurança e o conforto na sua utilização” e abrir “novas possibilidades desportivas”, como a prática de badminton e ‘boccia’. O investimento vai “gerar melhores condições para o desporto escolar e para as atividades desportivas no concelho”, acrescenta a autarquia.

GNR DE ALCÁCER DO SAL RESGATA FLAMINGO

Um flamingo que se encontrava ferido foi entregue pela GNR num centro de recuperação de aves, após ser resgatado no sítio de Montalvo, em Alcácer do Sal. Fonte da GNR indicou que a ave foi resgatada por militares do Núcleo de Proteção Ambiental (NPA) de Grândola, na segunda-feira, após um alerta.

BAIXO ALENTEJO NA REDE DE TEATROS PORTUGUESES

Três equipamentos culturais do distrito de Beja foram, recentemente, credenciados na Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses (RTCP): o Musibéria, o Pax Julia Teatro Municipal e o Cineteatro Sousa Telles, em Ourique. Segundo o Ministério da Cultura, a RTCP “é um instrumento estratégico para o combate às assimetrias regionais”.

DESEMPREGO EM BEJA CAI 17 POR CENTO

O número de inscritos no Centro de Emprego de Beja baixou 17 por cento em setembro, comparativamente com o mesmo mês do ano anterior. De acordo com dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional, havia no final do passado mês de setembro 1076 pessoas inscritas no Centro de Emprego de Beja, menos 215 que em setembro de 2020 mas mais 76 que em agosto. A maioria dos inscritos (846), com idade compreendida entre os 35 e os 54 anos, procurava um novo emprego.

PUB

IMPERDÍVEIS

DE 28 OUTUBRO
A 14 NOVEMBRO*



**QUANTIDADES LIMITADAS
3000 UNIDADES****

699€/m²

PAVIMENTO FLUTUANTE 8 MM
1203,5x191,7x8 mm
Embalagem: 2,307 m² - 16,13€
Cor: carvalho | Itm: 62183237



A+

**QUANTIDADES LIMITADAS
260 UNIDADES****

549€

SALAMANDRA A PELLETS
Mezka
Potência: 6 kW | Rendimento: 90% | 88x48x51,5 cm
Ø Saída de fumos: 80 mm | Peso: 60 kg | Cor: preto
Itm: 62146890

*Campanha válida para todos os artigos à venda, não acumulável com outras campanhas em vigor e artigos não passíveis de venda abaixo do preço de custo, devidamente identificados na loja.
**Quantidade nacional repartida por todo o território das lojas Bricomarché participantes.

BRICO

MARCHÉ

BEJA

SEMPRE
DISPONÍVEL NA
SUA CIDADE
PARA REALIZAR
OS SEUS
PROJETOS



AMGAP

ASSOCIAÇÃO DE MUNICÍPIOS PARA A GESTÃO DA
ÁGUA PÚBLICA NO ALENTEJO

Não desperdice água, Não arrisque o futuro!

Estudos recentes indicam a existência de dissonâncias entre as atitudes e os comportamentos dos Portugueses face à água, que consideram como o mais importante recurso, mas não a valorizam nem reconhecem que praticam desperdício.





AR debate proibição de corridas de galgos

Proposta do PAN quer punir quem promova corridas de cães. Pista de Cuba é uma das “sinalizadas”

A proibição das corridas de cães galgos será discutida em sede de comissão parlamentar depois de o assunto ter sido debatido em plenário na Assembleia da República.

O tema chegou ao parlamento depois de uma iniciativa de cidadãos a pedir a proibição das corridas de cães em Portugal e que conseguiu mais de 21 mil assinaturas. Segundo a iniciativa de cidadãos, em Portugal estão identificadas seis pistas amadoras, onde são promovidas corridas de cães num campeonato nacional, existindo registo destas corridas em diversas autarquias, entre as quais Cuba.

Os deputados debateram em plenário o projeto de lei da iniciativa legislativa de cidadãos assim como outros três projetos relativos à mesma matéria do Partido das Pessoas, dos Animais e da Natureza (PAN), do Bloco de Esquerda (BE) e da deputada não inscrita Cristina Rodrigues. Apenas o projeto do PAN baixou à 7.ª Comissão Parlamentar (Agricultura e Mar) para debate na especialidade com a aprovação de um requerimento que o permitia fazer sem votação. Os restantes projetos, incluindo o da iniciativa de cidadãos, foram rejeitados.

Na sua proposta o PAN defende

que quem promover, por qualquer forma, as corridas de cães, nomeadamente através da organização de evento, divulgação, venda de ingressos, fornecimento de instalações, prestação de auxílio material ou qualquer outra atividade dirigida à sua realização, é punido com pena de prisão até dois anos ou com pena de multa. Já quem participar, por qualquer forma, com animais em corridas é punido com pena de prisão até um ano ou com pena de multa.

No debate das propostas a deputada do PAN Inês Sousa Real defendeu que “os projetos apresentados e a mobilização cívica em volta deste assunto demonstram bem a extrema crueldade das corridas de cães e a vontade que existe na sociedade portuguesa em travar estes negócios e esta atividade cruel”.

Já para a deputada do Bloco de Esquerda Maria Manuel Rola as corridas de cães contrariam a legislação e as políticas de proteção de maus-tratos a animais defendendo que o projeto que o seu partido apresentou, e que foi rejeitado, “pretende a mitigação destes maus-tratos e contribuir para a redução do número de apostas ilegais uma prática comum nas corridas de cães em Portugal”.

As propostas receberam duras críticas por parte do deputado social-democrata João Marques que

considera ter estado em debate “o desconhecimento e deturpação de factos” considerando que a legislação proposta “é incoerente, desnecessária e um atentado à natureza animal”.

Já para João Dias, deputado do PCP eleito por Beja, as propostas deram a conhecer a realidade de muitos países para justificar uma realidade que não é de Portugal, alertando que já existe uma lei de prevenção dos maus-tratos (artigo 387.º do Código Penal) e que define os comportamentos a serem punidos.

“Proibir duas vezes não proíbe mais. Temos é de responder às necessidades de regulação. Cumpra-se a lei e crie-se condições para cumprir a lei”, defendeu o deputado comunista.

Mariana Silva, do Partido Ecologista Os Verdes, defendeu que as propostas em debate pretendiam, por caminhos diversos, acabar com o sofrimento ilegal e as práticas consideradas ilegais e desrespeitadores dos direitos dos animais.

Para a deputada do CDS Cecília Meireles, que cumprimentou a iniciativa dos cidadãos, considerando que esta é uma figura que devia ser mais usada em Portugal, a questão dos maus-tratos e da crueldade contra os animais é já um crime no ordenamento jurídico português.

VIDIGUEIRA

Cerca de 30 produtores de vinho de talha portugueses e estrangeiros vão “desvendar” as novas colheitas, durante um evento a realizar em novembro, na Herdade do Rocim, entre a Vidigueira e Cuba. Intitulada “Amphora Wine Day”, a iniciativa realiza-se no dia 13 de novembro, entre as 14:00 e as 20:00 horas, com a participação de produtores do Alentejo, mas também oriundos da Geórgia e de Itália, entre outros. Este evento, que se realiza desde 2018, tem reunido perto de mil pessoas na Herdade do Rocim, produtora de vinho de talha desde a sua origem.

GRÂNDOLA

O Bloco de Esquerda (BE) quer saber se o Governo “tem conhecimento das intenções de desmantelamento do Parque de Campismo da praia da Galé por parte da multinacional norte americana Discovery Land Company” e que medidas irá tomar “com vista a interromper esse processo e garantir a proteção dos habitats naturais e a segurança do acesso público” à praia. As preocupações constam de uma pergunta dirigida ao Ministério da Economia pela bancada parlamentar do BE, depois da publicação de uma notícia, segundo a qual a Discovery se preparava para “desmantelar o parque de campismo de forma a expandir a área de implementação” do empreendimento Costa Terra, que adquiriu por 25 milhões de euros.

SINES

A Administração dos Portos de Sines (APS) anunciou a abertura do concurso para concessionar a exploração do Terminal Multiusos (TMS) do porto alentejano, vocacionado para a movimentação de mercadorias diversas. Em comunicado, a entidade gestora do Porto de Sines indicou que o procedimento visa a celebração do contrato de concessão da exploração, em regime de serviço público, do TMS, onde podem ser movimentados contentores, granéis e cargas de projeto, entre outras mercadorias. “As condições do concurso foram desenhadas com o objetivo de colocar à concorrência um processo de concessão flexível, que possa ser atrativo para operadores de média/grande dimensão com diferentes vocações”, explicou a APS.

Gonçalo Valente quer Rangel à frente do PSD

O presidente da distrital de Beja do PSD, Gonçalo Valente, manifestou apoio a Paulo Rangel nas próximas eleições internas, considerando que o eurodeputado reúne “as melhores condições” para vencer o partido e o país.

Numa publicação na rede social Facebook, Gonçalo Valente recorda ter apoiado o presidente do PSD, Rui Rio, “desde a primeira hora”. Mas diz ter mudado de posição. “Acreditei até um dia que era o melhor, depois, resignei-me apenas à lealdade, simplesmente, era a minha obrigação. Hoje, a minha obrigação é ser sincero comigo próprio e apoiar quem eu considero neste momento reunir as melhores condições para ganhar o partido, torná-lo combativo, ambicioso, unido, galvanizador e acutilante, para depois, aí sim, ganhar o País”, afirmou.

Gonçalo Valente justificou ainda o apoio a Paulo Rangel “por reconhecer a sua preparação para ser primeiro-ministro”, e o seu espírito “aglutinador” das várias tendências partidárias. “E, o mais importante, fez-me voltar a acreditar que era possível, novamente”, acrescentou, defendendo que, na política e na vida, é preciso “coragem para fechar e abrir novos ciclos” para crescer.

Já a presidente da Juventude Social Democrata (JSD) do distrito de Beja, Inês Mota Batista, enviou uma mensagem a todos os elementos do partido, posicionando-se ao lado de Rui Rio. “É um homem que já tem muitas provas dadas na política e que com estas eleições autárquicas conseguiu inverter a tendência para o PSD continuar a perder”, escreveu Inês Mota Batista, numa mensagem enviada aos militantes sociais-democratas, na qual escreve que Rui Rio “é o candidato dos militantes, e não o dos importantes”.



OPINIÃO

A paisagem para além dos incêndios – quem é responsável?

TERESA PINTO CORREIA* PROFESSORA CATEDRÁTICA

Qual a sua imagem do Alentejo? Uma infinita planície bucólica com gado a pastar entre azinheiras e sobreiros dispersos? Prepare-se para uma paisagem bastante diferente. Já na sua próxima viagem as árvores podem ter desaparecido, e entra num admirável mundo novo de milhares de hectares contínuos de paisagem forrada a painéis solares e a estufas, ladeado de riscas intermináveis de olival. A paisagem é um bem público. Mas quem a gere? Um grupo de investigadores ligados a várias instituições, e identificados no fim deste artigo, re-flete sobre o assunto

A paisagem entrou no léxico do Governo. No final do passado mês de julho, o primeiro-ministro anunciou a criação de 47 Áreas Integradas de Gestão da Paisagem e a elaboração de Planos de Transformação da Paisagem para locais onde tem aumentado a perigosidade de incêndio. Contudo, muitas outras paisagens têm mudado rapidamente sem que o Estado intervenha.

Será que no Alentejo, por exemplo, onde os incêndios não são um problema de monta, a paisagem não tem de ser gerida?

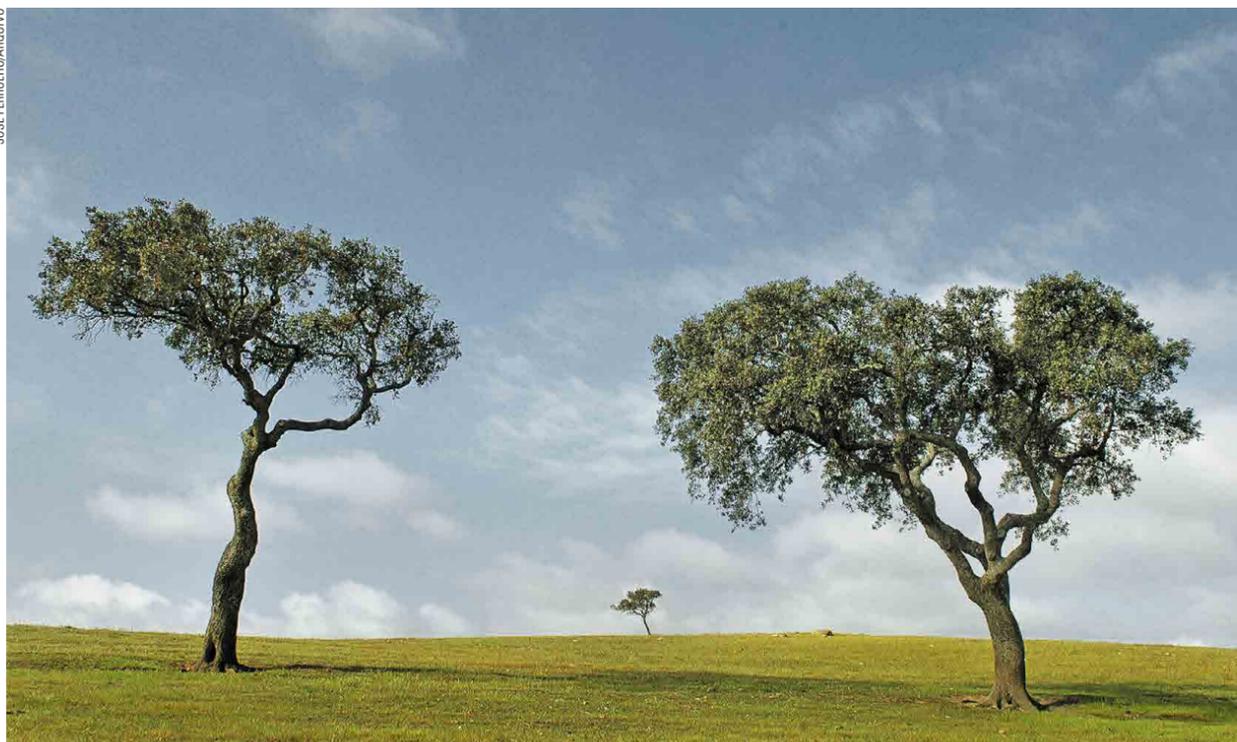
A verdade é que são muitos os exemplos em que a ausência de concertação de decisões sobre o território se re-flete negativamente na paisagem. Isto, paradoxalmente, ao mesmo tempo que se promove a qualidade e a identidade da paisagem como uma mais-valia fulcral para a atratividade turística da região. Afinal, quem assume a responsabilidade de promover a qualidade das nossas paisagens e das que queremos deixar aos nossos filhos e netos? Analisemos algumas situações concretas.

A EXPANSÃO DO OLIVAL NO ALENTEJO A concretização do plano de infraestruturação do Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva data de 2008. As condições criadas de disponibilidade e preço da água são favoráveis à instalação de culturas de regadio. A transformação da paisagem por via das alterações nos sistemas produtivos previsível. Também previsível era que essas alterações fossem rápidas e intensas. A área de olival regado aumentou quase oito vezes em apenas oito anos: de 8.991 hectares (ha) em 2011 para 63.152 ha em 2019.

Nessa área passou-se de um por cento em linha, em 2015, para 40 por cento, em 2019. Há mais de dez anos instalou-se no concelho de Ferreira do Alentejo o maior olival intensivo com mais de 5.200 ha. O que foi pensado na Administração Pública para gerir esta transformação? Nada, ou praticamente nada. Qual a dimensão máxima de uma mancha contínua de olival? Qual a proximidade aceitável de um novo olival aos aglomerados? Que manchas de vegetação natural ou seminatural devem ser preservadas ou melhoradas, de modo a garantir a conectividade ecológica e a manutenção da biodiversidade?

Sucedem, porém, que num contexto de ausência de regulamentação específica e de ação pública proativa, as transformações da paisagem agrícola são exclusivamente orientadas por interesses privados.

O PERÍMETRO DE REGA DO MIRA O Aproveitamento Hidroagrícola do Mira (AHM) foi constituído na sequência da primeira fase do Plano de Rega do Alentejo de 1952. Tem uma área regada de cerca de 7.000 ha. Neste caso o problema é a compatibilização de uma agricultura intensiva, em grande parte desenvolvida em estufa, com a conservação dos valores naturais que justificaram a criação do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina em 1988.



Sucedem-se orientações contraditórias. Por exemplo, a Resolução do Conselho de Ministros n.º 179/2019 estabelece que “as áreas a ocupar por estufas, túneis elevados, túneis e estufins, para produção agrícola protegida no AHM, ficam limitadas a uma percentagem máxima de 40 por cento da sua área total, sendo que a área de estufas não pode ultrapassar os 30 por cento”, ou seja, três a quatro vezes mais do que estava instalado em 2019. Ao mesmo tempo, sucedem-se grupos de trabalho sobre esta área de regadio na administração pública na tentativa de compatibilização de planos e programas de ordenamento dos vários sectores. Sem sucesso.

Enquanto estes grupos de trabalho e estas decisões se arastam no tempo, as estufas multiplicam-se e a paisagem sofre alterações irreversíveis. Intensificar significa, em última instância, desligar cada vez mais a atividade agrícola dos processos naturais, aproximando essa atividade de um modelo industrial na forma de produção e no modo como afeta a paisagem.

O DESAPARECIMENTO INVISÍVEL DO MONTADO O montado é a paisagem identitária do Alentejo. Corresponde a um sistema agro-silvo-pastoril raro na Europa e no mundo, em que as condições de escassez de recursos determinaram uma composição engenhosa entre árvores e produção animal extensiva em pastagens debaixo dessas árvores. Esta paisagem é reconhecida internacionalmente como um expoente de conciliação entre agricultura e ambiente, e foi classificada como sistema agrícola de elevado valor natural pela Comissão Europeia. Ocupa cerca de um milhão de hectares no Alentejo.

Mas desde 1990 desaparecem, em média, cerca de 5.000 hectares de montado por ano. Não porque as árvores sejam cortadas ou o solo ocupado com outros sistemas produtivos, mas porque as árvores enfraquecem e morrem sem que exista substituição por outras mais jovens. E desta forma, abrem-se clareiras em todo o Alentejo.

Perto de Montoito, no município de Redondo, passa-se de 39 sobreiros por hectare em 1995 para oito em 2018. Perto de Mértola, de 20 árvores por hectare em 2006 para oito em 2018. Em Alvalade do Sado o número é já inferior a cinco árvores por hectare em algumas áreas. E, no entanto, as árvores do montado, o sobreiro e a azinheira, estão

protegidas por lei. O que falta? As medidas de apoio aos sistemas de produção no âmbito da Política Agrícola Comum em Portugal não consideram este sistema de forma integrada. Os apoios são atribuídos por fileira, para a produção pecuária, ou a de cereais, ou para a proteção ou adensamento das árvores. Estudos mostram que o declínio do montado está associado a densidades elevadas de pastoreio e a intervenções de limpeza mecânica de matos entre as árvores. Porque não são criadas medidas de apoio a uma gestão integrada deste sistema agro-silvo-pastoril?

A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA Em linha com o Pacto Ecológico Europeu, o governo português inscreveu no Roteiro para a Neutralidade Carbónica 2050 e no Plano Nacional Energia e Clima 2030 um crescimento da potência renovável em Portugal.

O jornal “Expresso” noticiou em fevereiro de 2020 as intenções de instalação de centenas de projetos de novas centrais solares no sul de Portugal, onde existem bons níveis de radiação solar e terrenos para instalar centrais de larga escala. Estes projetos concretizam-se através de leilões para fornecimento de energia à rede pública. Onde se vão localizar e como se articulam com outras ocupações e atividades na paisagem? Que impacto terão no bem-estar das populações e na atratividade da paisagem para o turismo? Há um plano de localização para os parques solares no Alentejo? Não há.

Tanto a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) como o Instituto de Conservação da Natureza e da Floresta remetem a decisão sobre a adequação de instalação de parques de painéis fotovoltaicos para as avaliações de impacto ambiental de cada projeto. Ou seja, uma decisão casuística sem a preocupação de integração territorial com usos ou atividades existentes.

No litoral alentejano, com a antecipação do fecho da central termoeletrica de Sines operada pela EDP e a previsão da instalação, no mesmo local, de uma unidade de produção de hidrogénio verde, aumenta a pressão para a instalação de parques solares. Para gerar a energia necessária ao projeto, serão necessários cerca de 2.000 ha. Para além deste, outros parques solares destinados ao abastecimento da rede pública encontram-se em processo de licenciamento ambiental.

NOTAS À ESQUERDA

EN18

JOSÉ FILIPE MURTEIRA PROFESSOR



No passado mês de julho teve lugar, na Guarda, o lançamento da rota Da Serra à Planície, visando a divulgação e a promoção da Estrada Nacional 18, que começa nessa cidade beirã e termina em Ervidel, onde se encontra com a tão falada EN2. Entre as duas encontram-se algumas semelhanças e diferenças. A sua extensão (as duas maiores do País), embora a EN2 tenha quase o dobro da EN18 (740 e 388 quilómetros, respetivamente); a sua localização no interior, ligando cidades, vilas e aldeias, algumas destas perdidas e esquecidas nas serras e planícies; a sua integração em novas vias (IP3 ou IP2), requalificando e alterando significativamente vários troços; o seu potencial turístico-cultural, como refere o Clube Escape Livre, o mentor dessa rota: “São 388 quilómetros de aventura, cultura, história e sabores tradicionais que ligam 14 municípios, cinco aldeias históricas e duas regiões vitivinícolas”.

Como atrás referimos, muitos quilómetros da EN2 estão integrados em IP, o que faz com, por exemplo, entre Évora e Ervidel, apenas dois pequenos troços, incluindo o de Beja a Ervidel, correspondam realmente à antiga estrada. Só que, este último (tal como outras estradas, nacionais ou municipais) sofreu, nos últimos anos, profundas alterações nas paisagens circundantes, face às transformações verificadas na agricultura da região, após a construção da Barragem do Alqueva.

Sem entrarmos em outros temas, alguns polémicos e cujas consequências não é possível ainda aferir, fiquemos-nos apenas pelas alterações atrás referidas. Para tal, nada melhor que uma viagem nos últimos 21 quilómetros da EN18, entre Beja e Ervidel.

Se, entre Beja e o Penedo Gordo, a paisagem é diversificada, vislumbrando-se dois dos novos olivais e milheirais, mas também culturas tradicionais e alguns montes espalhados pelo território, passado o Monte da Almocreva (que desolação!) inicia-se a nova paisagem, onde predomina o amendoal, uma parte já em plena exploração, outra mais recente e outra ainda por plantar. Daqui a alguns meses, será essa a única visão, a partir da estrada, ladeada por amendoeirais ao longo de vários quilómetros, em que toda a paisagem circundante desaparece da vista, nomeadamente o Monte da Chaminé do Passarinho e a Estação de Santa Vitória e mesmo alguns pequenos montados (sobreviventes da Campanha do Trigo do Estado Novo) foram “invadidos” por essa nova espécie, com os sobreiros quase a desaparecer da vista. E, se um dia regressar a ligação ferroviária Beja-Funcheira, torna-se quase impossível vislumbrar, a partir da estrada, qualquer composição como, por exemplo, a conhecida automotora verde e branca, que atravessava as searas de trigo ou os campos de girassol.

O amendoal à direita é depois “acompanhado” à esquerda pela mancha de olival do Monte do Outeiro, olival que vamos encontrar de novo perto de Santa Vitória.

Neste caso é a igreja da aldeia que irá desaparecer da vista, a partir da estrada e, não fosse a intervenção da Junta de Freguesia que levou a que fosse demarcada uma faixa de proteção, esse olival estender-se-ia até aos muros da Casa do Povo ou do campo de futebol.

Entre Santa Vitória e Ervidel encontramos uma novidade nesta nova paisagem alentejana: os pomares, de um lado e do outro da estrada. Finalmente, os últimos quilómetros da EN18 voltam a ser ocupados por uma mancha contínua de olival, que se estende até à EN2 que, vinda do norte irá até Faro, num encontro muito pouco feliz, do ponto de vista visual.

Pela descrição atrás feita, não será difícil adivinhar que o tradicional bucolismo dos campos alentejanos, onde as suas cores se alternavam ao longo do ano (o castanho, o vermelho e o amarelo), está a dar lugar a uma monótona e monocromática paisagem, que “apaga” da vista quase tudo à sua volta, tal como os eucaliptos “secam” tudo o rodeia. Um cartão-de-visita muito pouco apetecível, para quem parte da Guarda, à procura dos “recantos que tornam Portugal tão apetecível”, como se escreve na apresentação da rota.

E, já que atrás nos referimos à estação ferroviária de Santa Vitória, entaipada há alguns anos, recordemos o anúncio feito em setembro, pela secretária de Estado do Turismo, da intenção do Governo em vender, ao abrigo do programa Revive, algumas das estações abandonadas, como essa ou o apeadeiro do Penedo Gordo. Neste momento já decorre o concurso para a venda de seis dessas estações, incluindo a de Represas (ou melhor, das suas paredes, o que dela resta).

Numa primeira abordagem ao assunto, até encontramos alguns aspetos positivos, não só pelo aproveitamento de edifícios lindos, como é o da estação de Santa Vitória, mas também pela possibilidade de o caderno de encargos do concurso contemplar o apoio dessa nova estrutura turística a uma eventual retoma da ligação entre Beja e a Funcheira, não deixando completamente de lado essa função (a exemplo do que acontece, por exemplo, de certos postos dos CTT que funcionam em mercearias).

Só que, numa abordagem mais detalhada, o que encontramos? Uma estação completamente “cercada” pelos novos amendoais, paisagem pouco apetecível para quem queira passar uns dias no chamado “Alentejo profundo”. Paisagem que estende ao longo das ribeiras e dos barrancos, que tomou conta dos montados, que aterrou lagoas e charcas e que irá acompanhar alguém que queira ir, a pé ou de bicicleta, da estação até Pisões ou à Albufeira dos Cinco Reis. Ou seja, algo que levará a potenciais interessados a pensar duas vezes antes de tomar a decisão de adquirir o edifício em causa, face às alterações verificadas nos últimos anos nos afamados “barros de Beja”, em nome de um progresso necessário, mas de difícil conciliação com o meio ambiente e a biodiversidade, tão ricos, diversificados e belos.

Só nos municípios de Santiago do Cacém e de Sines (fonte: portal “Participa”) oito parques com uma área total de 1.608 ha que comprometem visualmente quase todos os vales das vertentes ocidentais e orientais das Serras de Grândola e do Cercal. Os municípios podem intervir, nomeadamente por via de regulamentação incluída nos Planos Diretores Municipais (PDM). Alguns optam por ter menos controlo, como Santiago do Cacém, cujo regulamento admite a instalação de parques eólicos e fotovoltaicos em qualquer área de solo rural. Aqui, a instalação da central solar “The Happy Sun is Shining” na freguesia de São Domingos e Vale de Água, que prevê a cobertura de uma área de 533 ha com painéis solares, tem sido muito mediatizada devido à contestação da população residente.

O município de Alcácer do Sal assume um maior controlo, remetendo, em sede de regulamento do PDM, para uma decisão caso a caso, sujeita a que Câmara Municipal reconheça que não acarretam prejuízos para o ordenamento e desenvolvimento local. Também o município de Sines, cujo PDM está em elaboração, parece querer assegurar um maior controlo sobre a ocupação de parques solares no seu território, definindo normas provisórias nesse sentido.

Contudo, e dada a dimensão dos parques fotovoltaicos previstos, não deveria esta ser uma preocupação supramunicipal? Não se justifica haver um plano que evite manchas contínuas de milhares de hectares de solo espelhado?

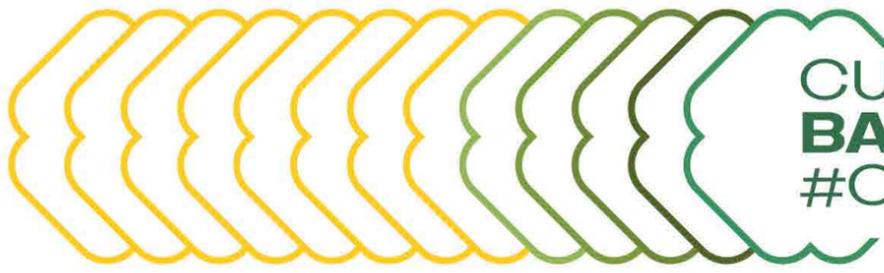
O PROCESSO DE DEMISSÃO EM CURSO O que observamos nas quatro situações descritas é que a paisagem se deteriora, essa deterioração é registada, mas parece não haver na administração do Estado uma entidade, um serviço ou pessoas que se mobilizem para a salvaguardar. Queremos a qualidade e integridade da paisagem, mas demitimo-nos de a pensar e gerir no seu conjunto.

Por um lado, falta coordenação, coesão e cooperação institucional a diferentes escalas e em diferentes âmbitos setoriais da política pública, da coordenação público-privada e da governança territorial. Falta também agilidade e dinâmica no setor público para fazer face à rapidez e abrangência das mudanças em curso. Os planos são pouco flexíveis e têm dificuldade de lidar com a incerteza e de agir em tempo útil em face das ameaças emergentes. E a administração também.

Por outro, os processos de decisão a que os técnicos do Estado são chamados tornam-se cada vez mais binários, parecendo que apenas há margem para optar entre “permitir” ou “não permitir”. Estes técnicos, que têm sem dúvida competências técnicas adequadas, são progressivamente levados a agir como agentes administrativos, cujo papel é verificar a conformidade legal das propostas de gestão ou alteração de uso do solo. Ou seja, pouco a pouco, e mesmo que não o desejem, estes técnicos tendem a tornar-se resistentes a tomar decisões não tipificadas na legislação, que envolvam experimentação ou introduzam inovações necessárias.

Não existem instrumentos nem entidades que considerem o território rural de uma forma integrada e que assegurem a conjugação dos interesses contraditórios em presença. A definição de regras neste domínio é, por isso, urgente e deverá levar em conta valores superlativos, como o interesse público e o princípio da sustentabilidade. Essas regras terão de ser definidas de forma participada e aplicadas com base em instrumentos inteligentes, ágeis, facilmente adaptáveis, integradores e baseados numa visão sistémica e holística da realidade.

* Teresa Pinto Correia (MED- Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento, Universidade de Évora); Isabel Loupa Ramos e José Antunes Ferreira (Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa); José Munoz-Rojas, Nuno Guiomar, José da Veiga e João Tiago Marques (MED- Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento, Universidade de Évora); Pedro Pinto (Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa); João Ferrão (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa).



CULTURA EM REDE
BAIXO ALENTEJO
#CIMBAL



Consultar o site
www.festivalba.pt



Organização:



Cofinanciado por:



VINHOS

Brancos 'premium' do Alentejo

Região viveu uma autêntica revolução desde o final do século passado, com uma grande transformação ao nível das castas, da condução da vinha e dos locais onde estas foram plantadas

O Alentejo é reconhecido pelos consumidores de vinho essencialmente como uma terra de tintos. No entanto, possui uma grande quantidade de brancos 'premium' de inegável qualidade, que os consumidores encontram com facilidade no mercado.

TEXTO MANUEL BAIÔA

Este é um segmento onde a concorrência é feroz e onde alguns detratores da região argumentam, em grande parte devido ao clima, que os vinhos alentejanos têm álcool elevado e falta de frescura, sendo todos muito parecidos e pesados. Outros, pelo contrário, pensam que esta é a região mais dinâmica do País, pois os produtores alentejanos, sempre insatisfeitos, estão constantemente a inovar e explorar novos (e antigos) caminhos para alcançar um produto final de excelência, com vinhos diversificados e com carácter.

No entanto, todos concordam que os vinhos brancos alentejanos 'premium' estão em transformação ao nível das abordagens enológicas e das castas utilizadas. Nesta reportagem acompanhamos estas mudanças nas vinhas e nas variedades de uvas usadas e realizamos uma prova com vinhos que se situam num limiar de preço entre os 10 e os 17 euros.

A TRANSFORMAÇÃO DA VINHA ALENTEJANA Na reportagem dedicada aos vinhos brancos de topo do Alentejo publicada no dia 17 de setembro analisámos as várias características do 'terroir' alentejano que influenciam o seu vinho branco, nomeadamente as particularidades do local, o clima, o solo, o ecossistema, as práticas culturais na vinha, o trabalho de adega, as tradições e as suas gentes. Faltou desenvolver com mais detalhe as características das suas castas, que é o fator mais importante a influenciar o carácter do vinho, apenas superado pelo local específico onde está plantada a vinha.

A área dos vinhedos com castas brancas cresceu imenso desde os anos 80 do século passado, mas a um ritmo mais lento do que as tintas. Em 1989 a área de uvas brancas superava ligeiramente



os 500 hectares e as castas tintas não chegavam aos 1.200 hectares, embora muitas vinhas não estivessem inscritas legalmente. Atualmente existem 5.000 hectares de uvas brancas e 18.000 de uvas tintas registadas na área vinícola do Alentejo. Portanto, a região viveu uma autêntica revolução desde o final do século passado, com uma grande transformação ao nível das castas, da

condução da vinha e dos locais onde estas foram plantadas.

As antigas vinhas em taça, não aramadas foram desaparecendo lentamente. Estas vinhas não eram alinhadas, nem regadas e não tinham clones selecionados. O viticultor ia pedindo varas aos amigos e conhecidos que possuíam determinadas vinhas e castas afamadas. Estas varas eram plantadas ao lado de outras

culturas, como por exemplo as oliveiras, em locais não muito férteis, mas com um nível freático capaz de alimentar a videira durante o verão. As vinhas tinham uma enorme diversidade de castas, chegando a ultrapassar as quatro dezenas. O viticultor procurava ter uma grande multiplicidade de variedades para se defender da variabilidade dos anos agrícolas, pois cada casta tem um

ciclo de vida diferente, o que minimizava os problemas que afetam as vinhas em determinados períodos, como as geadas, as doenças e as chuvadas do fim do verão. Por outro lado, a grande diversidade de castas aportava características díspares de aroma, sabor, estrutura e acidez que ajudavam a compor o lote final.

Quando a procura do vinho alentejano disparou e quando os fundos comunitários começaram a chegar, as novas vinhas do Alentejo começaram a instalar-se em locais onde nem sempre tinham existido. Foram plantadas com alinhamento e condução modernos, com rega gota a gota, com talhões diferenciados para cada casta e sem consociação com outras culturas. Reduziu-se o número de variedades plantadas, pois selecionaram-se as castas e os clones que naquele momento parecia darem melhores garantias de sucesso: boa produção, aromas e sabores intensos e um grau alcoólico elevado.

AS CASTAS BRANCAS DO ALENTEJO As castas têm características distintas que impelem nos mostos traços diferenciados, que por sua vez originam vinhos com perfis, sabores e aromas distintos. Existem alguns milhares de variedades de uvas catalogadas em todo o mundo e Portugal é um dos países com mais castas indígenas (cerca de 250), algumas delas exclusivas e inexistentes em qualquer outra nação.

O Alentejo também tem algumas castas autóctones que imprimem um forte carácter regional, variedades perfeitamente adaptadas aos solos, ao clima e à geografia da paisagem transtagana. No entanto, nos últimos anos foram sendo plantadas diversas castas oriundas de outras regiões portuguesas e de outros países. Portanto, atualmente coexistem três tendências principais ao nível da utilização das castas no vinho alentejano: os vinhos tradicionais que usam primordialmente castas locais; os modernos e internacionais que usam castas oriundas de outras regiões, portuguesas ou estrangeiras; e os que juntam em lote castas regionais com forâneas.

A legislação prevê que para um vinho ter direito à denominação DOC Alentejo, em qualquer



Os brancos alentejanos estão numa encruzilhada. Um caminho poderá passar por continuar a apostar em castas reconhecidas pelos consumidores. Outro passa pela crença nas qualidades das castas regionais, adaptadas ao ecossistema do Alentejo há centenas de anos”

uma das suas sub-regiões, deve ter obrigatoriamente um mínimo de 75 por cento de um conjunto de castas principais na sua composição. Nos restantes 25 por cento podem ser utilizadas outras castas secundárias adaptadas ao território, mas que não foram consideradas como tendo características marcadamente regionais ou melhoradoras da DOC. Assim, escolheram-se nove castas principais (Antão Vaz, Arinto, Fernão-Pires, Manteúdo, Perrum, Rabo-de-Ovelha, Roupeiro/Síria, Tamarez e Trincadeira-das-Pratas) e 25 castas secundárias que podem fazer parte do lote do vinho DOC Alentejo. A legislação tem vindo a ser flexibilizada nas últimas décadas, dando maior liberdade aos produtores na escolha das castas que compõem os seus vinhos. No Vinho Regional Alentejano a maleabilidade ainda é maior, sendo autorizada a utilização de 42 castas regionais, nacionais e internacionais.

Nos últimos anos a maioria das castas brancas regionais tem vindo a perder espaço face a outras vindas de outras zonas do País ou do estrangeiro. As razões apresentadas são quase sempre o facto de terem pouca frescura e oxidarem passado alguns meses. Neste momento, a maioria dos produtores reconhece-lhes pouco potencial enológico com a vinificação moderna em ambiente controlado. Estamos a falar de castas muito produtivas que marcaram gerações e gerações, como a Rabo de Ovelha, Diagalves, Manteúdo e Perrum, entre outras. São castas que merecem um estudo aprofundado, para desenvolver novos clones e novas práticas na vinha, pois face às alterações climáticas e ao facto de estarem bem adaptadas ao território, podem ainda vir a ter um papel importante na viticultura alentejana.

De entre as castas antigas na região a única que teve um crescimento explosivo foi a Antão Vaz, sendo hoje a variedade branca mais plantada no Alentejo com 1268 hectares. As investigações realizadas colocam a origem desta casta na zona de Vidigueira, pois é onde existe o maior número de vinhas velhas e onde a diversidade de clones é maior. O professor Colaço do Rosário não conseguiu encontrar na década de 80 do século XX vinhas velhas desta casta fora da sub-região de Vidigueira e não se encontram muitas referências à Antão Vaz na literatura pré-filoxera.

Mas já consta na “Coleção Ampelográfica de Évora” de 1890. Foi uma casta que viajou pouco até há duas ou três décadas e, por isso, não existem outras

JOSE FERROHO



De entre as castas antigas na região a única que teve um crescimento explosivo foi a Antão Vaz, sendo hoje a variedade branca mais plantada no Alentejo com 1268 hectares”

sinónimas para a Antão Vaz noutras regiões, como é comum em muitas castas portuguesas. Parece consensual que é na sub-região de Vidigueira que mostra todo o seu potencial. A norte de Évora o seu comportamento é mais discreto, podendo ter dificuldade em amadurecer e faltando-lhe consistência.

A Arinto é possivelmente a variedade branca melhor adaptada a todo o País, estando presente em todas as regiões. A sua presença no Alentejo tem vindo a crescer, sendo hoje a segunda casta mais plantada com 837 hectares. É uma casta que mantém uma grande frescura, com excelente equilíbrio entre a acidez

e o álcool. Numa região quente como o Alentejo, surge em vinhos monovarietais, mas principalmente em lote, aportando frescura ao “corte” com a Antão Vaz, Roupeiro e Fernão Pires, entre outras. Tornou-se a casta mais consensual no Alentejo, pois aporta frescura, vivacidade, tensão e notas cítricas em todas as sub-regiões.

A Roupeiro, conhecida na Beira por Síria, está plantada especialmente no interior de Portugal, numa faixa junto à fronteira com Espanha. Atualmente é a terceira casta mais plantada no Alentejo com 829 hectares, embora já tenha tido a primazia. É uma casta produtiva, que entusiasma com os seus aromas primários cítricos e de fruta de caroço. Contudo, os seus críticos afirmam que perde exuberância e frescura nos meses seguintes ao engarrafamento. A sua área tem vindo a diminuir progressivamente, ainda que nas regiões mais altas e frescas do Alentejo aporte qualidade aos lotes.

Em quarto lugar, mas a uma distância considerável, temos a Fernão Pires, que atualmente está plantada em 284 hectares. É uma casta antiga e produtiva espalhada por todo o País, embora seja no Ribatejo que tem a sua maior expressão. Com as novas tecnologias de fermentação origina vinhos de aroma frutado e floral. Deve ter-se

especial cuidado na data de vindima, pois pode evoluir rapidamente para a sobre maturação. É uma casta que tem vindo a perder área no Alentejo, sendo remetida muitas vezes para os lotes da gama de entrada. Os seus detratores duvidam da sua capacidade de envelhecimento, pois é muito sensível à oxidação, originando frequentemente vinhos “chatos”, sem frescura.

A Verdelho está plantada em 264 hectares e faz parte do lote de alguns dos vinhos provados para esta reportagem. Contudo, existe a possibilidade de alguns destes vinhos serem na verdade de Gouveio (plantado em 142 hectares), ou mesmo Verdejo, pois no passado plantaram-se muitas vezes estas duas castas, pensando-se estar a plantar Verdelho. Esta apresenta um aroma citrino, uma acidez viva e apontamentos mineais, sendo usada frequentemente em lote com a Arinto e a Antão Vaz. Já a Gouveio mostra um perfil mais exuberante, de fruta tropical e de caroço.

Nos últimos anos foram plantadas no Alentejo algumas castas brancas emblemáticas da região dos Vinhos Verdes (Alvarinho), do Douro (Viosinho) e do Dão (Encruzado), entre outras. Procurou-se transmitir aos lotes maior frescura e vivacidade a partir de castas bem conhecidas dos consumidores portugueses. Outra estratégia utilizada foi

plantar algumas das castas brancas francesas consagradas, como a Viognier, a Chardonnay e a Sauvignon Blanc. As duas primeiras são usadas frequentemente em lote com algumas castas portuguesas em vinhos fermentados e estagiados em barricas de carvalho. Já a terceira é usada em vinhos estivais que mostram forte exuberância aromática.

Os vinhos brancos alentejanos estão numa encruzilhada. Um caminho poderá passar por continuar a apostar em castas nacionais e internacionais reconhecidas pelos consumidores, pois têm dado provas de boa adaptação ao ‘terroir’ alentejano. Outro passa pela crença nas qualidades das castas regionais, adaptadas ao ecossistema do Alentejo há centenas de anos, melhor adaptadas à mudança climática e às novas tendências dos mercados mais exigentes que procuram vinhos autênticos, austeros e pouco alcoólicos. Deverá haver um estudo aprofundado sobre como melhorar a qualidade destas castas e sobre quais os melhores locais para as plantar. O aumento da produção não será já a primeira prioridade, podendo o enfoque centrar-se neste momento na seleção dos melhores clones que potenciem maior frescura. O futuro poderá passar pela Perrum, Alicante Branco, Trincadeira das Pratas, Larião e Galego Dourado, entre outras.

A diversidade de estilos dos brancos 'premium' alentejanos

Antão Vaz, Serra de São Mamede/Portalegre, clássico, moderno e Alentejo fresco e austero. A diversidade da região expressa numa prova de vinhos

Na reportagem publicada no dia 17 de setembro sobre os vinhos alentejanos de topo refletimos sobre os processos seguidos na vinha e na adega para aquele segmento. Nos vinhos 'premium' os processos são semelhantes, podendo apenas haver uma maior produção por hectare, um maior uso de barricas de segunda utilização e um maior número de garrafas produzidas em cada referência. Da mesma forma, verifica-se uma menor diversidade de processos de vinificação, pois a maioria dos vinhos fermentou ou estagiou apenas em inox e barricas de carvalho de 225 litros.

TEXTO MANUEL BAIÃO

No entanto, nesta prova, à semelhança da anterior, encontramos igualmente uma grande diversidade de estilos de vinhos brancos, nomeadamente: Antão Vaz; Serra de São Mamede/Portalegre; Clássico; Moderno e Internacional; e Alentejo Fresco e Austero. Ainda há neste segmento de preço pelo menos mais três estilos

de vinhos (Vinho de Talha, Castas Esquecidas e Costa Vicentina) que não tivemos em prova. Vamos então a cada uma delas.

ANTÃO VAZ Esta casta autóctone da região da Vidigueira é certamente uma das melhores, senão a melhor casta branca do Alentejo, ainda que por vezes lhe falte alguma frescura. Pode produzir vinhos de aromas citrinos e minerais, controlando a produção e o teor alcoólico, ou ainda, aromas a lembrar frutos tropicais, manga, maracujá e casca de tangerina. Embora seja a casta mais plantada no Alentejo, parece consensual que é na sub-região de Vidigueira que a Antão Vaz mostra todo o seu potencial. No entanto, na sub-região de Évora, Reguengos de Monsaraz e Moura também apresenta excelentes resultados.

O Família Margaça Reserva 2019 foi elaborado a partir de uma vinha de Antão Vaz. Fermentou em inox com temperatura controlada com maceração pelicular (curtimento com as películas e o mosto). Posteriormente fez um estágio de seis meses em barricas de carvalho francês. O vinho apresenta uma cor intensa e aroma de fruta madura,

com destaque para os citrinos e tropicais. Sente-se a presença da madeira através dos abaunilhados e fumados que se entrelaçam com a fruta. Na boca mostra cremosidade e um final longo e prazeroso. É um branco de meia-estação ou mesmo de inverno, sendo especialmente adequado para pratos requintados de peixes nobres ou de aves.

O Herdade Paço do Conde Reserva 2018 foi elaborado com a casta Antão Vaz a partir de uma vinha velha, com quase 50 anos da região de Vidigueira. Segundo o enólogo Rui Reguinga, este 'terroir' é caracterizado pelo seu microclima especial, "proporcionado pela barreira natural que encontra na Serra do Mendro, onde o clima mediterrânico se distingue pelas elevadas amplitudes térmicas com noites consideravelmente frias para o conhecido padrão alentejano. Essa conjugação do clima fresco com a forte predominância dos seus solos pobres em xisto proporciona-nos condições únicas e ideais para a produção de vinhos marcadamente frescos, com boa acidez e de elevada mineralidade". Foram selecionadas as melhores uvas da casta Antão Vaz, e após uma maceração pelicular

durante algumas horas para obter uma maior complexidade aromática, o mosto fermentou em barricas de carvalho francês durante cerca de nove meses, com 'bâtonnage' periódico. O vinho apresenta apontamentos cítricos doces que se fundem com as notas de tosta discreta da madeira, baunilha e mel. Na boca surge fruta de caroço, num vinho amplo e que representa bem o Antão Vaz clássico do Baixo Alentejo.

O Baron de B. Reserva 2018 foi elaborado com a casta Antão Vaz apanhada à noite. O enólogo Eduardo Cardeal confidenciou-nos que este vinho tem uma "vinificação que denominamos de 'gentil', pois transportamos a uva por gravidade, temos um controlo integral da temperatura e usamos prensas pneumáticas que nos permitem fazer uma extração muito suave do mosto". As uvas estiveram 24 horas com maceração a frio, a fermentação decorreu com temperatura controlada em barricas novas de carvalho francês, seguida de oito meses de estágio com 'bâtonnage'. O vinho apresenta os aromas clássicos da Antão Vaz, com o fruto tropical a casar com as notas fumadas. Na boca sente-se a madeira "em diálogo" com a fruta, com boa

textura e final longo e harmonioso. Está pronto a beber, mas ganhará notas distintivas com a idade.

SERRA DE SÃO MAMEDE / PORTALEGRE

Sendo o Alto Alentejo, e em particular Portalegre, uma região com características diferenciadas do restante Alentejo, também as suas uvas e os seus vinhos acabam por ter características distintivas. De facto, as vinhas mais emblemáticas da sub-região DOC Portalegre encontram-se na Serra de São Mamede, numa altitude superior aos 500 metros, apresentando uma grande diversidade de castas, numa simbiose entre variedades autóctones do Alentejo e da Beira.

O Explicit 2018 foi elaborado a partir de quatro parcelas com vinhas velhas situadas na Serra de São Mamede, com 60 a 80 anos de idade. O enólogo Jorge Rosa Santos destaca o facto de este vinho ser produzido a partir de múltiplas "castas autóctones portuguesas, provenientes de solos de granito com pouca espessura e baixo índice de fertilidade e com deficiências hídricas e a uma altitude de 540 metros". Por isso a "produção é muito diminuta, mas de grande qualidade". O mosto

Adega de Borba Reserva 2017

Adega de Borba
Castas: Arinto, Alvarinho e Verdelho
13%, PVP: 9,99 euros



Santa Vitória Reserva 2019

Casa de Santa Vitória
Castas: Arinto e Chardonnay
13,5%, PVP: 10 euros



Terras de Xisto Vinhas Velhas Reserva 2017

Ségur Estates
Castas: Arinto, Roupeiro e Fernão Pires
14%, PVP: 10 euros



Cantando 2020

Herdade da Figueirinha
Castas: Chardonnay e Arinto
12,5%, PVP: 10,24 euros



Vidigueira Reserva 2019

Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito
Castas: Antão Vaz e Perrum
14,5%, PVP: 10,50 euros



Família Margaça Reserva 2019

Família Margaça – S. A. de Pias
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 10,59 euros



Mingorra Reserva 2019

Herdade da Mingorra
Castas: Antão Vaz, Alvarinho e Viognier
12%, PVP: 12 euros



fermentou em barricas de carvalho usadas, com 'bâtonnage' até à primavera. O vinho apresenta um aroma complexo, onde as notas cítricas se fundem com um lado mineral e de pederneira. Na boca é fresco e com uma textura desconcertante, surgindo em várias camadas. A madeira muito bem integrada e discreta, deixa que o vinho brilhe pela sua frescura e elegância. É um vinho que merece prova atenta, pois apetece saborear cada gota.

CLÁSSICO O estilo clássico remete-nos para o Alentejo dos anos 90 do século passado, período em que este estilo ganhou relevância e com o qual conquistou grande parte dos consumidores mais fiéis dos vinhos alentejanos. São elaborados maioritariamente com uma combinação de castas, onde o Arinto tem quase sempre uma presença assegurada, pois aporta frescura e acidez. A sul de Évora o casamento é feito principalmente com a Antão Vaz e a norte com a Roupeiro ou a Fernão Pires. A Arinto aporta acidez, tensão e mineralidade a as outras castas aportam perfumes e sabores florais e de fruta madura. Na zona da Vidigueira, por vezes, o lote é feito entre a Antão Vaz e a Perrum, que também aporta frescura. Estas castas em comunhão e com um estágio em barricas de carvalho criaram o perfil de sucesso do vinho branco alentejano.

O Terras de Xisto Vinhas Velhas Reserva 2017 foi elaborado com uma combinação de Arinto, Roupeiro e Fernão Pires. Fermentou de forma espontânea em barricas de carvalho francês de 225 litros, tendo permanecido sobre as borras finas durante cerca de um mês. Posteriormente, 25

por cento do lote estagiou mais doze meses nas barricas. O facto de ser proveniente de vinhas velhas e de ter um estágio prolongado dá-lhe um perfil diferenciador. A cor mostra alguma evolução e fica a dúvida se teve uma longa maceração ou mesmo alguma curtimenta, pois alia um aroma citrino contido a uma boca ampla, onde os aromas de frutos secos, de especiarias e de flor de laranjeira se fundem num vinho distinto.

O Vidigueira Reserva 2019 combina as castas Antão Vaz e Perrum, sendo parcialmente fermentado em barricas de carvalho francês e americano, com movimentação regular de borras finas. José Miguel Almeida, presidente da Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito, realça a presença da "casta Perrum, que ocupa uma área muito reduzida na região". É uma variedade que "confere um equilíbrio muito característico no nosso 'terroir', em vinhos que integra conjuntamente com a casta rainha da Vidigueira: Antão Vaz". Revela um aroma fresco e sedutor, com a fruta bem integrada com a madeira. As notas de fruto do pomar começam a dar lugar aos frutos secos, envolvidos pelas notas tostadas e abaulhadas discretas da madeira.

O Herdade da Cardeira Reserva 2020 foi elaborado com as castas Antão Vaz, Arinto e Verdelho provenientes da região de Borba. Fermentou e estagiou durante seis meses em barricas de carvalho francês. Apresenta um aroma cítrico e algumas notas fumadas. Na boca é fresco e requintado, com uma boa harmonia entre todos os componentes, onde a fruta se une à tosta discreta proveniente do estágio em madeira.

O Marquês de Borba Vinhas Velhas 2019 combina as castas Arinto, Roupeiro, Antão Vaz e Alvarinho. Segundo o enólogo João Maria Portugal Ramos este vinho é marcado por ser proveniente de vinhas velhas, mas principalmente pela "acidez natural das uvas, que se deve ao 'timing' da vindima e às condições climáticas de Estremoz durante o período de maturação, com noites e manhãs muito frescas". As uvas depois de colhidas passam 24 horas numa câmara frigorífica, para arrefecê-las e para que exista alguma maceração pelicular. O arranque da fermentação ocorre em cubas de inox e posteriormente o vinho é transferido, passando para barricas de 500 litros (carvalho húngaro e francês), onde acaba a fermentação e estagia com as borras finas durante 8 meses. "São estas borras finas que lhe aumentam o volume, tornando-o mais gastronómico", conclui João Maria. O vinho apresenta um aroma em que os frutos cítricos e a flor de laranjeira se conjugam na perfeição com as notas fumadas do estágio em madeira. Na boca percebemos um vinho concentrado, complexo e intenso, onde a gordura proveniente do longo estágio e a mineralidade se fundem com a fruta de caroço, num final longo, fresco e seco.

O Poliphonia Reserva 2018 foi elaborado a partir de um lote de Antão Vaz, Arinto e Viognier. A fermentação ocorreu em barricas novas de carvalho francês, a temperatura controlada. Segue-se estágio entre 6 e 9 meses, sobre borras finas, com 'bâtonnage' periódica. Segundo Henrique Granadeiro Júnior, administrador da Granacer, este é o "nosso branco de topo e expressa

RICARDO ZAMBUJO



o 'terroir' do Monte dos Perdígões, aliado ao processo de vinificação cuidado da nossa adega". O vinho apresenta um aroma com notas cítricas, tosta ligeira e notas minerais. Na boca surge um vinho de grande qualidade, com grande volume, acidez perfeita e um delicioso fumado.

O Comenda Grande Reserva 2019 combina a Arinto com a Antão Vaz. Segundo o enólogo Francisco Pimenta, este branco visa "alargar a oferta de produtos da marca Comenda Grande, num registo de qualidade – e daí o designativo de Reserva – só possível com uvas num perfeito estado de maturação e em que todas as condições ideais se conjugaram para um resultado final que

justificasse o designativo atribuído. Estamos, portanto, perante um conjunto de fatores que contribuíram, desde a escolha das uvas das castas Antão Vaz e Arinto, de vinhas com 20 anos, que refletem necessariamente as características do 'terroir', até um extremoso cuidado ao longo de todo o processo - colheita manual, laboração, acompanhamento da fermentação, afinamento e engarrafamento". O vinho apresenta um aroma citrino fresco e notas tostadas subtis provenientes da fermentação e estágio em madeira. Na boca mostra-se muito harmonioso, com volume e frescura, onde a fruta se conjuga com as notas fumadas, tendo um final longo e persistente.

Cardeira Reserva 2020

Herdade da Cardeira
Castas: Antão Vaz, Arinto e Verdelho
14%, PVP: 12 euros

Marquês de Borba Vinhas Velhas 2019

João Portugal Ramos
Vinhos Castas: Arinto, Roupeiro, Antão Vaz e Alvarinho
12,5%, PVP: 12,99 euros

Poliphonia Reserva 2018

Granacer
Castas: Antão Vaz, Arinto e Viognier
13%, PVP: 12,99 euros

Herdade de São Miguel Esquecido 2019

Casa Relvas
Casta: Arinto
12,5%, PVP: 13,5 euros

Herdade do Paço do Conde Reserva 2018

S. A. Encosta do Guadiana
Casta: Antão Vaz
13%, PVP: 13,99 euros

Pousio Arinto 2020

Herdade do Monte da Ribeira
Casta: Arinto
13%, PVP: 13,99 euros

Comenda Grande Reserva 2019

Comenda Grande
Castas: Arinto e Antão Vaz
13%, PVP: 14 euros





embora tenham traços clássicos, avançam com apontamentos modernos, conjugando a Antão Vaz com algumas castas novas na região.

O Mingorra Reserva 2019 combina Antão Vaz, Alvarinho e Viognier de uma vinha situada a sul de Beja. Fermentou e estagiou em barricas novas de carvalho francês durante seis meses com 'bâtonnage'. Segundo Maria Uva, responsável do marketing e vendas da Herdade da Mingorra, este vinho "distingue-se por ser um 'blend' único entre a tradicional casta Antão Vaz e duas novas castas na região - o Alvarinho e o Viognier, que vêm acrescentar personalidade aromática e frescura à estrutura e untuosidade do Antão Vaz". O aroma remete-nos para fruta citrina, com apontamentos de pederneira. Na boca sentimos as notas nobres da barrica conjugadas com a fruta, num vinho equilibrado, jovem e fresco.

O Paço dos Infantes Reserva 2019 foi elaborado com Arinto (50 por cento), Alvarinho (30 por cento) e Antão Vaz (20 por cento) provenientes da sub-região da Vidigueira. As uvas foram arrefecidas em câmara frigorífica durante 24 horas. Cada casta fermentou individualmente em barricas de carvalho francês de 500 litros e em modernas cubas de cimento de forma oval. O enólogo Ricardo Xarepe Silva disse que pretendem que cada "casta se expresse na sua forma mais pura, originando vinhos autênticos, complexos, com boa frescura e muito gastronómicos. Com a fermentação e estágio em barrica trabalhamos o volume, a complexidade e o corpo, e com os "ovos" de cimento a pureza da fruta, a frescura e a mineralidade". O vinho mostra aromas de citrinos

maduros e de fruta tropical, envolvidos pelas notas tostadas da madeira. Na boca mostra boa amplitude e cremosidade. É um branco de meia estação, especialmente indicado para pratos de peixe no forno e bacalhau.

O Herdade do Sobroso Cellar Selection 2020 combina Antão Vaz e Alvarinho. Fermentou em depósitos de aço inoxidável a temperatura controlada e posteriormente estagiou seis meses sobre borras finas em barricas usadas de carvalho francês com 'bâtonnage'. O enólogo Filipe Teixeira Pinto confidenciou-nos que gosta "muito do carácter que o Alvarinho tem vindo a revelar na Vidigueira, com uma expressão diferente do que vemos nos exemplares do Minho, mas muito interessante e de bonita intensidade". No entanto, prefere "usar o Alvarinho em lote, para ajudar a potenciar outras variedades e criar um vinho com mais personalidade". O Alvarinho "nota-se melhor no nariz e o Antão Vaz evidencia-se na boca". Em relação ao uso da madeira é de opinião que esta deve ajudar a "melhorar a estrutura de boca e a potenciar os aromas primários, mas sem a fazer sobressair. A madeira está lá para ajudar, mas não para se mostrar". O vinho apresenta um aroma exuberante, com notas de fruta tropical. Na boca mostra-se muito fresco, com cremosidade e boa acidez, tendo um final muito prolongado.

O Adega Mayor Reserva do Comendador 2019 foi elaborado maioritariamente com a casta Antão Vaz, à qual se juntou 20 por cento de Viognier e 10 por cento de Verdelho. Segundo o enólogo Carlos Rodrigues, a Adega Mayor procura mostrar com este vinho branco de

topo o comportamento da casta Antão Vaz "no extremo norte da região, trabalhando-a de forma diversa e delicada, tanto na vinha como na adega. Se por um lado, a seleção dos talhões, a orientação, a poda e o momento de colheita são determinantes na vinha, por outro, a condução e trabalho meticuloso com as uvas dentro da adega são garantidamente fatores impactantes no perfil deste vinho". Uma parte do vinho teve uma ligeira curtimenta, fermentando posteriormente em barricas novas de carvalho francês e austríaco de 500 litros. Por isso, este vinho apresenta um perfil com "uma ligeira componente cultural de vinho de talha (num estilo antigo reinterpretado) das mesmas uvas, o que nos dá um fundo intrigante e mineral e uma sensação doce de laranja madura cristalizada".

MODERNO E INTERNACIONAL O quarto estilo designando de moderno e internacional congrega vinhos provenientes de castas novas na região, como a Alvarinho, Sauvignon Blanc, Viosinho e Encruzado, entre outras. É um estilo que privilegia a frescura e a pureza da fruta, tentando trazer novos aromas e sabores para o Alentejo. Depois temos ainda o estilo internacional que associa castas locais e nacionais (Antão Vaz e Arinto), a castas internacionais (Chardonnay e Viognier) com uma fermentação muito cuidada em barricas novas de carvalho francês. São vinhos com volume de boca, equilíbrio, frescura e persistência e têm aromas e sabores que atraem um público sofisticado, pois têm similitudes com o que de melhor se faz em muitas regiões vinícolas do mundo.

O Cartuxa 2019 foi produzido a partir das uvas Antão Vaz e Arinto. O mosto foi fermentado em cubas de inox a temperatura controlada. Seguiu-se um estágio sobre borras finas durante nove meses com 'bâtonnage' regular. Este vinho é um dos que melhor exemplifica o vinho branco clássico do Alentejo, pela sua história e consistência ao longo dos anos. Apresenta aromas cítricos, flor de laranjeira e palha seca. Na boca mostra um bom volume, sendo equilibrado e com um final longo e elegante.

O Discórdia Reserva 2019 foi elaborado com as castas Arinto, Antão Vaz e Verdelho provenientes

de uma vinha com 12 anos situada no Parque Natural do Vale do Guadiana, junto a Mértola. A paisagem é rústica e agreste, com solo xistoso de terra magra e pedregosa rodeada de plantas arbustivas muito adaptadas à secura da região, tais como, a esteva e o rosmarinho. Fermentado e estagiado parcialmente em barricas de carvalho francês de 500 litros. Apresenta um aroma marcado pelos frutos cítricos e pela flor de laranjeira, envolto por suaves notas de especiarias. Na boca é cremoso, mas ao mesmo tempo fresco, mineral, seco e persistente.

VINHOS DE TRANSIÇÃO Temos a seguir quatro vinhos de transição que

Dona Maria Amantis Reserva 2018

Vinhos Rosa Santos Família
Castas: várias castas autóctones portuguesas
13,5%, PVP: 14,95 euros

Explicit 2018

Fundação Eugénio de Almeida
Castas: Antão Vaz e Arinto
13%, PVP: 15 euros

Cartuxa 2019

Fundação Eugénio de Almeida
Castas: Antão Vaz e Arinto
13%, PVP: 15 euros

Paço dos Infantes Reserva 2019

Família Cardoso
Castas: Arinto, Alvarinho e Antão Vaz
12,5%, PVP: 15 euros

Baron de B. Reserva 2018

Herdade da Calada
Casta: Antão Vaz
13,5%, PVP: 15,4 euros

Herdade do Sobroso Cellar Selection 2020

Herdade do Sobroso
Castas: Antão Vaz e Alvarinho
13%, PVP: 17 euros

Discórdia Reserva 2019

Herdade Vale D'Évora
Casta: Arinto, Antão Vaz e Verdelho
13,5%, PVP: 17 euros





O Adegas de Borba Reserva 2017 foi elaborado com Arinto e com algumas castas brancas recentemente introduzidas nos encepamentos da região, nomeadamente, a Alvarinho e a Verdelho. Segundo o enólogo Óscar Gato, as uvas que deram origem a este vinho foram “produzidas em vinhas com altitude média de 350 a 400 metros do nível do mar, com boa maturação e acidez natural na vinha, que permitem preservar frescura aromática e sabores cítricos em adegas, garantias de boa evolução e longevidade em garrafa”. Trinta por cento do vinho estagiou nove meses em barricas de carvalho francês e americano. Apresenta aromas cítricos e tropicais maduros e na boca revela apontamentos de mel, ervas aromáticas e baunilha.

O Santa Vitória Reserva 2019 combina a Arinto e a Chardonnay, tendo fermentado e estagiado 30 por cento do lote em barricas de carvalho francês e o restante em cubas de inox. A enóloga Patrícia Peixoto explica que a casta Arinto “transmite a frescura que o lote precisa e a casta Chardonnay exibe a sua untuosidade e volume de boca que são muito marcantes neste vinho. Para além disso o estágio em barrica vai torná-lo bastante complexo e intenso”. Surpreende pela belíssima acidez, mostrando notas citrínicas no aroma, com destaque para a lima. Na boca é envolvente, revelando ainda apontamentos de maçã e alperce, com uma textura delicada e com um final persistente, fresco e elegante, onde a madeira surge discreta e assertiva, tornando o vinho altamente gastronómico. Por isso a enóloga Patrícia Peixoto defende que este vinho “é a prova de que no

Alentejo quente podemos fazer vários estilos, leves e frescos e vinhos mais complexos e estruturados. Para isso conjugamos a enologia, a tecnologia, a terra, a casta e a vontade de trazer à garrafa o melhor possível”.

O Cantando 2010 foi elaborado com Chardonnay (63 por cento) e Arinto (37 por cento). A fermentação inicial ocorreu em cubas de inox, seguidamente uma parte do lote estagiou nove meses em barricas usadas de carvalho francês com agitação das borras finas. As uvas provenientes da Vidigueira produziram um vinho com um perfil cítrico, onde as flores primaveris se conjugam com frutos de caroço. Na boca revela uma boa textura e frescura.

O Dona Maria Amantis Reserva 2018 foi elaborado com Viognier, uma casta francesa que se tem adaptado muito bem a alguns ‘terroirs’ alentejanos. A vinha que lhe deu origem não é regada, está a uma altitude de 400 metros, localizada entre a serra de Ossa e a de Sousel, em solos argilo-calcários que impregnam mineralidade aos vinhos. Todos estes fatores contribuem para criar um vinho com grande personalidade. Segundo a enóloga Sandra Gonçalves, a “localização da vinha no Alto Alentejo permite que durante a maturação dos bagos as vinhas recuperem durante a noite com a descida acentuada das temperaturas, devido à grande amplitude térmica”. Apresenta notas de manga e pera entrelaçadas com notas fumadas. Na boca é sedoso e equilibrado, num registo de grande requinte, elegância e persistência. Seguindo o conselho da enóloga Sandra Gonçalves deverá ter o cuidado de utilizar um “copo mais aberto / maior – estilo borghona e uma temperatura de serviço de 12 graus” para fruir todas as subtilidades que este vinho oferece.

ALENTEJO FRESCO E AUSTERO Este novo estilo ainda é minoritário, mas irá certamente crescer, pois os mercados internacionais atuais privilegiam

este tipo de vinhos. Para poder elaborar um vinho fresco e austero no Alentejo tem de se ter uma atenção redobrada à data de vindima, para colher a uva com boa acidez natural e níveis de álcool provável mais baixos. Perde-se algum volume de boca, mas ganha-se em estrutura e nervo. São vinhos que privilegiam a frescura, precisão, tensão e mineralidade, em vez da untuosidade e exuberância aromática. A casta eleita é quase sempre a Arinto, pois mantém níveis de acidez elevados e tem um aroma fresco e austero.

O Herdade de São Miguel Esquecido 2019 foi elaborado a partir de um lote de Arinto. Teve uma maceração pré-fermentativa durante 24 horas e a fermentação decorreu em barricas de carvalho francês de 400 litros. A casta escolhida, o processo de vinificação e o seu longo estágio originaram um vinho singular, cheio de personalidade. O aroma de grande complexidade transporta-nos para um local onde a fruta de caroço começa a dar lugar aos frutos secos e ao mel. No paladar surge com uma textura fina e uma acidez perfeita, onde a mineralidade se cruza com as notas da fruta e do fumado discreto da barrica. É um branco com baixa graduação alcoólica e muito fresco. Sendo austero, é acima de tudo complexo, mostrando trilhos de futuro para o vinho alentejano.

Segundo o enólogo Nuno Elias o Pousio Arinto 2020 “provém de uma vinha plantada em 2010 com uma cuidadosa seleção clonal que permitiu uma excelente adaptação às condições locais. É muito interessante notar que neste vinho sobressaem notas aromáticas típicas, habitualmente difíceis de expressar nesta casta em climas quentes como o nosso. O ‘terroir’ único dos solos pobres das vertentes da Serra do Mendro a Leste da Vidigueira terá certamente um papel fundamental nesta expressão”. O vinho apresenta um aroma cítrico e de maçã verde intenso. Na boca mostra um vinho

vibrante, com um excelente equilíbrio entre a acidez e a textura. É um bom exemplo e modelo do novo estilo dos vinhos alentejanos, pouco alcoólicos, tensos e frescos.

BALANÇO FINAL E PERSPETIVAS DE FUTURO Após a prova efetuada, podemos extrair algumas conclusões. A primeira delas e talvez a mais evidente, é que mesmo nesta faixa de preços, onde o valor de uma garrafa não é exagerado, já se consegue encontrar uma grande diversidade de vinhos. O que manda por terra a “teoria” já mencionada que os brancos do Alentejo são todos iguais. Aliás, se há algo que existe no Alentejo é uma grande multiplicidade de perfis de vinhos brancos ‘premium’, em parte derivada do uso de uma grande quantidade de castas regionais, nacionais e internacionais.

Talvez até possamos considerar que sejam estilos a mais para um segmento onde as produções já podem ser consideradas altas (a tendência é para crescer) e com um preço mais acessível. Neste sentido é necessário que o consumidor entenda as diferenças e saiba que, independentemente do estilo em que o vinho se enquadra (tradicional, moderno, Antão Vaz, Portalegre...) vai expressar as particularidades das castas, dos lugares, das parcelas onde as uvas nasceram (composição dos solos, altitude, clima, distância ao mar...), e as opções culturais e enológicas do produtor. Para isto, uma boa estratégia de comunicação é imprescindível.

Há que reconhecer, no entanto, que uma parte considerável destes vinhos está demasiado marcada pela madeira, escondendo parte das características específicas de cada um deles, o que pode constituir um fator identitário negativo. Talvez a este nível seja necessário realizar um trabalho diferente para que cada vinho mostre as ‘nuances’ dos lugares de onde vem e surja com a madeira mais subtil e bem integrada. Este caminho pode passar por utilizar barricas usadas de

maiores dimensões, grandes toneis, depósitos de cimento, talhas e ânforas de barro, recipientes que podem mostrar o vinho alentejano com maior carácter e autenticidade, expressando os verdadeiros aromas e sabores da região transtagana. No nosso entender deverá também ser desenvolvido um maior esforço no sentido de apresentar vinhos mais austeros, menos alcoólicos, pois aparentemente o mercado está a privilegiar este tipo de vinhos.

Para terminar, não podemos deixar de fazer uma referência ao preço. Por uma questão prática, ao dividirmos estas duas provas em vinhos ‘premium’ e ‘super-premium’ (edição de 17 de setembro), utilizamos a bitola do PVP indicado pelo produtor, ou seja, entre os 10 e os 17 euros para os vinhos ‘premium’ e superior a 17 euros para os ‘super-premium’ ou de topo. No entanto, devemos ter em atenção que, enquanto vários produtores, normalmente os maiores, apresentam neste segmento de mercado um vinho intermédio, muitos outros apresentam o seu melhor vinho e por isso, uma vez que os produtores nos enviaram o seu melhor vinho, nesta prova de vinhos ‘premium’ estamos também na presença de vinhos de topo. Isto significa igualmente que os vinhos da gama ‘premium’ não são obrigatoriamente piores que os da gama ‘super-premium’, ou vice-versa. Quanto muito serão menos exclusivos. Cabe ao consumidor fazer as suas escolhas, dentro do seu gosto pessoal, do estilo que prefere e, naturalmente, do que a bolsa lhe permite. O certo é que não faltam opções e beber um vinho branco de topo do Alentejo está ao alcance de quase todos.

Em conclusão, os vinhos provados apresentaram grande qualidade e diversidade de estilos, mostrando uma vez mais a dinâmica e irreverência dos produtores alentejanos, sempre atentos ao mercado e às mais recentes inovações, mas sem descuidar a história e as tradições desta antiga região.

Adegas Mayor Reserva do Comendador 2019

Adegas Mayor
Casta: Antão Vaz,
Verdelho e Viognier
13,5%, PVP: 17,45 euros



DESPORTO

Vasco da Gama de Vidigueira venceu no terreno do Mineiro Aljustrelense

O TRIUNFO DA MELHOR CASTA

O Vasco da Gama de Vidigueira venceu em Aljustrel e o Futebol Clube Castrense triunfou em Beja. Ambos lideram o Distrital da I Divisão. O Futebol Clube de Serpa "matou o borrego", derrotando o Barreirense e averbando os primeiros pontos no Campeonato de Portugal. Serpa e Estoril jogam no dia 21/11, às 11 horas, para a Taça de Portugal.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Um bom jogo de futebol no Municipal de Aljustrel, entre dois potenciais candidatos ao título. Venceu a equipa mais ousada, com um futebol largo, vistoso e contra-ataques explosivos. Os locais, assim que se viram em desvantagem, pareceram um pouco amarrados, nervosos e temerários. No segundo tempo ainda chagaram ao empate, mas o Vidigueira "de honra" respondeu com mais dois golos, com os quais matou o jogo.

Na cidade de Beja, o Castrense defrontou o Despertar, uma equipa, como é público, jovem, em construção e, provavelmente, sem argumentos para se bater, de igual para igual, com candidatos com o poderio da turma de Castro Verde. O conjunto do Campo Branco acabou por vencer, com naturalidade, por duas bolas a zero.

O Moura recebeu o vizinho Piense, esta época com um percurso algo irregular, alternando na qualidade das exibições, e o desfecho foi uma goleada por 4-1.

Nas restantes partidas, registou para os triunfos, naturais, do Penedo Gordo em Cuba, e do União Serpense em São Marcos. O Almodôvar continua a surpreender, pela negativa, deixando-se derrotar, no seu reduto, pela formação do Renascente. Marcaram-se 18 golos, numa ronda em que só o Sporting de Cuba, o Despertar e o São Marcos ficaram em branco. O Vasco da Gama e o Castrense têm o pleno dos pontos, quatro jogos e outras tantas vitórias, o Moura fecha o pódio, com menos dois pontos, seguido do Serpense, Penedo Gordo e Piense, todos eles a fechar o sexteto superior, e o Aljustrelense, já a sete pontos de distância dos primeiros, é agora a primeira equipa da segunda metade da tabela. Mas muita água haverá ainda de correr debaixo das pontes.



Para o próximo domingo destacamos como jogo da jornada a partida entre o Castrense e o Aljustrelense; também de olhos postos na receção do União Serpense ao Moura.

Resultados (4.ª jornada): Sporting de Cuba-Penedo Gordo, 0-2; Almodôvar-Renascente, 1-2; Despertar-Castrense, 0-2; Aljustrelense-Vasco da Gama, 1-3; São Marcos-União Serpense, 0-2; Moura-Piense, 4-1.

Classificação: 1.º Vasco da Gama, 12 pontos. 2.º Castrense, 12. 3.º Moura, 10. 4.º União Serpense, 8. 5.º Penedo Gordo, 7. 6.º Piense, 6. 7.º Aljustrelense, 5. 8.º Renascente, 5. 9.º Sporting de Cuba, 1. 10.º Almodôvar, 1. 11.º São Marcos, 0. 12.º Despertar, 0.

Próxima jornada (31/10): Sporting de Cuba-Almodôvar; Renascente-Despertar; Castrense-Aljustrelense; Vasco da Gama-São Marcos; União Serpense-Moura; Penedo Gordo-Piense.

O segundo escalão prosseguiu com a realização da 4.ª jornada, mantendo-se a invencibilidade do Amarelejense (e do Aldenovense), líder da Série A, do Ferreirense (que comanda a Série B), do Santa Clara-a-Nova e do Alvorada, também do Milfontes (líder da Série C), após vencer o dérbi frente ao

vizinho, e rival, Odemirense.

Na tarde de amanhã, dia 30, destaque para mais um dérbi, este entre o Cabeça Gorda e o Salvadense. Um sublinhado, também, para a deslocação do Ferreirense a Ervidel e para a deslocação da formação de Santa Luzia ao Municipal de Odemira.

Resultados (4.ª jornada): Série A: Salvadense-Barrancos, 4-2; São Domingos-Amarelejense, 1-2; Aldenovense-Alvito, 5-1; Bairro da Conceição-Cabeça Gorda, 1-2; Alvernoense-Serpa B, 0-0.

Classificação: 1.º Amarelejense, 10 pontos. 2.º Cabeça Gorda, 9. 3.º Aldenovense, 8. 4.º Salvadense, 7. 5.º Barrancos, 6. Alvito, 6. 7.º Alvernoense, 5. 8.º Serpa B, 4. 9.º Bairro da Conceição, 1. 10.º São Domingos, 0.

Próxima jornada (30/10): Cabeça Gorda-Savadense; Barrancos-São Domingos; Amarelejense-Aldenovense; Serpa B-Bairro da Conceição; Alvito-Alvernoense.

Série B: Santa Clara-a-Nova-Entradense, 2-0; Negrilhos-Odivelas, 3-4; Sete-Alvorada, 0-0; Alfundo-Aldeia dos Fernandes, 5-2; Ferreirense-Messejanense, 3-1.

Classificação: 1.º Ferreirense, 12 pontos. 2.º Santa Clara-a-Nova, 12. 3.º Alvorada, 10. 4.º Alfundo,

9. 5.º Messejanense, 6. 6.º Sete, 5. 7.º Odivelas, 3. 8.º Negrilhos, 1. 9.º Aldeia dos Fernandes, 0. 10.º Entradense, 0.

Próxima jornada (30/10): Aldeia dos Fernandes-Santa Clara-a-Nova; Entradense-Negrilhos; Odivelas-Sete; Messejanense-Alfundo; Alvorada-Ferreirense.

Série C: Milfontes-Odemirense, 4-3; Santa Luzia-Amoreiras Gare, 1-1; Pereirense-Santaclarense, 2-2; Sabóia-Ourique, 1-2. Folgou: Naverredondense.

Classificação: 1.º Milfontes, 12 pontos. 2.º Amoreiras Gare, 7. 3.º Odemirense, 7. 4.º Ourique, 6. 5.º Santa Luzia, 4. 6.º Naverredondense, 3. 7.º Santaclarense, 2. 8.º Sabóia, 2. 9.º Pereirense, 0.

Próxima jornada (30/10): Santaclarense-Milfontes; Odemirense-Santa Luzia; Amoreiras Gare-Naverredondense; Ourique-Pereirense. Folga: Sabóia.

CAMPEONATO DE PORTUGAL No Campeonato de Portugal disputou-se também a jornada número quatro, ronda em que o Serpa recebeu o Barreirense. Ganhou tangencialmente, por uma bola a zero, resultado suficiente para averbar os primeiros pontos nesta

edição de estreia no campeonato. Talvez motivados pela boa carreira que tem feito na Taça de Portugal, os baixo-alentejanos conseguiram interromper o ciclo de derrotas com que entraram na prova.

O Juventude de Évora também foi bem-sucedido, com uma vitória larga sobre o Esperança de Lagos, mas o União de Montemor foi derrotado em Moncarapacho. No próximo domingo, dia 31, o Serpa jogará em Loulé, o Juventude sairá para o Barreiro e o Montemor viajará para Olhão.

Resultados Série F (4ª jornada): Pinhalnovense-Imortal, 1-1; Serpa-Barreirense, 1-0; Juventude de Évora-Esperança de Lagos, 5-3; Moncarapachense-União de Montemor, 4-1; Louletano-Olhanense (adiado).

Classificação: 1.º Pinhalnovense, 10. 2.º Louletano, 7. 3.º Olhanense, 6. 4.º Imortal, 6. 5.º Juventude de Évora, 5. 6.º União de Montemor, 4. 7.º Esperança de Lagos, 3. 8.º Barreirense, 3. 9.º Moncarapachense, 3. 10.º Serpa, 3.

Próxima Jornada (31/10): Esperança de Lagos-Pinhalnovense; Barreirense-Juventude; Imortal-Moncarapachense; Louletano-Serpa; Olhanense-União de Montemor.

NACIONAL II DIVISÃO SUB/19

(8ª jornada): Linda-a-Velha-Despertar, 1-1; Líder: Portimonense, 19 pontos. Próxima jornada (30/10): Despertar-Olimpico. Nacional Sub/17 (10ª jornada): Milfontes-Cova Piedade, 0-4. Líder: Sporting, 28 pontos. Próxima jornada (31/10): Casa Pia-Milfontes. Nacional Sub/15 (8ª jornada): Barreirense-Despertar, 7-0; CD Beja-V. Setúbal, 1-11. Líder: Barreirense, 24 pontos. Próxima jornada (30/10): Despertar-Olhansense; Portimonense-CD Beja.

CAMPEONATO NACIONAL DE ANDEBOL

II Divisão (5ª jornada): Sasseiros-CCP Serpa, 31-24; Sporting B-Évora AC, 29-20. Líder: Sasseiros, 15 pontos. Próxima jornada (30/10): CCP Serpa-Belenenses B (17:30 horas); Évora AC-Benavente. III Divisão (1ª jornada): AC Sines-Zona Azul, 25-33. Líder: Lagoa B, 3 pontos. Próxima Jornada (7/11): Zona Azul-Costa d'Oiro (Lagos).

CAMPEONATO NACIONAL DE BASQUETEBOL

II Divisão Zona Sul E (3ª jornada 30/outubro): Ferragudo-Tubarões de Quarteira; CB Albufeira-Sporting Farense; Os Bonjoanenses-Beja Basket Clube (31/10); Silves-CAB Grândola Os Javalis. Líder: CB Albufeira, 4 pontos. 7º Beja Basket Clube, 2. 8º CAB Grândola 'Os Javalis', 2.

CAMPEONATO NACIONAL DE HÓQUEI EM PATINS

III Divisão Seniores Masculinos Zona Sul B (4ª jornada): Cascais-Vasco Gama de Sines, 4-6; CP Beja-HC de Sintra B, 6-6. Líder: Campo de Ourique, 12 pontos. 2º Vasco da Gama de Sines, 12. 8º CP Beja, 4. Próxima jornada (31/10): Vasco da Gama de Sines-CP Beja (18:00 horas).

Louredense e o Ginásio de Sines são os líderes invictos na Liga do Inatel

UMA RONDA DE TAÇA...

O Louredense e o Ginásio de Sines são os líderes invictos das duas séries da Liga Fundação Inatel 2021/2022. Na tarde de amanhã, e no domingo, disputam-se seis jogos correspondentes à primeira eliminatória da Taça.

TEXTO E FOTO FIRMINO PAIXÃO

Serão apenas seis jogos, no figurino da primeira eliminatória da Taça Fundação Inatel Beja, época desportiva 2021/2022, com 12 equipas em competição e 10 isentas e com "passaporte" já garantido para os oitavos de final da competição. O Ginásio de Sines, que comanda a Série A da Liga de Futebol de 11, jogará no seu terreno, o Louredense, que comanda a Série B, ficou isento desta etapa inicial da prova.

O quadro de jogos, a realizar maioritariamente na tarde de amanhã, dia 24 (em Longueira joga-se no domingo), é o seguinte: Ginásio de Sines-Figueirense; Longueira-Povoense (31/10); Luzianes Gare-Quintos; Santa Vitória-Cavaleiro; Alvaladense-Campo Redondo; Vale Figueira-Jungeiros. As 10 equipas isentas desta fase são as seguintes: Faro do Alentejo, Santo Aleixo, Trindade, Beringelense, Louredense, Garvão, Malavado, Rituais de Safara, Sanjoanense e Olival Queimado. O detentor do troféu é o Grupo Desportivo Povoense, da Póvoa de São Miguel (Moura).

No passado fim de semana jogou-se a 2.ª jornada da Liga Fundação Inatel, ronda em que se marcaram 29 golos, apenas com três equipas em branco. O Faro do Alentejo foi a única equipa a vencer fora de casa, numa jornada em que se registaram dois empates, um em Quintos (na foto) outro em Cavaleiro (Odemira).

Série A: Jungeiros-Figueirense, 2-1; Povoense-Santo Aleixo, 1-0; Quintos-Santa Vitória, 1-1; Trindade-Faro do Alentejo, 0-2; Louredense-Rituais Safara, 2-0; Folgou o Beringelense.

Classificação: 1º Louredense, 6 pontos. 2º Quintos, 4. 3º Povoense, 3. 4º Jungeiros, 3. 5º Santo Aleixo, 3. 6º Faro do Alentejo, 3. 7º Trindade, 3. 8º Beringelense, 1. 9º Santa Vitória, 1. 10º Rituais Safara, 1. 11º Figueirense, 0.



Próxima jornada (6/11): Figueirense-Povoense; Santa Vitória-Jungeiros; Faro do Alentejo-Quintos; Rituais Safara-Trindade; Beringelense-Louredense. Folga: Santo Aleixo.

Série B: Ginásio Sines-Olival Queimado, 3-1; Cavaleiro-Luzianes Gare, 1-1; Vale Figueira-Longueira, 4-2; Sanjoanense-Malavado, 2-1; Alvaladense-Campo Redondo, 3-1. Folgou o Garvão.

Classificação: 1º Ginásio de Sines, 6 pontos. 2º Sanjoanense, 6. 3º Alvaladense, 4. 4º Vale Figueira, 3. 5º Longueira, 3. 6º Olival Queimado, 3. 7º Garvão, 1. 8º Cavaleiro, 1. 9º Luzianes Gare, 1. 10º Malavado, 0. 11º Campo Redondo, 0.

Próxima jornada (6/11): Olival Queimado-Cavaleiro; Longueira-Ginásio de Sines; Sanjoanense-Vale Figueira; Malavado-Alvaladense; Garvão-Campo Redondo; Folga: Luzianes Gare.

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BEJA Com a realização da primeira jornada do distrital de juvenis e o agendamento, para o próximo fim de semana, dos jogos relativos à Série A e B da Liga de Formação de Benjamins, ficarão em atividade quase todas as provas regulamentares da Associação de Futebol de Beja dirigidas aos diferentes escalões de formação. Os Encontros de Petizes e Traquinas iniciar-se-ão apenas no dia 6 de novembro.

Campeonato Distrital de Juvenis (1ª jornada): Castrense-Piense, 4-1; Serpa-Boavista dos Pinheiros, 4-0; Guadiana-Despertar, 0-11; Barrancos-Ferreirense, 1-4; Moura-Desportivo de Beja, 1-3. Líder: Despertar, 3 pontos. Próxima jornada (31/10): Piense-Serpa; Desportivo de Beja-Castrense; Boavista dos Pinheiros Guadiana; Despertar-Barrancos; Ferreirense-Moura.

Campeonato Distrital de Iniciados (2ª jornada): Moura-Castrense, 2-3; Vasco da Gama-Milfontes, 4-4; Aljustrelense-Amarelejense, 1-1; Almodôvar-Odemirense, 0-0; Ferreirense-Despertar, 0-3. Líder: Despertar, 6 pontos. Próxima jornada (31/10): Serpa-Moura; Castrense-Vasco da Gama; Milfontes-Aljustrelense; Amarelejense-Almodôvar; Odemirense-Desportivo de Beja.

Torneio Revelação Sub/23 (1ª jornada): Milfontes-Despertar, 1-2. Líder: Despertar, 3 pontos. Próxima Jornada (30/10); Despertar-Boavista dos Pinheiros.

Campeonato Distrital de Infantis (3ª jornada) Série A: Vasco da Gama-Desportivo de Beja A, 4-1; Moura-Serpa, 6-1; Sporting de Cuba-Amarelejense, 5-1. Líder: Vasco da Gama, 9 pontos. Próxima jornada (30/10): Desportivo de Beja B-Sporting de Cuba; Serpa-Vasco da Gama; Amarelejense-Piense.

Série B; Desportivo de Beja

B-Ferreirense, 2-5; Bairro da Conceição-Guadiana, 0-5; Penedo Gordo-Despertar, 2-3. Líder: Despertar, 9 pontos. Próxima jornada (30/10): Ferreirense-Penedo Gordo; Guadiana-Desportivo de Beja B; Cabeça Gorda-Despertar.

Série C: Milfontes-Ourique, 3-2; Odemirense-Castrense, 8-0; Almodôvar-Boavista dos Pinheiros, 3-2. Líder: Odemirense, 9 pontos. Próxima jornada (30/10): Ourique-Almodôvar; Castrense-Milfontes; Boavista dos Pinheiros-Aljustrelense.

Campeonato Distrital de Infantis Futebol de 7 (1ª jornada 30/10): Barrancos-Aldenovense; Almodôvar-Moura.

Liga de Formação de Benjamins - Série A (1ª jornada 30/10): Sporting Cuba-Despertar A; Vasco da Gama-Moura A; Desportivo de Beja A-Amarelejense; Aldenovense-Serpa.

Série B (1ª jornada 30/10): Penedo Gordo-Aljustrelense A; Bairro da Conceição Desportivo de Beja B; Moura B-Castrense A; Despertar B-Guadiana.

Série C (2ª jornada): Renascente-Milfontes, 7-1; Ferreirense-Almodôvar, 7-3; Ourique-Castrense B, 2-6; Boavista dos Pinheiros-Aljustrelense B, 10-3. Líder: Ferreirense, 6 pontos. Próxima jornada (30/10): Almodôvar-Renascente; Milfontes-Odemirense; Castrense B-Ferreirense; Aljustrelense B-Ourique.

Estatuto editorial do "Diário do Alentejo"

1. O "Diário do Alentejo" é um jornal semanário regionalista, de informação geral, que pretende através do texto e da imagem dar cobertura aos acontecimentos mais relevantes da região, e que sem se remeter a posições de neutralidade proporciona espaço ao pluralismo político e de ideias, e aos valores da democracia e da liberdade.

2. O "Diário do Alentejo" é um jornal semanário independente cuja linha editorial é submetida a critérios de total rigor e seriedade, recusando quaisquer influências ideológicas ou dos poderes político, económico e religioso.

3. O "Diário do Alentejo" produz um jornalismo transparente, abrangendo os mais variados campos da sociedade portuguesa em geral e da alentejana em particular, com exigência e qualidade,

através de um trabalho eficaz, criativo e interativo, com o objetivo de bem informar e esclarecer um público plural.

4. O "Diário do Alentejo" não estabelece quaisquer hierarquias para as notícias e pretende contribuir para o debate e a reflexão sobre as grandes questões da região e do País, pelo que cria espaços apropriados para expressão de opiniões e não estabelece barreiras a qualquer corrente de comunicação.

5. O "Diário do Alentejo" considera que os factos e as opiniões devem ser separadas com evidência: os primeiros são intocáveis e as segundas são livres.

6. O "Diário do Alentejo" determina como únicos limites para a sua intervenção aqueles que são determinados pela lei, pela deontologia jornalística e ética profissional e por tudo aquilo que diga respeito à vida privada de todos os cidadãos.



O técnico serpense **António Franco**, 40 anos, ex-responsável pelo futebol de formação do Despertar Sporting Clube, é o novo coordenador técnico da Benfica Kharkiv Football Academy, na Ucrânia. Antigo diretor técnico da Associação de Futebol de Beja, António Franco tem no seu palmarés uma passagem pelo Changzhou Victory FC, na China, país de onde regressou em plena pandemia de covid-19.

Clube Fluvial Odemirense procura recuperar o património perdido

A RENASCER DAS CINZAS...

“Um choque enorme. Um sentimento de grande tristeza”. É assim que Ilídio Soares, presidente do Clube Fluvial Odemirense, recorda a trágica madrugada do passado dia 9 de outubro, quando as instalações do clube foram incendiadas deixando em cinzas todo um trabalho de 37 anos.

TEXTO E FOTO **FIRMINO PAIXÃO**

Foi uma madrugada dramática, a de sábado, 9 de outubro de 2021. Um dia que ficará na história da canoagem alentejana. As instalações do Clube Fluvial Odemirense foram tomadas pelas chamas e completamente destruídas, provocando um prejuízo estimado em cerca de 200 mil euros. No mesmo dia, conforme noticiado pelo “DA”, a Polícia Judiciária de Portimão deteve numa superfície comercial de Vila do Bispo um cidadão de nacionalidade alemã, de 35 anos, indiciado pela prática desse crime. O Tribunal de Odemira decretou a sua prisão preventiva, encaminhando-o para o Estabelecimento Prisional de Beja. O clube está agora a renascer das cinzas e o seu presidente, que ainda assistiu ao incêndio, elogia a onda de solidariedade que tem sentido em torno do clube.

Qual o sentimento de ver o fogo a consumir as instalações do clube? Um misto de tristeza e revolta...

Sim, senti muita tristeza, mas revolta não senti. Ainda vi as instalações e o material a serem consumidos pelas chamas. Eu tinha o despertador para tocar às 7:00 horas, apesar de ser sábado e de não trabalharmos. Mas o telefone começou a tocar cerca das cinco e meia da manhã e eu, logo, logo, pensei que o despertador estaria avariado. Contudo, a insistência era muita. Entretanto, ouvi a campanha a tocar, estranhei, mas fui ver, eram agentes da Guarda Nacional Republicana que foram buscar-me a casa. Quando aqui cheguei já estavam cá muitos amigos e pessoas ligadas ao clube, todos muito tristes. Também o comandante dos bombeiros, que já praticou canoagem e é muito próximo do clube, abraçou-me assim que me viu e começámos ambos a chorar, aliás, eu já vinha a chorar de casa.

Tem sentido a solidariedade da comunidade?

Sim, tenho sentido bastante, nem



Sinto que os pais dos nossos miúdos estão muito unidos e muito solidários connosco, a direção também está muito mais motivada, todos juntos temos feito um esforço enorme para ultrapassarmos as dificuldades. A população de Odemira tem sido incansável”

só da comunidade odemirense, também de muita gente por esse País fora. Temos sentido uma solidariedade que é uma coisa fora do comum. Sabemos que uma empresa do Porto que fabrica barcos nos vai oferecer dois, outra empresa vai proporcionar-nos preços muito especiais em embarcações que já encomendámos. Uma pessoa de Aveiro contactou-nos para nos oferecer dois barcos... enfim, tem sido uma coisa formidável.

Foi indiciada uma pessoa pela prática desse crime e está em prisão

preventiva, mas as motivações não são conhecidas?

Sei lá! Efetivamente, não sei o que o terá levado a fazer isto. Nem sabemos se realmente pegou fogo nisto ou se foi algo acidental, pois era tudo material muito inflamável. A pessoa não era conhecida aqui, nunca a tínhamos visto, ninguém o conhecia, esteve aqui há uns dias de passagem, com uma autocaravana.

Quase quatro décadas de esforço para apetrechar e fazer crescer este clube e de repente, ficou tudo em cinzas...

Sim, foi impressionante. Recordarmos todo o trabalho que ficou para trás durante estes anos, todos os sacrifícios que foram feitos e, num ápice, ficou tudo destruído. E nós impotentes para evitar o que quer que fosse, porque as chamas eram muitas, vieram três carros de fogo e mais um autotanque e o incêndio não foi fácil de dominar. Calculamos que os prejuízos sejam na ordem dos 200 mil euros. Tínhamos aqui muitas embarcações de carbono, que agora custam muito mais do que custaram aquelas. Como estão a decorrer obras em frente do hangar, não tínhamos aqui as carrinhas, senão teriam ardido também.

A tragédia já faz parte do passado, ficará na memória coletiva, mas o Clube Fluvial Odemirense já está a reerguer-se?

Já! Começámos logo no dia seguinte. Domingo pela manhã reunimos os barcos velhos que estavam na rua, para irem para reciclagem, não arderam e estamos a tentar recuperá-los. São embarcações já ultrapassadas, mas estamos a tentar, de alguma forma, pô-los ainda operacionais, porque no dia 31 de outubro iremos participar na XXIV Subida Internacional do Rio Arade, entre Portimão e Silves, e iremos todos, os atletas, os pais, os dirigentes e os amigos... iremos todos, em força. Vamos mostrar que estamos cá e que não desistiremos. Todos os clubes nos estão a ajudar e as inscrições nessa prova no Arade vão reverter a nosso favor. Temos meia centena de atletas, 25 miúdos na área da formação e os restantes nos diversos escalões competitivos.

As necessidades mais prementes serão as embarcações para esses atletas?

Sim, são as embarcações, mas também as pagaias... os pais dos miúdos já se organizaram e adquiriram os coletes todos que faziam falta. Os bombeiros também nos deram os coletes que lá tinham e o município de Odemira vai ajudar-nos a adquirir um grupo de barcos necessário a que façamos as provas. A população de Odemira também nos tem ajudado muito, mas a Câmara Municipal de Odemira, mesmo antes de os atuais eleitos tomarem posse, es-

teve sempre na primeira linha do apoio ao clube.

Num segundo momento haverá necessidade de reconstruir o hangar. Será demolido ou é possível recuperá-lo?

Temos que pôr tudo isto de pé. O que sofreu mais foi o telhado, espero que, até ao final do ano possamos ter o edifício recuperado. Estamos a construir um novo hangar aqui ao lado, com ginásio, balneários para os atletas, uma oficina, este edifício já foi vistoriado pelo técnicos e será um espaço multiusos, com uma copa e um escritório, uma sala de estudo para os miúdos e uma sala de reuniões.

Este infortúnio fez crescer uma nova alma, uma nova força, em torno do Clube Fluvial Odemirense?

Penso que sim, sinto que os pais dos nossos miúdos estão muito unidos e muito solidários connosco, a direção também está muito mais motivada, todos juntos temos feito um esforço enorme para ultrapassarmos as dificuldades. A população de Odemira tem sido incansável, nem esperava que as pessoas fossem tão sensíveis para com este clube. Não estávamos à espera de tanta solidariedade e de tanto carinho à nossa volta. Só posso agradecer ajuda toda que temos recebido, estamos muito emocionados com todo este apoio que temos sentido, até de pessoas que sabemos terem poucos recursos.

BOLA DE TRAJOS

JOSÉ SAÚDE

Serpa, o “tomba gigantes” da Taça

Se o antigo jogador Coureles, naqueles tempos oriundo do Atlético Aldenovense, campeão pelo Futebol Clube de Serpa da III Divisão Nacional na época de 1956/57, numa final disputada em Coimbra (2-1 a favor dos serpenses, sendo um dos golos de sua autoria, e o outro apontado por Teixeira da Silva), sendo o adversário vencido a equipa de Vila Real de Trás-os-Montes, fosse vivo, regozijar-se-ia com o encontro entre o Serpa e o Covilhã a contar para mais uma eliminatória da Taça de Portugal, onde os serpenses se apresentaram como o “tomba gigantes” ao deixarem pelo caminho a equipa que milita na II Liga.

O motivo da antiga glória do passado seria, quiçá, uma razão forte para curtir o momento com uma imensa saudade, visto que o craque, na época seguinte, 1957/58, transitou da então Vila Branca para a cidade da Covilhã a fim de representar o Sporting local, símbolo onde permaneceu durante várias épocas.

O momento seria explicitamente para vociferar bem alto a consumação do admirável sucesso ocorrido no Complexo Desportivo de Serpa (Campo de Futebol Manuel Baião) mas, por outro, sacar da memória e imaginariamente o reivindicar de 15 contos de “luvas” que se perderam pelos vales da Serra da Estrela, ou pelas aloiradas searas das planícies baixo-alentejanas, ou saber ao certo o valor recebido pela antiga direção, uma verba, segundo um dia me confidenciou o meu caro conterrâneo (ambos nascemos em Aldeia Nova de São Bento) que se terá situado entre os 50 e os 100 contos.

Porém, o ordenado mensal de 1.200 escudos nunca falhou. Nessa temporada, o trio enviado para a cidade covilhanense era valioso, dado que para além do Coureles viajaram para os “leões da Serra” o Picareta e o Garcia. Nesses tempos áureos João Diogo Cano, era o mecenas que elevou Serpa ao púlpito nacional, investindo do seu próprio bolso “carradas” de dinheiro com equipas de luxo que o povo, em uníssono, muito lhe agradeceu.

Estas pequenas histórias avulsas do nosso cosmos futebolístico, resvalam para outros prismas, outros conteúdos abissais, outras formas como hoje se vive no mundo do desporto, sobretudo no futebol, pois o que se ressalva, e merece rasgados aplausos, foi a genica aplicada pelos jogadores locais que não se vergaram ao peso do nome de uma equipa que milita num escalão superior.

Ou seja, o FC Serpa do Campeonato de Portugal e o Sporting da Covilhã II Liga. Neste contexto, ficam os mais distintos aplausos para o grupo de trabalho na sua plenitude e para os dirigentes que partiram para esta nova temporada com objetivos justos, onde os êxitos do Serpa são a plena prioridade. Agora, segue-se o Estoril Praia, da I Liga, jogo onde os serpenses têm como finalidade capital a continuidade em fazer história na Taça. O Serpa já venceu em humildade e também no interior das quatro linhas. A novel cidade e os amantes do desporto-rei esperam, ansiosamente, que a união de grupo vença mais uma etapa que se antevê difícil.



Plano Estratégico do Desporto Escolar tenta abranger todas as realidades territoriais

O MAIOR CLUBE DE PORTUGAL

A existência de novas modalidades, a aproximação à comunidade educativa e a implementação e reforço de estilos de vida saudáveis, através da participação dos vários agentes educativos e dos encarregados de educação em atividades regulares, definem as principais ideias do Programa Estratégico do Desporto Escolar para o quadriénio 2021-2025.

TEXTO E FOTO FIRMINO PAIXÃO

O Desporto Escolar, enquanto atividade de complemento curricular é definido como o “conjunto de práticas lúdicas, desportivas e de formação desenvolvidas como complemento curricular e de ocupação dos tempos livres, pautando-se por um regime de liberdade de participação e de escolha dos alunos”. O novo modelo, asseguram os promotores do plano, permite uma oferta estruturada e ainda a sustentabilidade do Desporto Escolar.

O professor Nuno Mamede, coordenador regional do Desporto Escolar para o Baixo Alentejo e Alentejo Litoral resume aqui as grandes linhas do Programa Estratégico para o quadriénio em curso.

Está já em curso um novo ano letivo. A comunidade educativa estará já identificada com o Plano Estratégico do Desporto Escolar?

O Projeto do Desporto Escolar desenvolve-se em ciclos de quatro anos. Neste novo projeto, e aproveitando a pausa forçada pela pandemia, desenvolveu-se um Plano Estratégico para o novo ciclo de 2021 a 2025. Este plano teve a participação das várias estruturas do Desporto Escolar. Desta forma, a comunidade educativa estará, com certeza, atenta às alterações propostas, bem como às novidades apresentadas no PEDE.

Quais são as grandes diferenças entre este novo plano e o que já se

fazia antes, em termos de Desporto Escolar?

Temos novas modalidades, como o futebol e voleibol de praia e o basquetebol 3x3, como oferta para os alunos. A aproximação à comunidade educativa e a criação de estilos de vida saudáveis, com a criação de novos projetos que visam integrar os funcionários, restantes professores e encarregados de educação em atividades regulares.

O documento está adequado à realidade que existe nas regiões do interior do País?

O documento tenta, de alguma forma, abranger todas as realidades territoriais. No entanto, estamos cientes que a região do Alentejo e mais especificamente o Baixo Alentejo e Alentejo Litoral, tem características únicas, que nos criam grandes dificuldades de gestão. Desta forma, temos sempre algumas noções e políticas que têm um enquadramento mais dificultado na nossa região.

A comunidade educativa estará devidamente apetrechada de meios humanos, físicos, materiais e de infraestruturas capazes de cumprir as metas propostas?

Os recursos humanos são a grande força do Desporto Escolar. Os professores que integram o projeto são, na sua grande maioria, preocupados e desenvolvem atividades e projetos de grande valia e qualidade, muitas vezes com poucos recursos financeiros e materiais. O Desporto Escolar atribuiu neste início de ano letivo cerca de 60 mil euros para apetrechamento das escolas da nossa região. Desta forma, todas as escolas tiveram possibilidade, de acordo com o seu projeto, de adquirir material desportivo de apetrechamento dos seus grupos ou equipas.

O Plano Estratégico está ancorado a seis grandes eixos. Quais os que considera que acrescentam mais valor e maior dinâmica ao Desporto Escolar?

Todos eles são de extrema importância. No entanto, penso que o Desporto Escolar deve, cada vez mais, ser uma verdadeira base da pirâmide desportiva nacional e contribuir para o aumento da atividade física regular dos nossos alunos.

Um deles prevê o envolvimento do Desporto Escolar nas comunidades e vice-versa. Haverá disponibilidade dos agentes desportivos comunitários federados para aceitarem essa complementaridade?

As várias federações desportivas percebem a importância do Desporto Escolar e procuram integrar o projeto de forma a captar novos atletas. Muitas delas já integram o projeto e estão cada vez mais próximas e disponíveis para se envolverem e desenvolverem parcerias com o Desporto Escolar. A valorização do projeto pela comunidade é um desafio para todos. É importante que os pais e toda a comunidade reconheçam as atividades do Desporto Escolar e a sua relevância para todos.

O documento introduz os conceitos de cogestão e codecisão entre alunos e professores. Será fácil implementar estas ideias de partilha e responsabilização?

Pensamos que atribuir responsabilidades e fomentar a cooperação e tomada de decisão nos nossos alunos é uma forma de os incorporar no projeto de uma forma mais completa e responsável. O objetivo é sempre contribuir para um melhor perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.

Acredita que no final deste quadriénio o Desporto Escolar estará mais dinâmico?

É esse o grande desafio. Depois do período conturbado que passámos nos últimos dois anos letivos, pensamos que os alunos e professores estão com uma enorme vontade de regressar às atividades do Desporto Escolar e temos que saber aproveitar o momento para fazer crescer este projeto do maior clube de Portugal.

Diário do Alentejo n.º 2062 de 29/10/2021 Única Publicação



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE ALJUSTREL E ALMODÔVAR, CRL

Sede: Rua José Francisco da Silva Álvaro, 4, em Aljustrel
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Aljustrel com o número único de matrícula e pessoa coletiva 500 984 549
Capital social 5.000.000 (variável)

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

Informação sobre a realização de Eleições para os Órgãos Sociais e Estatutários

Nos termos e para os efeitos do disposto no n.º 2 do artigo 2.º do Regulamento Eleitoral em vigor, aprovado na Assembleia Geral de 07 de maio de 2021, informo os Associados da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Aljustrel e Almodôvar, CRL, (doravante Caixa Agrícola) que irão ser realizadas eleições para os Órgãos Sociais e Estatutários desta Caixa Agrícola, para o triénio 2022-2024, durante o próximo mês de março de 2022, sendo para o efeito convocada, oportunamente e com a antecedência legal e estatutária, a Assembleia Geral que, entre outros pontos de agenda, conterá o ponto destinado à eleição dos Membros dos Órgãos Sociais e Estatutários desta Caixa Agrícola.

O procedimento da apresentação e admissão de candidaturas está previsto no artigo 5.º do Regulamento Eleitoral, o qual se encontra disponível, para consulta, na sede da Caixa Agrícola e na sua página de internet consultável em www.creditagricola.pt.

Em consequência e a partir da data de publicação deste meu anúncio, encontra-se em curso, nos termos do previsto no artigo 5.º do Regulamento Eleitoral, o prazo para a entrega de listas candidatas às eleições aos Órgãos Sociais e Estatutários da Caixa Agrícola, prazo esse que termina às 16 horas do dia 30 de novembro de 2021.

Também e a partir da presente data, qualquer Associado, no pleno gozo dos seus direitos, poderá consultar, para fins exclusivamente eleitorais, a lista actualizada dos Associados no pleno gozo dos seus direitos, nos termos previstos nos n.º 3 e n.º 4 ambos do artigo 19.º dos Estatutos da Caixa Agrícola, bem como, querendo, solicitar-me, para esses mesmos fins, a disponibilização dessa lista, o que poderá ser efectuado através de carta a ser entregue ou enviada para a sede da Caixa Agrícola ou através de mensagem de correio electrónico para o endereço ccaljustrel@creditagricola.pt.

Só serão admitidas, preliminarmente, as candidaturas que, para além da respectiva entrada dentro do prazo mencionado, estejam em conformidade com o disposto nos Estatutos e no Regulamento Eleitoral da Caixa Agrícola, bem como nas demais disposições legais e normativas em vigor, designadamente na Instrução do Banco de Portugal n.º 23/2018 e no Aviso do Banco de Portugal n.º 3/2020, ao abrigo do qual todos os Candidatos se deverão vincular ao cumprimento do Código de Ética e de Conduta do Grupo Crédito Agrícola e da Política de Prevenção, Comunicação e Sanação de Conflitos de Interesses e de Transacções com Partes Relacionadas do Grupo Crédito Agrícola.

Os Estatutos, o Regulamento Eleitoral, a Política Interna de Selecção e Avaliação da Adequação dos Membros dos Órgãos de Administração e de Fiscalização da Caixa Agrícola, o Código de Ética e de Conduta e a Política de Prevenção, Comunicação e Sanação de Conflitos de Interesses e de Transacções com Partes Relacionadas do Grupo Crédito Agrícola, estão disponíveis para consulta na sede da Caixa Agrícola e na sua página de internet consultável em www.creditagricola.pt.

Igualmente, estarão disponíveis para recolha na sede da Caixa Agrícola a lista de documentos e minutas de declarações exigíveis no âmbito da legislação e dos normativos vinculativos actualmente em vigor e supra enunciados, os quais serão entregues a Associados no pleno gozo dos seus direitos devidamente identificados, podendo, também, os mesmos ser enviados por correio postal ou correio electrónico, caso tal me seja requerido através de carta entregue ou enviada para a sede da Caixa Agrícola ou através de mensagem de correio electrónico para o endereço electrónico acima indicado.

Reitero que o prazo para a entrega das listas candidatas às eleições aos referidos Órgãos Sociais e Estatutários da Caixa Agrícola termina às 16 horas do próximo dia 30 de novembro de 2021.

Aljustrel, 25 de outubro de 2021.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Salvador Canijo de Quadros e Costa



ROTA DO GUADIANA
ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO
GAL
Margem Esquerda do Guadiana
CANDIDATURAS ABERTAS PDR2020

De 25 de outubro de 2021 (09:00:00)
a 10 de dezembro de 2021 (17:00:59)

10.2.1.2. Pequenos investimentos na transformação e comercialização de produtos agrícolas

10.2.1.3. Diversificação de atividades na exploração agrícola

Consulte os Avisos de abertura em www.portugal2020.pt; www.pdr2020.pt ou em www.rotaguadiana.org
Informações através do 284 540 220

Cofinanciado por:



Diário do Alentejo n.º 2062 de 29/10/2021 Única Publicação

CARTÓRIO NOTARIAL EM BEJA
NOTÁRIO: JOAQUIM MANUEL VITAL RUIVO

Joaquim Manuel Vital Ruivo, notário em Beja, com Cartório Notarial na Rua Luís Camões, nº 5, CERTIFICA NARRATIVAMENTE, que dia vinte seis de outubro de dois mil e vinte e um, a fo-lhas trinta e quatro, do livro de notas para escrituras diversas, número cinquenta e dois-C do Car-tório, outorguei escritura de justificação do seguinte teor:

José Francisco de Aguiar Serafim, NIF 186044933, natural da freguesia de Salvador, concelho de Beja e mulher Filomena Maria Machado Pinto, NIF 143275828, natural da freguesia de Sobral da Adiça, concelho de Moura, casados sob o regime da comunhão de adquiridos, residentes na Rua Dr. Augusto Miranda, número 56, em Sobral de Adiça, Moura.

E por ele foi dito: Que com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores do prédio rus-tico, denominado "Fonte Santa", sito em Beja, Salvador, da atual união das freguesias de Beja (Salvador e Santa Maria da Feira), concelho de Beja, composto por cultura arvense de sequeiro, oliveiras e dependência agrícola, confrontando a Norte e Nascente com caminho de ferro e Edite Júlia Ribeiro de Carvalho Martins e outros; a Sul com caminho de ferro, Vladimiro Manuel Calceteiro Serafim e Afonso José Fialho Andrade, e Poente com caminho de ferro e Vladimiro Manuel Calceteiro Serafim, descrito na Conservatória do Registo Predial de Beja sob o número dois mil duzentos e cinco (freguesia de Salvador), e aí registado a favor de Vladimiro Manuel Calceteiro Serafim e mulher Maria Eduarda Aguiar Serafim, conforme apresentação dois de vinte e um de janeiro de mil novecentos e setenta e seis. Prédio inscrito na matriz predial rústica sob o artigo 234, da seção 1A, da dita união das freguesias de Beja, com o valor patrimonial tributável para efeitos de IMT e IS de 86,86€. Que o Vladimiro Manuel Calceteiro Serafim, que também usava Vlademiro Manuel Calceteiro Sera-fim, era seu pai, e que ele e sua mãe, Maria Eduarda Aguiar Serafim, no final dos anos noventa, no natal de mil novecentos e noventa e nove, por doação verbal, doaram o prédio aos justificantes, en-trando assim o casal na posse deste prédio rústico na convicção de que era o único titular do direito de propriedade, de boa fé, tendo usufruído o aludido prédio rústico no pleno gozo das utilidades por ele proporcionadas, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, com ânimo de quem exerce direito próprio, explorando o referido prédio, nele fazendo plantações e dele colhendo os frutos e pagando os respectivos encargos, sendo por isso uma posse pública, de boa fé, pacífica e contínua.

Que, dadas as circunstâncias da posse, há mais de vinte anos, adquiriram o prédio por USUCAPIÃO, não dispondo porém de título e que o mesmo não é suscetível de ser comprovado pelos meios extra-judiciais normais, impossibilitando-os, assim e por natureza de verem reconhecido o seu direito de propriedade perfeita. Está de conforme com o original.

O Notário
Lic. Vital Ruivo

Transportadora procura parceiro para integrar a sua rede de distribuição

Transportadora de correio urgente com implantação a nível nacional e internacional, procura empresa parceira na zona de Beja, com experiência como operador logístico, para integrar a sua rede de distribuição nesta região.

Os interessados deverão apresentar a sua candidatura para o email transportes.parceiros@gmail.com



Diário do Alentejo

Seja o primeiro a ler o seu "DA" todas as semanas no computador, telemóvel ou tablet



Faça já a assinatura digital por 15 euros/ano

Para fazer a sua assinatura aceda a www.diariodoalentejo.pt e preencha o formulário *on line*

Análises Clínicas ▼



Laboratório de Análises
Clínicas de Beja, Lda

Laboratório de Análises Clínicas de Beja, Lda.

Dr. Fernando H. Fernandes
Dr. Armindo Miguel
R. Gonçalves

Horários das 8 às 18 horas

Acordo com beneficiários
da Previdência/ARS; ADSE; SAMS; CGD; GNR; ADM; PSP;
Multicare; Advance Care; Médicis

FAZEM-SE DOMICÍLIOS

Rua de Mértola, 86, 1.º
Rua Sousa Porto, 35-B

Telefs. 284324157 e 284325175 Fax 284326470

7800 BEJA

Cardiologia ▼

MARIA JOSÉ BENTO SOUSA e LUÍS MOURA DUARTE

Cardiologistas

Especialistas pela Ordem dos Médicos
e pelo Hospital de Santa Marta

Assistentes de Cardiologia no Hospital de Beja

Consultas em Beja Policlínica de S. Paulo
Rua Cidade de S. Paulo, 29

Marcações: telef. 284328023 - BEJA

Oftalmologia ▼

JOÃO HROTKO

Médico oftalmologista

Especialista pela Ordem dos Médicos
Chefe de Serviço de Oftalmologia
do Hospital de Beja

Consultas de 2.ª a 6.ª

Acordos com:
ACS, CTT, EDP, CGD, SAMS.

Marcações pelo telef. 284325059 Rua do Canal, nº 4 7800 BEJA

Psicologia ▼

MARGARIDA RAMOS

PSICÓLOGA

Mestre pelo ISPA

HIPNOTERAPEUTA pelo:

London College of Clinical Hypnosis

Especialista pela Ordem dos Psicólogos em:

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

PSICOTERAPIA

Consultório:

Rua General Humberto Delgado, nº 2 Beja

Marcações: 967665641

<https://psicologiabeja.wixsite.com/psicologa-margarida>

Clínica dentária ▼

Dr. José Loff

Prótese fixa e removível

Estética dentária

Cirurgia oral/Implantologia

Aparelhos fixos e removíveis

VÁRIOS ACORDOS

Consultas: de segunda a sexta-feira, das 9 e 30 às 19 horas

Rua de Mértola, n.º 43 – 1.º esq. Tel. 284 321 304 Tm. 925651190

7800-475 BEJA

Medicina dentária ▼

FERNANDA FAUSTINO

Técnica de Prótese Dentária

Vários Acordos

(Diplomada pela Escola Superior de Medicina
Dentária de Lisboa)

Rua General Morais Sarmiento, n.º 18, r/chão
Telef. 284326841

7800-064 BEJA

Dermatologia ▼

TERESA ESTANISLAU CORREIA

MÉDICA DERMATOLOGISTA

BEJA

284 329 134

Marcações de Segunda a Sexta das 11h30 às 16h30

Rua Manuel de Brito Nº 4 – 1º Frt

7800-544 BEJA

E-mail: clinidermatecorreia@gmail.com

LISBOA

217 986 150

Marcações de Segunda a Sexta das 14h às 19h

Rua Julieta Ferrão, 10 – 3º Esqº

1600-131 LISBOA

Medicina dentária ▼

CLÍNICA MÉDICA DENTÁRIA JOSÉ BELARMINO, LDA.

Rua Bernardo Santareno, nº 10
Telef. 284326965 BEJA

DR. JOSÉ BELARMINO

Clínica Geral e Medicina Familiar (Fac. C.M. Lisboa)

Implantologia Oral e Prótese sobre Implantes

(Universidade de San Pablo-Céu, Madrid)

CONSULTAS EM BEJA

2ª, 4ª e 5ª feira das 14 às 20 horas

EM BERINGEL

Telef 284998261 6ª e sábado das 14 às 20 horas

DRª PAULA RODRIGUES

Psicologia Clínica – Hospital de Beja

DRª MARIA GÓMEZ

Psiquiatria – Hospital de Beja

Clínica geral ▼

DR. MAURO FREITAS VALE

MÉDICO DENTISTA

Prótese/Ortodontia

Marcações pelo telefone 284321693 ou no local

Rua António Sardinha, 3, 1.º G

7800 BEJA

GASPAR CANO

MÉDICO ESPECIALISTA
EM CLÍNICA GERAL/MEDICINA
FAMILIAR

Marcações a partir das 14 horas Tel. 284322503

Clinipax Rua Zeca Afonso, n.º 6-1.º B – BEJA

Pediatría ▼



Pediatría

CLÍNICA DA CRIANÇA DE BEJA UNIP, LDA
MÉDICA PEDIATRA : Drª CONSTANÇA BENTES

Novo Horário da CCBeja

2ª Feira e 5ª Feira: 14h às 20h

3ª Feira e 4ª Feira: 10H às 12h e das 14h às 20h

6ª Feira: 10h às 13h

Contatos: Clínica - 284 326 752

Tel. de Apoio Pediátrico: 965 207 043

E-Mail: ccbeja@live.com.pt

Morada: Rua da Olivença nº19, 7800-294 Beja

Hematologia Clínica ▼

HEMATOLOGIA CLÍNICA

Doenças do Sangue

ANA MONTALVÃO

Assistente Hospitalar Graduada

Marcações de 2.ª a 6.ª feira, das 15 às 19 horas

Terreiro dos Valentins, 4-1.ª A 7800-523 BEJA Tel. 284325861



Centro de Radiologia de Beja



Manuel Matias
Isabel Lima
Miguel Oliveira e Castro
Jaime Cruz Maurício
Maria José Sousa
Luís Moura Duarte

Radiologia convencional / Radiologia Dentária
Mamografia / Osteodensitometria
Ecografia / Eco-Doppler
Tomografia Computorizada (TAC)
Colonoscopia Virtual
Deteção precoce do cancro do pulmão
Ecocardiografia
Doppler Cardíaco

CONTRATO DE ADESÃO: **U.L.S.B.A.**
(Hospital de Beja e Centros de Saúde)

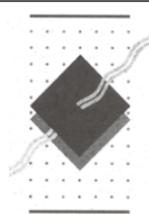
ACORDOS:
ADSE • PT-ACS • CGD • SAMS • SAMS Quadros
SEGUROS:
Medis • Multicare • Allianz • WDA • Humana
Mondial Assistance • AdvanceCare • Future Healthcare

MARCAÇÕES:

T. 284 313 330 Tm. 967 640 129 / 914 910 193

Rua Afonso de Albuquerque, 7 r/c 7800 - 442 BEJA

geral@crb.pt www.crb.pt



CENTRO DE IMAGIOLOGIA DO BAIXO ALENTEJO

**TOMOGRAFIA
COMPUTORIZADA (TAC)
ECOGRAFIA
MAMOGRAFIA
ECO DOPPLER**

Médicos Radiologistas
António Lopes / Aurora Alves
Helena Martelo / Montes Palma
Médica Neuroradiologista
Alda Jacinto
Médica Angiologista
Helena Manso

Convenções:

ULSBA (SNS)

ADSE, ACS-PT, SAD-GNR, CGD, MEDIS, SSMJ,
SAD-PSP, SAMS, SAMS QUADROS, ADMS,
MULTICARE, ADVANCE CARE

Marcações:

Tm. 928058603 Tel. 284318490 Tm. 928053329

Horário: de 2.ª a 6.ª feira, das 8 às 19 horas
e aos sábados, das 8 às 13 horas

Av. Fialho de Almeida, n.º 2 7800 BEJA

Fisioterapia

Centro de Fisioterapia S. João Baptista, Lda.

Fisiatria

Dr. Carlos Machado
Neurocirurgia
Dr. Daniel Maymone
Psicologia Clínica
Dr.ª M. Carmo Gonçalves

Tratamentos de Fisioterapia
Classes de Mobilidade
e Reeducação do Pavimento Pélvico
Classes de Reeducação
Postural/Pilates
Reabilitação Pós-Mastectomia
Técnicas de Acupuntura
Tratamento por Ondas de Choque
Hidroterapia/Classes no Meio Aquático

Acordos com ADSE, SAD//GNR, SAD/PSP,
Medicare, ADM, SAMS, Medis,
Advance Care, Multicare, Allianz,
Seguros/Acidentes de Trabalho, Planuscard

Marcações pelo ☎ 284322446; 284094496; 915624315
Rua 25 de Abril, 11 cave esq. 7800-521 BEJA

cfisioterapiasjb@gmail.com

Diário do Alentejo n.º 2062 de 29/10/2021 Única Publicação



ÁGUAS PÚBLICAS DO ALENTEJO, S.A.

A AgdA - Águas Públicas do Alentejo, S.A.,
empresa do Setor do Ambiente, integrada
em Sólido Grupo Económico, pretende
recrutar para as seguintes funções:

Técnico Superior de Operação (m/f)
Ref. 46/AgdA/2021 - Odemira
Técnico de Manutenção (m/f)
Ref. 47/AgdA/2021 - Grândola

CANDIDATURAS ATÉ AO DIA 07/11/2021

Para informações detalhadas aceda a
[https://www.agda.pt/
ofertas-de-emprego-bolsa-de-emprego](https://www.agda.pt/ofertas-de-emprego-bolsa-de-emprego)

Clínica Médico-Dentária de S. FRANCISCO, LDA.

**Gerência
de Fernanda Faustino**

**Acordos: SAMS, ADMG,
PSP, ADME,
Portugal Telecom
e Advancecare**

Rua General Morais Sarmiento,
n.º 18, r/chão;
TEL. 284327260 7800-064 BEJA

**Já pensou
dar
um pouco
do seu
SANGUE?**



Associação Humanitária
dos Dadores de Sangue
de Beja



PELA SUA SAÚDE



- Angiologia e Cirurgia Vascular: Dr.ª Helena Manso Ribeiro
- Cirurgia Geral: Dr. Gabriel Gomes
- Cirurgia da Obesidade: Dr. Octávio Viveiros
- Dermatologia: Dr.ª Ana Filipe Monteiro
- Endocrinologia: Dr.ª Ana Sousa Martins | Dr. Dinis Reis
- Enfermagem: Enf.ª Maria J. Espanhol
- Gastrenterologia: Dr. Ricardo Lopes
- Ginecologia e Obstetrícia: Dr.ª Luisa Guerreiro
- Hematologia: Dr.ª Ana Montalvão
- Medicina Geral e Familiar: Dr. Gaspar Cano
- Medicina Interna: Dr. Quintino Biague
- Medicina Tradicional Chinesa: Dr. Rafael Lopes
- Neuro Cirurgia: Dr.ª Dr. Rui Rato
- Nutricionismo: Dr.ª Verónica Túbal
- Ortopedia / Traumatologia: Dr. André Ramos
- Otorrinolaringologia: Dr. Guedes Damaso
- Pediatria: Dr.ª Isabel Brito Lança - **Linha de Apoio: 284 092 503**
- Pneumologia: Dr.ª Ana Cristina Duarte
- Preparação Pré e Pós Parto: Enf.ª Maria José Espanhol
- Psicologia Clínica: Dr. Francisco Barrocas | Dr.ª Margarida Mendes
- Psicologia Educacional (Orientação Vocacional): Dr.ª Madalena Espinho
- Psiquiatria: Dr. Filipe Godinho
- Psiquiatria da Infância e da Adolescência: Dr.ª Isabel Santos
Dr.ª Cláudia Gomes Cano
- Reumatologia: Dr. Fernando Pimentel
- Senologia - Cirurgia da Mama: Dr. Luís Mestre
- Terapia da Fala: Dr.ª Ana Margarida Soares
- Terapia Sexual: Dr.ª Helena Pinheiro
- Urologia: Dr. Francisco Fino Correia

SEDE: Rua de Angola, 1 - Loja 1 | 7800 BEJA || MARCAÇÕES ATRAVÉS DOS CONTATOS: Telef: 284 092 243 || Tlm: 91 7716528 | 91 6203481



FUNERAIS - TRASLADAÇÕES - CREMAÇÕES - EXUMAÇÕES - TANATOPRAXIA

PAX-JÚLIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA

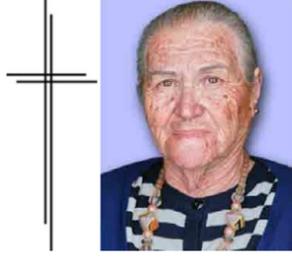
CUIDANDO DE PESSOAS, FAZENDO A DIFERENÇA...

PENEDO GORDO



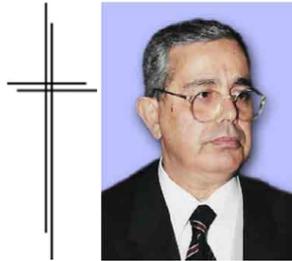
†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOÃO MANUEL BELGA BÁIA**, de 66 anos, natural de Quintos - Beja, casado com a Exma. Sra. D. Josélia Maria Penas das Dores Báia. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 21, da Casa Mortuária de Penedo Gordo, para o cemitério local.

SANTA CLARA DE LOUREDO



†. Faleceu a Exma. Sra. **D. LUCÍLIA CUSTÓDIA MARTINS DOMINGOS**, de 85 anos, natural de Santa Clara de Louredo - Beja, casada com o Exmo. Sr. José António Chóra Júnior. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 21, da Casa Mortuária de Santa Clara de Louredo, para o cemitério local.

CABEÇA GORDA



†. Faleceu o Exmo. Sr. **HENRIQUE MANUEL PEREIRA ALVES DE SOUSA**, de 81 anos, natural de São Sebastião da Pedreira - Lisboa, viúvo. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 22, da Casa Mortuária de Cabeça Gorda, para o cemitério local.

BEJA



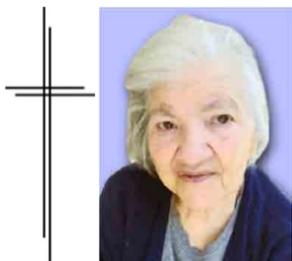
†. Faleceu a Exma. Sra. **D. ANA DA CONCEIÇÃO MOISÃO FITAS NUNES**, de 93 anos, natural de Peroguarda - Ferreira do Alentejo, solteira. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 22, no cemitério de Beja.

BEJA / SELMES



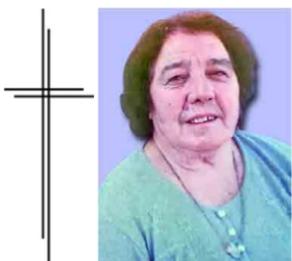
†. Faleceu a Exma. Sra. **D. MARIANA PULQUÉRIA CALHAU DA SILVA SANTOS**, de 87 anos, natural de Selmes - Vidigueira, viúva. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 22, das Casas Mortuárias de Beja, para o cemitério de Selmes

SALVADA



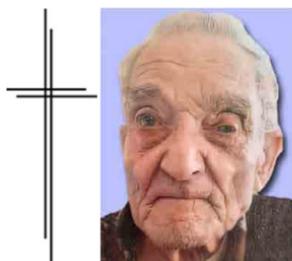
†. Faleceu a Exma. Sra. **D. MARIA ADELAIDE DOS SANTOS**, de 84 anos, natural de Salvada - Beja, casada com o Exmo. Sr. José Manuel Cascalheira Júnior. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 24, da Casa Mortuária da Salvada, para o cemitério local.

BERINGEL



†. Faleceu a Exma. Sra. **D. MARIANA LUÍSA CALADO**, de 86 anos, natural de Ferreira do Alentejo - Ferreira do Alentejo, solteira. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 25, da Casa Mortuária de Beringel, para o cemitério local.

SANTA CLARA DE LOUREDO



†. Faleceu o Exmo. Sr. **JOÃO ANTÓNIO DAMASO**, de 95 anos, natural de Relíquias - Odemira. O funeral a cargo desta Agência realizou-se no passado dia 27, no cemitério de Santa Clara de Louredo



As famílias enlutadas apresentamos as nossas mais sinceras condolências



Loja 1: Rua da Cadeia Velha, 16, 20 e 22 * 7800-143 BEJA
Loja 2: Av.ª Miguel Fernandes, 10 * 7800-396 BEJA
Telef.: 284311300 Telem.: 967311300 Fax.: 284311309
www.funerariapaxjulia.pt - www.facebook.com/funepaxjulia



MISSA DE 11.º ANIVERSÁRIO



DR. JOÃO MANUEL PACHECO COVAS LIMA

Mulher, Filhos, Netos e demais Família participam que será celebrada Missa por sua intenção, quinta-feira, 4 de Novembro, às 18:30, na Igreja de Santiago Maior – Sé, em Beja.

Gêneria:
Manuel Nunes

NUNES

- AGÊNCIA FUNERÁRIA -

Serviço permanente dia e noite

962 946 642

284 311 170

Funerais ❖ Trasladações ❖ Cremações

Artigos Religiosos

Tratamos de toda a burocracia

Serviço digno e em tudo distinto

Rua da Cadeia Velha 15 - Beja

www.funerarianunes.com - funerarianunes@gmail.com

www.facebook.com/AgenciaFunerariaNunes

AGRICULTOR

Por conta própria
pretende
conhecer companheira

Contactar tm. 963584508

Diário do Alentejo

Assinatura

Nome.....

Morada.....

Telefone..... N.º Contribuinte..... E-mail.....

 Assinatura Anual Digital – 15,00 € (preço especial de lançamento)

 Assinatura Anual em Papel Nacional – 32,00 €

 Assinatura Anual em Papel Europa – 41,50 €

 Assinatura Anual em Papel Resto do Mundo – 54,50 €

Dou consentimento para processamento dos meus dados pessoais exclusivamente para efeitos de comunicações de marketing da CIMBAL, como seja newsletters, novidades de serviços, artigos técnicos, informações sobre eventos ou outras atividades afins.

Poderá solicitar qualquer informação ou esclarecimento à CIMBAL, como responsável pelo tratamento dos dados, revogar o seu consentimento, exercer os direitos de acesso, retificação, supressão, limitação, portabilidade e oposição através do endereço de correio eletrónico dpo@cimbal.org.pt, bem como apresentar reclamação à autoridade de controlo. Para mais informações, consulte a nossa Política de Privacidade, constante no nosso website em www.cimbal.pt.



Mecânico de Automóveis (M/F)
Évora e Beja

Procuramos Mecânico com experiência em
reparação automóvel!

Oferecemos:

- Prémios mensais.
- Formação inicial e contínua;
- Possibilidade de progressão de carreira;
- Integração num grupo sólido.

Envie o seu CV para talento@oficinasforce.pt

ETC.

ARTES

LUÍS MIGUEL RICARDO

“PREFIRO O ROMANCE, CORRENDO O RISCO DE ENFASTIAR OS LEITORES COM TANTOS ENREDOS E TEORIAS”

José Teles Lacerda nasceu em 1970, em Évora, mas foi a vila do Vimeiro, concelho de Arraiolos, que o viu fazer-se menino e rapaz. Em 1998 fixou residência em Alcáçovas. Desde o ano de 1993 que é professor e, nos tempos livres, revela que “vai escrevendo de forma furtiva, escondida e clandestina”. Da sua bibliografia destaca-se o romance de estreia “A Vingança das Vagas”, publicado em 2012 pela editora Esfera do Caos, e vários textos feitos contos, editados em múltiplos projetos literários: “Terno Tesouro”, incluído na coletânea “Contos de Caneco”, uma edição da Admira, em 2013; “Entre o Sado e a Solidão”, incluído no projeto de literatura de viagens “Stories do Alentejo”, edição da Lugar da Palavra, em 2013; “A ilustre luta dos leitores de pensamentos”, integrado na obra “Contos Assesta – Alentejo”, uma edição da Assesta – Associação de Escritores do Alentejo, em 2015; e “Sedento”, incluído na coletânea “Contos Assesta – A Água”, publicado pelo grupo Narrativa, em 2019.

Quando e como foi descoberta a vocação para as letras?

Entre os 17 e os 20 e poucos anos, eu era um insaciável devorador dos livros de Lobo Antunes, Saramago e Garcia Márquez. Contudo, gostava muito de pintar e canalizava a minha necessidade criativa para essa atividade. Para me entreter durante as férias escolares, comprava umas telas, umas bisnagas de tinta de óleo, aquelas que continham as cores básicas, e uns frasquinhos de óleo de linhaça e terebentina. E lá passava o tempo a inventar formas e a chafurdar nas cores. Com o passar do tempo e com o aumento das responsabilidades laborais e familiares, apercebi-me que aquele era um passatempo caro. Por volta dos 25 anos comecei a dedicar-me à invenção de personagens e peripécias. Afinal, uns papéis e uma caneta eram utensílios baratos e também permitiam que eu desse asas à vontade de disseminar emoções. Aos poucos, descobri que aquelas criações me davam uma inesperada tranquilidade e um especial prazer. Posso dizer que a escrita se tornou essencialmente uma atividade terapêutica, altamente recomendada contra os inquietantes ‘stresses’ do quotidiano ou os tédios causados pelas rotinas diárias.

Qual a valência literária de eleição?

Como gosto muito de escrever, prefiro o romance, correndo o risco de enfastiar os leitores com tantos enredos e teorias.

Quais as motivações para escrever?



Não sei se são motivações. Serão mais necessidades. A necessidade de retirar de dentro do cérebro ideias que por lá andam a saltitar, por vezes durante vários dias, meses ou até anos. A exigência de criar uma narrativa que seja uma forma de pelejar contra todas as atitudes que considero injustas, mas que teimam em proliferar pelo mundo. Vivemos tempos tão absurdos! O nosso modo de vida está a ser colocado em causa por radicalismos políticos e religiosos. A poluição e as pandemias ameaçam a nossa existência. Basta ver os noticiários televisivos e encontramos logo diversas temáticas que facilmente serviriam de base para um bom romance.

E o Alentejo, também pode ser um bom mote de inspiração?

O silêncio do Alentejo é uma enorme vantagem e as paisagens, amplas e luminosas, são sempre inspiradoras. O Alentejo é o cenário de todos os contos que publiquei e também está presente em muitos dos capítulos do romance “A Vingança das Vagas”.

Ser alentejano e viver no Alentejo representa algum tipo de constrangimento para o consolidar da carreira literária?

Qualquer escritor que viva no interior do País pode queixar-se de constrangimentos,

tal como a maioria dos empresários ou dos trabalhadores de variadíssimas áreas que pretendam divulgar e desenvolver as suas atividades. Claro que, na atualidade, os meios de comunicação digital permitem uma aproximação mais célere e mais fácil às grandes editoras sediadas em Lisboa ou no Porto. Contudo, os mais importantes eventos literários continuam a ocorrer nessas grandes cidades ou em cidades relativamente próximas delas.

Dos trabalhos desenvolvidos ao longo da carreira, quer destacar algum mais marcante? Tenho de nomear “A Vingança das Vagas”, pois foi o único romance que publiquei. Publiquei a obra em 2012 e nunca mais a reli, pois tenho muitas dificuldades em dar as coisas por terminadas e tenho a certeza que, caso a voltasse a ler, ficaria profundamente irritado, pois descobriria três ou quatro capítulos para alterar ou eliminar. Acho que a minha urgência em publicar o primeiro romance e os prazos impostos pelo editor foram adversos para a revisão e maturação do que já estava escrito. Atualmente, já não sofro dessa pressa. Escrevo demoradamente, calmamente, verdadeiramente à alentejana. E sigo uma premissa que ouvi numa entrevista ao escritor António Lobo Antunes: “Não é escritor quem escreve 300 páginas. É escritor aquele que após escrever

300 páginas só aproveita uma”.

Que opinião tem sobre o universo literário em Portugal?

Vou expor aqui a minha opinião dando um exemplo que terá de ser interpretado nas entrelinhas. Para se colocar no mercado um livro com hipóteses de ter bons índices de vendas são necessários um bom escritor e um bom editor. O autor está encarregue da função de mãe. Ele traz o livro dentro de si, durante muitos meses, e vai parindo a obra aos poucos para o papel. Também cabe ao autor ler e reler a sua criação até que a considere suficiente madura para ser enviada para o editor. Atingida a fase em que há interesse pela publicação da obra sugerida, o editor terá de assumir-se como uma parte bastante importante no desenvolvimento do livro. Terá de fomentar os esforços necessários para que o livro beneficie de um apurado processo de revisão. Posteriormente, após a edição da obra, e antecipando a sua chegada às livrarias, o editor deverá concretizar uma eficaz promoção do livro. Em Portugal existem algumas editoras que trabalham desta forma, outras não.

Como tem vivido este período de ‘stand by’ no mundo?

Em ‘stand by’. Contudo, devo salientar que o confinamento também pode ser um aliado de quem se dedica à escrita. A elaboração de um livro exige sempre uma grande dose de confinamento. Já a venda do dito livro só se conseguirá concretizar se existir um certo... desconfinamento.

Que sonhos literários “moram” em José Teles Lacerda?

Muitos, sempre muitos, e a empurrarem-se uns aos outros dentro do meu cérebro. Em simultâneo, todos exigem a tal passagem para o papel.

O que está na “manga”?

No mês passado dei por terminado um romance. Não sei muito bem o que vou fazer com ele. Talvez propor para edição, talvez enviar para algum concurso literário. É um romance que tem algumas potencialidades interessantes, mas por enquanto está trancado na gaveta onde coloco as obras já terminadas. O tempo dirá se o enterrei na gaveta ou se o semeiei. Se o que escrevi naquelas folhas for editado, poderei afirmar que se deu o parto de um livro. Caso nenhum editor se interesse pela obra, então ocorreu um aborto feito de páginas e de palavras. Não estou muito preocupado com isso, já ando entretido com a escrita de outro romance.

FILATELIA

GEADA DE SOUSA

“SEARA NOVA” FILATELIZADA PELA PRIMEIRA VEZ

No último dia 15 de outubro, os correios puseram em circulação a emissão “Seara Nova – 100 Anos de Ação e Pensamento Crítico”. Foi neste mesmo dia, mas de 1921, que um grupo de intelectuais editou o primeiro número da revista “Seara Nova”. Os selos, têm a franquia de 0,54 e 1,00 euro, e o design é de AF Atelier.

No selo de 0,54 euros veem-se, tendo por fundo um texto que ostenta o famigerado “visado pela Censura”, uma fotografia que nos mostra sete intelectuais que marcaram o pensamento e as letras portuguesas na primeira metade do século XX numa reunião preparatória da criação de uma revista que se pretendia ser “um espaço de diálogo, de abertura às ideias do progresso, de rigor ético, de investigação e de divulgação cultural”.

Os intelectuais retratados são: Teixeira de Pascoais, Faria de Vasconcelos, Raul Proença, Câmara Reis, Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro e Raul Brandão, estes últimos já filatelizados em emissões anteriores.

Para além destes fundadores, e desde a sua fundação, pelas páginas da “Seara Nova” passaram incontáveis autores cujo contributo foi essencial para o seu elevado prestígio que, mesmo ao longo do período negro de mais de 40 anos, que marcou o nosso século XX, fizeram delas uma referência. O selo de 1,00 euro mostra-nos a capa de dois dos seus números.

LEILÃO DO ATENEU O Núcleo Filatélico do Ateneu Comercial do Porto (Nfacp) vai realizar no próximo dia 27 de novembro o seu 74.º Leilão, que decorrerá na sua sede, na Rua Passos Manuel. Os lotes já se encontram disponíveis em www.nfacp.com e em live.nfacp.pt. Irão estar em praça 1905 lotes de peças que abrangem todas as classes filatélicas. Da classe literatura estarão disponíveis 36 lotes, dos quais destacamos o número 62 - trata-se de uma edição especial de 200 exemplares da 30.ª edição do Catálogo Simões Ferreira, comemorativa do Centenário do Selo Postal Português (1953), assinados e numerados pelo editor (Artur de Vasconcelos). As propostas devem ser enviadas a isabelvieira4@gmail.com. A versão em papel que habitualmente o Nfacp edita para todos os seus leilões, será distribuída ainda este mês. O núcleo também já agendou o seu 75.º leilão filatélico. Foi marcado para o dia 4 de junho de 2022. Os lotes para este leilão devem ser remetidos até ao dia 31 de dezembro para Isabel Vieira Rua Horácio Marçal, 267-7.1. B; 4200-003 Porto.

CFP CELEBRA ANIVERSÁRIO O Clube Filatélico de Portugal vai assinalar a passagem do seu 78.º aniversário com um convívio inter-sócios, que irá decorrer às 20:00 horas da próxima sexta-feira, dia 5 de novembro, no Hotel Júpiter, situado na Avenida da República, em Lisboa. Como habitualmente acontece nesta ocasião, a oportunidade será também aproveitada para a entrega aos associados das medalhas de 25 ou 50 anos de associado e os “Globos de Ouro”, troféu criado e atribuído pelo CFP a personalidades por si escolhidas.



À MESA

ANTÓNIO CATARINO

COZINHA SIMPLES E SABOROSA NA TASCA DA CALÇADINHA

A simplicidade dos lugares encontra, muitas vezes, correspondência na qualidade da cozinha, feita à base de ingredientes regionais. O viajante que segue, apressado, pelo IP2, entre Portalegre e Estremoz, mal dá conta do cabeço arredondado que, a meio daquele percurso, surge à margem da rodovia.

É uma colina de base rochosa, um monte forte, coroado pelo que resta de um velho castelo. É Monforte, a vila alentejana que se destaca no horizonte moldado por campos salpicados de sobreiros e de azinheiras.

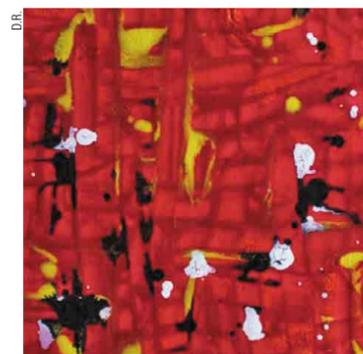
Mais em baixo, uma ponte medieval, construção que remonta ao século XIV - há quem defenda ser de origem romana a primitiva forma - é referência nas proximidades do terreiro povoado por três igrejas, A meio da encosta, os templos de Nossa Sr.ª da Conceição, o mais antigo; Calvário e S. João Batista são os vértices de um curioso triângulo desenhado como um dos símbolos da vila.

No acesso a partir do IP2, não se torna difícil encontrar a Tasca da Calçadinha, restaurante sem grandes luxos. É mesmo uma casa simples, um espaço com ambiente e gestão familiar com uma cozinha que privilegia os sabores da comida alentejana. Rica pela diversidade e aromas, elaborada à base de ingredientes da região, a maioria sazonais.

Uma cozinha simples e caseira, que aconchega o estômago, seja através das ditas especialidades da casa - ensopado de borrego e cozido à portuguesa - ou de outros pitús de essência alentejana. A galinha de tomatada é um deles; outro, o feijão com mogango, a abóbora cor de laranja que pode ser assada no forno ou utilizada nos fritos tradicionais de Natal. As túberas, as trufas alentejanas, que crescem junto à base dos sobreiros desde fevereiro até aos primeiros dias da primavera, quando surgem, são outro petisco muito saboroso.

No dia-a-dia, as opções são variáveis: na lista, podem surgir sopa de cação ou de tomate ou de beldroegas ou carpa frita com molho de poejo. Outras opções mais substanciais podem igualmente figurar na lista: feijoada de chocos; língua estufada; mão de vaca com grão; bochechas de porco estufadas; omeleta de espargos; e cozido de grão.

Nas sobremesas, a doçaria alentejana remata com toda a dignidade uma refeição bem acompanhada com um dos vinhos de produtores da região, à altura da comida caseira, simples e muito saborosa da Tasca da Calçadinha, em Monforte.



EXPOSIÇÃO DE ANTÓNIO CATURRA EM ALJUSTREL

Está patente ao público até ao próximo dia 13 de novembro, nas Oficinas de Formação e Animação Cultural, em Aljustrel, a exposição “António Caturra – 50 anos de histórias”, uma mostra que junta vários trabalhos do autor, nomeadamente, de pintura, de escultura e de desenho. António Caturra é amante de todas as artes e praticante de algumas, como a música, o teatro, a literatura e, principalmente, as artes visuais. Nasceu em Beja, em 1957. No seu currículo conta com várias exposições individuais e coletivas, tendo-se iniciado nas artes plásticas na década de 70. Também realizou diversos trabalhos de cenografia e foi premiado, em 1995 e em 2000, no concurso de artes plásticas Galeria Aberta. Tem obras de pintura e de escultura mencionadas nos livros “Arte Contemporânea na cidade de Beja” e “Pensar.te”. Em 2018, lançou o romance “O Grande Projeto”.

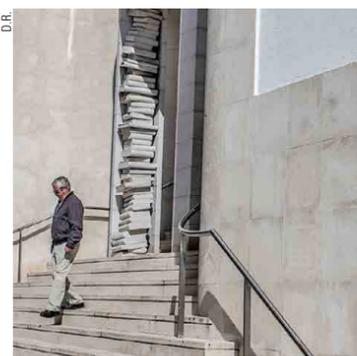
MÊS DO VINHO REGRESSA À VIDIGUEIRA

A Adega Cooperativa de Vidigueira, Cuba e Alvito retoma o tradicional Mês do Vinho, a partir do próximo dia 6 de novembro, tendo agendados vários eventos. A programação abre com a inauguração da Taberna dos Arcos, em Vila de Frades, acompanhada de uma prova do novo vinho de talha. A 11 de novembro terá lugar o Magusto na Adega, uma comemoração do São Martinho e a 26 será feito o lançamento do vinho VDG TANNAT. A programação encerra a 11 de dezembro com o evento Talha DOC. Segundo José Miguel Almeida, presidente da cooperativa, a iniciativa é retomada para “assinalar a importância dos vinhos novos e aproximar os clientes” da adega.

EXPOSIÇÃO “DESCANTE” NO MUSEU DA RURALIDADE

Foi ontem, dia 28 de outubro, inaugurada no Museu da Ruralidade, em Entradas, a exposição coletiva itinerante “Descante”, que visa celebrar o Cante Alentejano, através de um desafio lançado a um conjunto de artistas de várias áreas. Segundo a Câmara de Castro Verde, a iniciativa “consiste na combinação de vários talentos que foram desafiados a desconstruir” o Cante Alentejano, “cada um com uma expressão artística diferente”, desenvolvendo uma obra relacionada com o Cante, o trabalho e o modo de vida. “Ao entrar na exposição irão ser despertados dois sentidos, a visão, que irá ser despertada à entrada da exposição com as várias obras artísticas apresentadas e a audição que, ao longo da exposição, será despertada através de um trabalho musical de ambiente criada para o efeito com a temática presente na

exposição”, sublinha a autarquia, acrescentando que a mostra “apresenta-se com instrumentos de acessibilidade destinados a pessoas com deficiência ou incapacidade (motora, auditiva, visão ou intelectual”. A exposição estará patente até ao próximo dia 27 de novembro.



BIBLIOTECA DE BEJA RETOMA CLUBES DE PAIS E FILHOS

A Biblioteca Municipal de Beja anunciou que irá retomar os clubes de pais e filhos. Desta forma pretende “continuar à

caminhada junto das famílias e partilhar momentos de fruição, aprendizagens, crescimento e estreitamento de laços, onde o livro é o ponto de partida e de chegada”. As inscrições estão abertas até ao próximo dia 13 de novembro. “Histórias para fazer Tem Tem”, dos seis aos 24 meses, “Patati Patáta”, dos 24 aos 36 meses, e “Histórias de Déu em Déu”, dos três aos cinco anos, são os projetos com inscrições abertas.

AMPHORA WINE DAY MARCADO PARA 13 DE NOVEMBRO

Cerca de 30 produtores de vinho de talha portugueses e estrangeiros vão “desvendar” as suas novas colheitas durante um evento a realizar no próximo dia 13 de novembro, na Herdade do Rocim, entre a Vidigueira e Cuba. Intitulada Amphora Wine Day, a iniciativa conta com a participação de produtores do Alentejo, mas também oriundos da Geórgia e de Itália, entre

outros, e já se realiza desde 2018, tem reunido perto de mil pessoas na Herdade do Rocim, um dos produtores de vinho de talha.



OBRA DO FOTÓGRAFO ARTUR PASTOR REUNIDA EM LIVRO

A obra de Artur Pastor (1922-1999), considerado um dos mais notáveis fotógrafos portugueses do século XX, e autor do mais importante acervo de imagens do Portugal rural dos anos 1940-1990, acaba de ser reunida em livro. O acervo deixado por Artur Pastor, composto

por milhares de negativos com imagens de caráter documental e artístico, ficou preservado num fundo com importância do ponto de vista histórico, sociológico e etnográfico, sendo um dos mais requisitados de todos os acervos do Arquivo Municipal de Lisboa, tanto para reprodução de imagens, como para a realização de exposições em vários pontos do País, já tendo passado por Beja.

PERCURSO TEMÁTICO “DO CASTELLO ATÉ PISÕES”

A Câmara de Moura promove no próximo domingo, dia 31, mais uma edição do Percurso Temático da Água “Do Castello até Pisões”, que irá ligar o Castelo de Moura, local da primeira unidade de exploração da marca, à unidade de Pisões. A autarquia lembra que o percurso resultou da assinatura, em janeiro de 2020, do protocolo entre a Câmara de Moura e a empresa que detém a marca.

PUB

FESTIVAL DAS MARIAS

04 a 13
novembro

teatro
música
cinema
dança
conversas
oficinas

Festival Internacional de Artes no Feminino

lendas.dencantar | festival.marias

lendasdencantar | festivaldasmarias

www.lendasdencantar.com

CO-PRODUÇÃO: lendas dencantar, CA BAC

FINANCIADA POR: DEPARTAMENTO REGIONAL DE ARTES, FESTIVAL ARCAICO BEJA

MEIUS PARTNERS: GRÁFICA, RTP2, ANTENA 1

FESTIVAL DAS MARIAS PT E BRASILEIRO APOIADO: Diário do Alentejo, DEPARTAMENTO REGIONAL DE ARTES, IBEM MÚSICAS



9 771646 923008 0 2 0 6 2

NADA MAIS HAVENDO A ACRESCENTAR...

VÍTOR ENCARNÇÃO

Furos A minha cabeça chegava a pouco mais de meio do balcão de mármore, apoiados nos cotovelos os homens bebiam vinho e contavam partes, as cardas das botas riscando o chão de cimento, as mãos grandes e ásperas, as boinas encardidas de suores, a terra antiga nas unhas, os dedos amarelos das mortaldas, as vozes cruas como restolho. De onde eu estava, à altura dos cintos de couro que apertavam os ceifões, à altura das correntes dos relógios de algibeira, eu tinha de olhar para cima para conseguir ver o objeto da minha perdição. O cartaz a quatro cores, quatro quadrados, o Benfica, o Porto, o Sporting, o Vitória de Setúbal, pendurado num prego na parede, um lápis pendurado num fio, letras que diziam sai sempre um bom

prémio, fure já, o meu pai é que me disse o que dizia, eu ainda não sabia ler, ao lado o mostruário de prémios, as lanternas, os canivetes, os isqueiros, os chocolates, cada um com um número, e aqueles números dentro das quadrículas, vinte e cinco tostões cada furo, eu trazia dinheiro para dois, o dono do café foi buscar o cartaz e o lápis e eu furei as duas vezes, eu em êxtase, uma vez, duas vezes, eu sabia os números até dez, mas o lado de trás estava branco, uma vez, duas vezes, não consegui conter as lágrimas, já me ia embora quando um homem me chamou, eu pago-te um furo mas tem de ser no quadrado do Sporting. O lápis fez aparecer um número, era um canivete. Nunca mais mudei de clube.

QUADRO DE HONRA VÍTOR BARROS, 62 ANOS, NATURAL DO PORTO



Licenciado em Direito e em Línguas e Literaturas Modernas, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Exerceu a atividade docente, durante quatro anos letivos, no Baixo Alentejo. Atualmente exerce essa mesma função na Baixa da Banheira, Moita, lecionando Português na Escola Mouzinho da Silveira. Publica, com regularidade, artigos em livros, revistas e jornais, no âmbito da língua portuguesa. É transmontano por filiação e cultura.

Promover a linguagem popular "cabe a cada de um de nós"

"Dicionário de Linguagem Popular do Alentejo", da autoria de Vítor Barros

Foi recentemente publicado, pelas Edições Colibri, o "Dicionário de Linguagem Popular do Alentejo", da autoria de Vítor Barros, obra que reúne parte significativa do vocabulário usado na província alentejana.

Como nos apresenta este seu livro?

É um livro honesto, fruto de "trabalho de campo" e aturada investigação bibliográfica, que, ao contrário de alguns, reconhece o contributo insubstituível de diversos e bons seareiros, não fazendo passar por seu o que se deve ao labor de outros. É, pois, o resultado de um trabalho silencioso e metódico de quem tem respeito pelas palavras, pelos informadores e pelos coletores que as coligiram.

Como classifica o valor da linguagem popular para a identidade das gentes deste território?

O seu valor é incomensurável. A identidade cultural do povo alentejano não está só presente na sua paisagem, na

sua gastronomia, no seu cante, na sua arte, mas também na sua linguagem. Este é um meio, talvez o principal meio, para expressar as idiossincrasias (emoções, carácter...) das gentes alentejanas. É também uma forma de resistência à uniformização linguística promovida pelos meios de comunicação social.

É a riqueza da linguagem popular diretamente proporcional à interioridade, ao isolamento das populações que a "constroem"?

Não sei se é diretamente proporcional, mas tem, sem dúvida, um peso significativo. Ela confronta-se diariamente com a globalização da linguagem corrente promovida pela escola e os "mass media". É possível que nesse confronto saia golpeada, mas não mortalmente ferida. Cabe a cada de um de nós promovê-la. Este dicionário é o meu pequeno contributo.

Não tendo raízes no Alentejo o que o impulsionou a elaborar este trabalho?

Não sou alentejano, mas gosto do Alentejo e dos alentejanos. Foi em Mértola que fiz as melhores amizades: a professora Manuela Silva, da Mina de São Domingos, foi, para mim, a irmã que não tive. Foi aí que despertei para a especificidade linguística alentejana. A ideia do dicionário foi amadurecendo com as conversas entre copos com alguns amigos alentejanos da diáspora, residentes, tal como eu, na Baixa da Banheira.

O que gostaria que este livro apresentasse aos seus leitores?

Gostaria que os leitores/usuários deste dicionário o vissem como um gesto de carinho pelo Alentejo e os alentejanos.

Como nos apresentaria esta obra em linguagem popular alentejana?

Agora cá! A sua questão é muito exigente, e, por isso, vou fazer querena ao pedido, para evitar um abusinhão de palavras.

JOSÉ SERRANO



OBRAS DE 1,5 MILHÕES NO MUSEU DE BEJA VÃO SER ADJUDICADAS

A direção da Associação Portas do Território (APT) deliberou adjudicar a obra do Museu Regional Rainha D. Leonor, em Beja, orçada em cerca de 1,5 milhões de euros. O valor será suportado por fundos comunitários, pela Câmara de Beja e pela Direção Regional de Cultura do Alentejo na contrapartida nacional não financiada. De acordo com o presidente da Câmara de Beja, Paulo Arsénio, o contrato será assinado ainda este ano, devendo as obras, com duração prevista de 18 meses, ter início em janeiro ou fevereiro de 2022.

PORTO DE SINES VOLTA A CRESCER

O Porto de Sines cresceu 16,9 por cento em todos os segmentos de carga nos primeiros nove meses deste ano, face a período homólogo de 2020, com uma movimentação total de 35,9 milhões de toneladas. A Administração dos Portos de Sines e do Algarve (APS) revela que este registo permite ao porto alentejano "consolidar a posição de líder nacional em volume de carga, responsável por mais de 50 por cento do total movimentado no país".

PROFESSORES FAZEM GREVE EM NOVEMBRO

A Fenprof e FNE convocaram para o próximo dia 5 de novembro uma greve nacional de professores e educadores no próximo. Os sindicatos acusam o Ministério de Educação de "bloqueio negocial", que se estende há anos. Manuel Nobre, presidente do Sindicato de Professores da Zona Sul, sublinha que a profissão "não pode continuar a oferecer aos jovens que se queiram formar, 10, 20, 30 anos de precariedade".

FESTIVAL DAS MARIAS PROMOVE ARTES NO FEMININO

O Festival das Marias - Festival Internacional de Artes no Feminino realiza-se em Beja, Aljustrel, Mértola, Santiago do Cacém e Grândola, de 4 a 13 de novembro. Com várias propostas de diversas áreas artísticas (como dança, teatro, música, cinema e 'workshops'), o evento procura "potenciar a dimensão distintiva da criação feminina". O programa, em Beja, inclui a atuação de Fafá de Belém, dia 4 de novembro, no Pax Julia; Labaq atua na Capricho Bejense, dia 6. Silly e Francesca Ancarola no Pax Julia, dia 11, a cujo palco subirão Putas Rancheras, no dia 13, sempre às 21:00 horas.

PUB



Rua Alexandre Herculano, 7
7800-030 Beja
(+ 351) 961 934 618



SINTA-SE EM CASA
APROVEITE O NOSSO CONFORTO

hostelbeja@gmail.com
www.hostelbeja.com